

**UNIVERSIDAD POLITÉCNICA SALESIANA**

**SEDE QUITO**

**CARRERA: ANTROPOLOGÍA APLICADA**

**Tesis previa a la obtención del título de: Licenciado/a en Antropología  
Aplicada**

**TEMA:**

**O significado identitário do reggae para a comunidade no bairro  
popular de São Francisco de São Luís – Maranhão – Brasil**

**AUTORA:**

**Lucimar Ferreira Carvalho**

**DIRECTOR:**

**Luis Alberto Herrera Montero**

**Quito, octubre 2011**

*A Deus que me concedeu a graça da vida.  
Aos guias de luz que me conduziram por todo este trabalho.*

## **Agradecimentos**

Ao meu filho, meu constante companheiro, atento observador e ‘cuidador’ nas diversas fases da nossa vida.

À minha compreensiva mãe, meu pai, meus irmãos, meus queridos sobrinhos: Augusto e seus filhos Maria Eduarda, Maria Clara e Samuel, Danilo e Breno; minhas sobrinhas: Elisa e seu lindo Arthur Guilherme, Poliana e seus filhos Fábio Júnior e Lara Sofia, Bruna, por compreenderem minha forma de viver e que me acompanham nas mais diversas experiências que inventamos fazer.

Aos diversos amigos que a vida me proporcionou conhecer nas suas mais diversas fases e que ajudaram e ajudam a enriquecê-la. Aos companheiros da preciosa Ilhinha que conheci através de Santo Antonio e São Francisco que me conduziram a uma rica experiência de perseverança e esperança, conflitos e solidariedade. À Rita e Marcelo por serem acima de tudo Amigos e Companheiros.

Aos grupos de colecionadores de reggae roots por terem acolhido e compreendido este trabalho, por propiciarem a sua realização através dos diversos eventos e conversas e principalmente pela confiança nele depositada.

Ao projeto de Antropologia Aplicada sede São Luís, que me proporcionou conhecer pessoas, fazer amigos e viver experiências que somente um mergulho nas profundezas da vida pode nos proporcionar. Rosimeire, graças pela sua paciência e amizade. Maria José e Elismar, pela amizade construída e pelo companheirismo nas inquietudes e atribulações para fazer e concluir este curso.

À Antropologia Aplicada sede Quito, seus professores que muito contribuíram para o desenvolvimento do curso nestas terras através da amizade e solidariedade conosco em cada etapa. Luis Herrera pela orientação e solidariedade sempre e principalmente nesta etapa final. Patricio Guerrero, nossa inspiração e poeta maior na Antropologia e que nos conduz no ‘corazonar’ pela vida.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1 CONFORMAÇÃO DA CIDADE DE SÃO LUIS, A ILHA DO AMOR E JAMAICA BRASILEIRA</b> .....	13
1.1 O Bairro do São Francisco – Conformação histórica e social.....	22
<b>2 REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS SOBRE O REGGAE</b> ....	35
i. Marco Teórico .....	35
ii. Marco Metodológico.....	42
<b>3 O REGGAE – PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NA RELAÇÃO JAMAICA–MARANHÃO – SINCRETISMO, MISTIÇAGEM E HIBRIDAÇÃO</b> .....	47
3.1 O Reggae, o rastafarismo e Bob Marley .....	47
3.2 Trajetória histórica e consolidação cultural do reggae no Maranhão .....	67
3.3 O reggae em São Luis: seus discursos, nuances e conflitos.....	72
3.3.1 Reggae, música para dançar ou construção simbólica e identitária? .....	73
3.3.2 Usurpação simbólica, conflitos étnico-sociais e re-significação – a diversidade de sentidos do reggae maranhense.....	78
<b>4 A MASSA REGUEIRA EM AÇÃO: O REGGAE COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO HUMANA E SOCIAL</b> .....	89
4.1 O reggae e o conflito social – da discriminação para o reconhecimento social: a re-construção da categoria ‘regueiro’ .....	98
4.2 Símbolos e discursos na revitalização identitária e política no bairro do São Francisco .....	106
4.3 As potencialidades do reggae – implicações na e para a sociedade local.....	114

4.4 Dançar e sentir: construindo outras percepções e sentidos a partir do reggae .....	121
<b>CONCLUSÕES</b> .....	126
REFERENCIAS .....	130
ANEXO.....	133

## **Abstract**

Trabajo de investigación antropológica en la comunidad reguera del barrio de San Francisco, de la ciudad de São Luis, Maranhão, Brasil. Demuestra el potencial del reggae para la revitalización de la identidad, la revitalización del compromiso social y humano. A su vez demuestra que el gobierno no cumple su función de generar políticas públicas y culturales más eficaces pues "usurpa simbólicamente ' el reggae a favor de una visión política estrecha, ya que pone el reggae sólo como producto turístico. Se observa que el potencial económico es el más notable y por lo tanto más buscado por aquellos que viven del reggae y de los que consideran la oportunidad para vivir de él.

Mira acerca de la diáspora caribeña desde una perspectiva de que la música reggae se ha establecido a través del incipiente proceso de globalización en los años 70, en la ruta del Caribe - Norte / Noreste de Brasil. El perjuicio al reguero ha denunciado desde su creación aún se puede notar hoy en día no sólo en la sociedad, pero sobretodo dentro de los organismos públicos, especialmente a los responsables de la seguridad pública. El descubrimiento de que el movimiento se auto-organiza, articula, apunta a superar el estigma y realce periférico de la clase de donde viene el movimiento reggae roots. El movimiento reguero articulado, organizado, en última instancia, acaba por subvertir la relación de dominación y subordinación histórica desde su propia mitad, de su propia subjetividad, la llamada "subversión cultural" a su manera de sentir, ser, y soñar.

*Vou te confessar uma coisa: se eu não curtisse, gostasse de reggae, eu acho que nem existiria mais. O reggae é foda, é muito forte, ele tem uma energia positiva. Mas, se for 'traíra' dentro dele, ele mesmo te 'derriba', te dá uma rasteira e é difícil de levantar.*

**Cabeça Roots**

## INTRODUÇÃO

O reggae na cidade de São Luís se tornou com o passar dos anos uma questão bastante questionadora em diversos aspectos, no social, no econômico e agora também no político. O crescimento do ‘movimento regueiro’ na cidade e sua expansão justamente sobre a parte da população mais excluída da sociedade traz uma reflexão sobre a influência de um estilo de música sobre o comportamento desta população e sua conseqüente re-ação que derruba estigmas e preconceitos baseado em novas posturas de ser, agir e pensar, re-ação que se insere num contexto de poder, exploração e de dominação social e econômica e que se reflete nos ônibus completamente lotados vindos dos bairros da periferia para os bairros ‘centrais’ ou comerciais da cidade. Uma cidade que não foi projetada para receber a quantidade de migrantes vindos do interior do Estado e nem tampouco atualmente conta com a disposição do poder público para alterar essa realidade. Uma cidade que vê nos finais de semana ‘regueiros guerreiros’ dançando, bebendo, sorrindo, se divertindo apesar dos ‘aperreios’ do dia-a-dia. Regueiras, guerreiras que constantemente estão com seus parceiros nos salões de reggae da cidade, curtindo suas ‘pedras’ e que às vezes enciumadas demarcam seu território quando deparam com uma figura ‘diferente’ na área.

Fazer um trabalho antropológico etnográfico dentro da sua própria urbe inicialmente poderia ser visto como fácil, porém, apresentou-se um verdadeiro desafio frente aos muitos obstáculos enfrentados no decorrer do trabalho que beirou inclusive a oferecer situações constrangedoras, delicadas e porque não dizer sem exageros... perigosas. Mas, o fazer antropológico estava palpitando para ser completado, as emoções teimavam em querer ser visualizadas e analisadas, o igual nunca pareceu ser tão diferente. A antropologia que no Brasil a partir dos anos 1970 inseriu as cidades ao campo da investigação com maior vigor, trazia na passagem dos séculos XIX para o XX a análise centrada nos cultos afro-brasileiros, populações de origem africana, estudos de comunidade, além das relações inter-étnicas e dos grupos tradicionais. A inserção das favelas nos estudos antropológicos iniciou também outra área de investigação: os ‘nossos’ próprios universos de origem com a ordem de

‘estranhar o familiar’<sup>1</sup>. Essa aproximação da análise antropológica de situações próximas, conhecidas do antropólogo, por certa parte facilita a inserção do investigador no seu campo proposto através das suas relações já existentes, porém, não de todo ‘familiar’ já que a proposta de uma investigação antropológica seria justamente nos aprofundarmos nas nossas inquietações ‘familiares’. Gilberto Velho que já conduziu vários trabalhos dentro da perspectiva da sociedade urbana remete a Simmel a análise das sociedades urbanas e sua multidimensionalidade. As contradições e ambiguidades próprias de uma sociedade que apresenta indivíduos com variados pertencimentos permitem termos um ‘estranhamento crítico diante do próximo’, e que no meu caso específico não estar inserida em um grupo de colecionador de reggae, mas, ser apenas uma freqüentadora de festas, possibilitou uma análise suficientemente crítica do movimento, bem como o levantamento de suas potencialidades e também... debilidades. O trabalho com pessoas da mesma comunidade se por um lado se mostrou prático, por outro lado, também possibilitou o surgimento de sentimentos bons e maus que no final da pesquisa culminou em certos distanciamentos desnecessários. Mas, a antropologia por seu caráter interacionista já poderia ter ampliado este trabalho para uma extensão para a psicologia social que ajudaria na análise das relações e reações de determinadas figuras do movimento reggae. No entanto, como disse o mesmo Gilberto Velho, cada pesquisador deve buscar suas próprias trilhas e... desvios possíveis, sem receitas, mas sim, estratégias.

Tomando por base uma análise social a partir de outras re-leituras na área da investigação, este trabalho busca relacionar a partir da própria ótica do ‘regueiro’ sua posição frente ao movimento que faz parte, agregando também opiniões de pessoas que não necessariamente são ‘adeptas’ ao movimento, mas de uma forma ou de outra estão inseridas no contexto em que se encontra o movimento. Tentei evitar dentro do possível termos como informantes, objeto de investigação e entendi estar mais dentro do perfil deste trabalho tratar as pessoas que foram passando por ele como regueiros, regueiras, interlocutoras, ou mesmo o seu próprio nome. A observação participante não se figura como o centro deste trabalho<sup>2</sup>, mas sim a fala, as palavras, os odores, os sentimentos que percebi estarem contidos nas diversas

---

<sup>1</sup> Cfr. VELHO, G, Gilberto e KUSCHNIR, Karina, (orgs.) *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*, 1ª edição, Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro-Rio de Janeiro, 200, p. 15

<sup>2</sup> Porque o termo ‘observar’ acaba sendo por demais restrito às emoções que ‘rolam’ numa festa de reggae.

expressões das pessoas com a qual mantive contato. Os depoimentos gravados são importantes, porém, o compartilhar de uma música, de uma garrafa de cerveja, uma parte<sup>3</sup>, conversas informais depois de várias rodadas, tudo isso colaborou e está presente em cada página deste trabalho antropológico.

Desde cedo escutava da minha casa a música vinda do clube Espaço Aberto que nos finais de semana se enchia de pessoas para dançar o reggae. Reggae que para minha família um tanto tradicional não nos era permitido frequentar, fora minha irmã mais velha que se aventurava a ir, mesmo contra a vontade dos meus pais. O contato mais próximo com o reggae já era – observe-se isso – na época de carnaval, durante os vesperais no Clube do Bento, próximo da minha casa e no qual nos era permitido frequentar até as 19 horas. Antes da festa estar ‘pegada’, os reggaes tradicionais rolavam, foi então que tive os primeiros contatos com a dança, com o ritmo, com a música reggae. Depois de muitos anos que tive a oportunidade de frequentar um salão de reggae, o Roots Bar, localizado no projeto Reviver, centro da cidade, através de um amigo. Daí em diante o espírito inquieto e a observação de que havia por trás do reggae muito mais do que simplesmente uma música que se dançava, e que na verdade existia todo um complexo de relações e sentimentos, surgiram os primeiros questionamentos: magnatas do reggae? Políticos do reggae? Reggae é coisa de preto e de pobre? Polícia bate em regueiro preto e pobre por ele fumar a maconha, mas não bate no de classe média que está nos bares mais frequentados pela elite e que utiliza não apenas a ‘erva’? Ou seja, muita inquietação e uma monografia na área da antropologia que estava por vir ‘casou’ os interesses.

A análise social que superficialmente tento fazer não irá comportar todas as vertentes deste movimento e a complexidade de sua abrangência, porém, já anima por propiciar uma outra perspectiva de leitura do movimento, não apenas antropológica, mas que busca a partir do próprio sujeito do movimento, se colocar como sujeito também crítico e reflexivo deste movimento e suas implicações sociais. Uma perspectiva de investigação antropológica dentro de marcos teóricos que desafiam para uma construção real do ‘nós-outros’ de maneira dialógica e reflexiva, crítica e dialética.

---

<sup>3</sup> A expressão ‘uma parte’ significa dançar uma música com o parceiro.

O primeiro capítulo traz informações geográficas, históricas, sociais e culturais sobre a Cidade de São Luís, Estado do Maranhão. Para poder entender o contexto histórico da cidade e sua relação com o reggae foi necessário trabalhar um pouco as relações conflitantes entre a cultura popular (música, dança) das classes menos favorecidas representadas neste caso por descendentes de negros e indígenas que no primeiro caso foram e ainda são a maioria da população local. O preconceito e discriminação com as expressões culturais vindas destes segmentos sempre foram vistas e tratadas de forma pejorativa e negativa. Dentro do mesmo capítulo que trata especificamente do bairro do São Francisco, o resgate histórico me proporcionou informações que antes desconhecia e me surpreendeu. Por fim, ao multiplicar as informações sobre o bairro percebi a necessidade que temos de documentar, registrar informações que vão se perdendo no tempo e no espaço quando não são devidamente guardadas, armazenadas. Observo então nesta questão a necessidade que o analista social tem de conhecer e registrar o seu próprio local de vivência.

O marco teórico e metodológico que norteia este trabalho e que está descrito no segundo capítulo, traz inicialmente Patrício Guerrero e sua concepção de cultura como uma ‘luta de sentidos pela vida e para mudar a vida’ é como tentamos trabalhar a cultura do reggae e principalmente nos seus grupos de colecionadores onde se encontra mais articulado e com um maior objetivo o movimento regueiro. As categorias identidades e novas identidades foram observadas tendo como parâmetro Stuart Hall, ele mesmo proveniente da ‘diáspora negra’ e da diáspora caribenha do século XX, além de Garcia Canclini e Fernando Ortiz que nos orienta sobre o hibridismo. O reggae se desenvolve com maior intensidade nas festas e é justamente sobre a festa que fomos buscar uma análise mais sociológica com Durckheim através de Hermano Vianna com sua análise do funk carioca. Na parte metodológica, a abordagem está baseada nas orientações e experiências de Renato Rosaldo que privilegia as narrativas e o papel do antropólogo(a) como um(a) analista social, daí a opção por descrever todos os depoimentos tomados por variadas pessoas de uma forma ou de outra ligadas ao reggae. Destaco também como metodologia de trabalho a necessidade de escutar os programas de rádio, a análise de discos de determinados grupos/cantores de reggae com maior expressão para o regueiro/a de São Luís e

principalmente estar constantemente dentro dos eventos do movimento regueiro (reuniões, festas, encontros).

O mergulho na história da ilha da Jamaica para podermos entender o contexto em que movimentos como o rastafarismo, o etiopianismo entre outros, foram concebidos e sua influência (principalmente o primeiro) sobre o reggae e seus representantes é o cerne do terceiro capítulo deste trabalho. Traça o roteiro da viagem do reggae, das ilhas do Caribe passando pelo norte-nordeste brasileiro até chegar a São Luis do Maranhão perpassam o caminho das ondas que circulavam nas décadas de 60 e 70 do século passado. Neste capítulo também estão descritos os depoimentos de pessoas que resgatam a história do reggae no bairro do São Francisco, os primeiros clubes, a perseguição da polícia aos ‘regueiros’ e a diversidade que existe dentro do próprio movimento, suas nuances e conflitos, conflitos internos no próprio movimento e com a sociedade.

O quarto capítulo é mais denso no sentido de que busca dar visibilidade a um aspecto do reggae que não é muito difundido e destacado pela sociedade em geral: o reggae solidário, o reggae cumprindo sua função social e humana importantíssima. O destaque para este capítulo é justamente a potencialidade que o reggae tem na revitalização identitária, na revitalização do compromisso social, humano, que demonstra para a sociedade que o reggae não se resume à alcunha: “ser música de preto e de pobre”, mas que sim possibilita a construção de outros sentidos para o universo regueiro.

# 1 CONFORMAÇÃO DA CIDADE DE SÃO LUIS, A ILHA DO AMOR E JAMAICA BRASILEIRA

Para começarmos este trabalho, é necessária uma contextualização histórica de formação da cidade de São Luis, com seus aspectos geográficos e históricos, bem como culturais, sociais e econômicos.

## **Demografia**

São Luís do Maranhão, também conhecida como "Ilha do Amor", "Atenas Brasileira", "Cidade dos Azulejos" e por último como "Jamaica Brasileira", é a capital do Estado do Maranhão. A cidade se situa na ilha de "Upaon-Açu", nome dado pelos indígenas Tupinambá que aqui residiam a milhares de anos atrás. Além de São Luís, também fazem parte da ilha os municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa, sendo São Luís o maior, com uma área de 1.453,1 km<sup>3</sup>. Localizado no Golfão Maranhense, a cidade conta atualmente com 1.011.943 habitantes, sendo 473.762 homens e 538.181 mulheres, sendo 955.600 moradores da zona urbana e 56.343 habitantes na zona rural. É de clima tropical úmido e vegetação tópica da região pré-amazônica, possuindo um rico e diversificado ecossistema, composto por rios, praias, dunas e manguezais que permeia todo o seu território.

Única cidade brasileira que não foi fundada por portugueses, e sim por franceses daí o seu nome, foi batizada como São Luís em homenagem ao rei francês da época, Luis XIII. A duração da estada francesa, porém demorou pouco, em 1615 os lusitanos comandados por Alexandre de Moura, expulsou os franceses. Em 1641 foram os holandeses comandados por Maurício de Nassau os que tomaram a cidade. Depois de retomada pela coroa portuguesa, a cidade de São Luis foi então colocada como capital juntamente com Belém, da província do Maranhão e Grão-Pará. A São Luís de 1612 a 1755 era uma cidade que não tinha muito comércio, servindo mais como apoio político e base de penetração da metrópole no interior maranhense.

A partir da criação, pelo Marquês de Pombal, da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, em 1755, a cidade de São Luís começou a ter o seu

desenvolvimento econômico mais acentuado devido à comercialização e exportação dos produtos agrários da região (arroz, algodão e couros), enviados para consumo na Europa pós-revolução industrial. Tal papel de exportador dominante na época foi possível também graças à Guerra de Secessão nos Estados Unidos que interrompeu a produção de algodão, abrindo então espaço para o Maranhão fornecer tal matéria-prima para a Inglaterra.

No período que começa em 1755, São Luís recebe forte estrutura de água, esgoto e construções de fontes pela cidade, aumentando o seu nível de conforto colocando-a como a quarta cidade do Brasil depois de Rio de Janeiro, Salvador e Recife. É neste período que também, devido à proibição do uso de escravos indígenas e concomitante o aumento das plantações sobe muito o número de escravos negros. É importante destacar que segundo dados do IBGE/1987 a população do estado totalizava, no final do século XVIII, 4.891.699 habitantes, sendo que destes, 315.960 eram pretos e 23.450 eram declarados pardos, e segundo Goulart (1975, p.155 citado por Carlão) afirma que em 1779, no Maranhão havia 31.722 pretos e 28.573 mulatos.

Os filhos da elite da época eram enviados para estudar no exterior – assim como era costume nas demais grandes cidades da época - enquanto que na periferia da cidade os escravos iniciavam a formação de uma cultura negra muito rica e peculiar no nosso país.

Depois de estar entre uma das três cidades mais populosas do país (depois de Rio de Janeiro e Salvador), esse tempo áureo decaiu, entrou em decadência devido à recuperação da economia norte-americana e pela abolição da escravatura em 1888. A produção agrícola então foi substituída pela indústria têxtil, desencadeando um aumento nas dificuldades econômicas da lavoura maranhense, e formando no interior do estado um campesinato de negros, mestiços e indígenas pobres e alvos de sérios conflitos sociais e sua futura migração para a cidade acabou por colaborar com sua expansão geográfica e o surgimento dos novos bairros na periferia culminando numa marginalização total deste segmento.

## Aspectos étnicos - uma cidade negra

Considerando que aqui no Maranhão se recebeu elevada quantidade de negros escravizados, a maioria da sua população é formada por seus descendentes, em percentuais que certamente definem a trajetória cultural e religiosa de nosso estado, de nossa cidade. Segundo dados do Censo 2000, o Estado do Maranhão é um estado cuja maioria da população é negra (pretos e pardos). Em 2000, a população afrodescendente deste estado formava a oitava maior contingente de todo o país. A capital, São Luís, no Censo 2000 contava com 68,4% da população total constituindo-se de negros. É a décima maior cidade negra do Brasil.

### Composição Racial do Estado do Maranhão, 2000

Composição Racial do Estado do Maranhão, 2000 MUNICÍPIOS DO ESTADO DO MARANHÃO	Composição Racial da População Total				Total
	Negros	Branco	Amarelos	Indígenas	
MUNICÍPIOS NÃO METROPOLITANOS	73,4%	26,0%	0,1%	0,5%	100,0%
AGLOMERADO URBANO DE SÃO LUÍS	68,4%	31,1%	0,2%	0,3%	100,0%
SÃO LUÍS	68,0%	31,5%	0,1%	0,4%	100,0%
ESTADO DO MARANHÃO	72,4%	26,9%	0,1%	0,5%	100,0%

Fonte: LAESER IE-UFRJ a partir dos microdados da amostra de 10% do Censo 2000/IBGE. Negros = pretos + pardos

Dadas as taxas de analfabetismo da população negra, temos então uma noção de como está situada esta parcela da população economicamente e socialmente no nosso estado e mais especificamente, em São Luís:

### Taxa de Analfabetismo da População Maior de 15 Anos, Segundo Grupos de Raça/Cor Selecionados, Estado do Maranhão, 2000

MUNICÍPIOS DO ESTADO DO MARANHÃO	TAXA DE ANALFABETISMO FUNCIONAL		
	Taxa de analfabetismo funcional negro (a)	Taxa de analfabetismo funcional branco (b)	(a/b)
Municípios não metropolitanos	56,7%	47,8%	18,7%
Agglomerado urbano de São Luís	18,8%	12,4%	50,9%
São Luís	17,6%	11,1%	58,6%
Estado do Maranhão	49,3%	39,3%	25,3%

Fonte: LAESER IE-UFRJ a partir dos microdados da amostra de 10% do Censo 2000/IBGE. Negros = pretos + pardos

O indicador de analfabetismo funcional demonstra-se invariavelmente superior para os negros. Esse indicador irá influenciar diretamente no rendimento salarial do trabalhador negro conforme a tabela abaixo:

**Rendimento Médio do Trabalho Principal Segundo os Grupos de Raça/Cor Seleccionados & Sexo, Estado do Maranhão, 2000**

MUNICÍPIOS DO ESTADO DO MARANHÃO	Rendimento Médio Mensal do Trabalho Principal (em R\$)						
	Negros Homens (a)	Negras Mulheres (b)	Branco Homens (c)	Branca Mulheres (d)	(a/b)	(c/b)	(d/b)
MUNICÍPIOS NÃO METROPOLITANOS	227,09	163,84	369,85	164,22	38,6%	125,7%	0,2%
AGLOMERADO URBANO DE SÃO LUÍS	455,12	312,01	974,76	549,76	45,9%	212,4%	76,2%
SAO LUÍS	484,01	324,14	1068,58	594,42	49,3%	229,7%	83,4%
ESTADO DO MARANHÃO	267,86	190,33	502,14	248,53	40,7%	163,8%	30,6%

Fonte: LAESER IE-UFRJ a partir dos microdados da amostra de 10% do Censo 2000/IBGE. Negros = pretos + pardos

As desigualdades são latentes e historicamente construídas.

A tabela a seguir apresenta dados sobre emigração (parcela da população que deixou o município entre os anos de 1995 a 2000) e imigração (pessoas que foram morar no município entre os anos de 1995 a 2000) do município de São Luís, incluindo o processo migratório da parcela da mão-de-obra considerada como qualificada (pessoas com pelo menos 1 ano de ensino superior cursado).

Tabela: Migração no município de São Luis		
Migração	Emigração – Imigração	Emigração Qualificada – Imigração Qualificada
São Luis	-2.082	283
Maranhão	119.902	-1.332
Nordeste	1.076.568	-9.635

Nota: Emig – Imig Qualif = emigrantes qualificados menos imigrantes qualificados. Migrantes qualificados são considerados aqueles com pelo menos 1 ano de ensino superior.  
Fonte: Censo Populacional, IBGE, 1991 e 2000.

### Problemáticas sociais

Dando continuidade a uma análise dos índices apresentados acima, a consequência de um desenvolvimento que não é de forma alguma sustentável é a devastação de grandes áreas de manguezais que circundam a ilha de São Luis,

ocupações sem nenhuma infra-estrutura sanitária adequada, pouca qualidade dos serviços assistenciais à população como a educação, saúde, moradia dignas. Os dados abaixo, divulgados pelo site da organização [www.nossasaoluis.org.br](http://www.nossasaoluis.org.br) nos dão uma ideia de como está a cidade:

- A concentração de renda em São Luis é um dado que pode-se dizer é bastante vergonhoso: em dezembro de 2010, 56,76% dos trabalhadores registrados ganhavam no máximo dois salários mínimos, absorvendo apenas 22,23% de toda a massa salarial. Com 15 ou mais salários mínimos, estavam registrados no mesmo mês apenas 2,86% dos trabalhadores, destinatários de 21,83% da massa salarial (Fonte: RAIS/CAGED/MTE).
- 8% dos nascidos vivos com menos de 2,5 kg são não negros, enquanto 6,82% são negros; (Fonte: DATASUS).
- 38,06% de nascidos vivos cujas mães fizeram menos do que 7 consultas pré-natal são não negros enquanto 66,99% é o percentual dos nascidos cujas mães não fizeram o pré-natal adequado; (Fonte: DATASUS).
- 20,87% das mães adolescentes são negras, enquanto 12,27% são não-negros; (Fonte: DATASUS).
- Gravidez na adolescência - em 2009, 18,3% das mães eram menores de 20 anos, um percentual que vem decrescendo paulatinamente, já que em 2007 era 21,15% e 2008 19,68%, uma queda pequena, porém, esperançosa. (Fonte: DATASUS)
- A reprovação na rede pública é preocupante: em 2008 foram 11,70% alunos reprovados, em 2009 12,90% e em 2010 13,80%, ou seja, são índices que estão constantemente aumentando e levando a uma situação preocupante para a educação pública que vai trazer conseqüências para a segurança pública, a saúde, a moradia, etc. (Fonte: Censo escolar INEP/MEC).

## Aspectos Culturais e Patrimoniais

*Que ilha bela que linda tela conheci  
Todo molejo todo chamego coisa de negro que mora ali  
Se é salsa ou rumba balança a bunda meu boi  
Deus te conserve regado a reggae Oi oi oi oi  
Que a gente segue regado a reggae Oi oi oi oi  
Que ilha bela que linda tela conheci  
Todo molejo todo chamego coisa de negro que mora ali  
Se é salsa ou rumba balança a bunda meu boi  
Deus te conserve regado a reggae Oi oi oi oi  
Que a gente segue regado a reggae Oi oi oi oi  
**Ilha Bela, de Carlinhos Veloz***

Por seu acervo arquitetônico constituídos de prédios da época colonial com seus ricos azulejos, um centro histórico limitadamente restaurado, mas, nem por isso menos valorizado, credenciou a cidade a ser declarada Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO, fato que trouxe muita discussão dado que muitos dos prédios existentes no local encontram-se completamente abandonados e passíveis de serem destruídos pelo efeito do tempo e do descaso particular e do poder público. Esse patrimônio feito de tijolos na verdade representa um passado requintado, de famílias poderosas como a da famosa Ana Jansen, de grandes ensaístas, poetas, dramaturgos que valeu a São Luís o título de Atenas Brasileira, ou seja, de classes sociais bem distintas e segregadas. O centro da cidade, onde estão erguidos casarões imponentes que remetem a uma sociedade verdadeiramente aristocrata, não era permitida a exibição das manifestações culturais populares – dizendo-se melhor, manifestações de origem afro-descendente. Os casarões coloniais são testemunhas de uma época de soberba e preconceito social em que escravos e indígenas não podiam entrar nas igrejas e assistir as missas junto com seus senhores. Casarões que são testemunhas de bailes dantescos, de suas janelas as manifestações culturais populares não eram bem vistas, sendo então restritas à área periférica da cidade, tal como foi com o bumba-meu-boi que até meados do século XX nem chegava perto do centro de São Luís.

MÉRIEN (1988:64), pesquisador francês que realizou pesquisa com base nos jornais da segunda metade do século XIX com destaque para a vida social e cultural do estado é lembrado por FERRETI (2008:1) em trabalho que descrevia sobre a contribuição do negro na sociedade maranhense e como suas manifestações culturais eram reprimidas, vigiadas de forma policialesca durante o período colonial e até a segunda metade do século XX:

A discriminação estendia-se também ao campo cultural: as festas e os bailes freqüentados pelos escravos e pelos pretos pobres eram condenados pela burguesia comerciante e vistos como manifestações obscenas e primitivas; os cultos afro-brasileiros eram taxados de superstições grotescas.

Os cantos, as danças e tradições orais de origem negra continuaram de certa forma sendo discriminadas pela elite da sociedade ludovicense conforme pudemos verificar neste trabalho a partir dos depoimentos dos entrevistados que viveram o início do movimento regueiro em São Luís. E também podemos diagnosticar na atualidade as mesmas atitudes discriminatórias por parte do poder público no que toca às licenças e ao patrulhamento sobre as festas de reggae na capital do estado e mais especificamente no bairro do São Francisco, conforme pudemos constatar em várias situações diretas com órgãos do sistema de segurança público.

São Luís é culturalmente e geograficamente muito similar às cidades caribenhas. Culturalmente pode-se dizer que a cidade está mais para norte-nordeste que especificamente nordeste. É fortíssima a influência caribenha, principalmente no que tange à musicalidade. A lambada, o merengue, a rumba, eram músicas tocadas frequentemente nas festas, sendo atualmente executadas em menor escala na cidade, não que estejam completamente apagadas. A influência da cultura negra e indígena pode ser exemplificada a partir de diversas expressões religiosas e culturais, tais como o candomblé, a umbanda e o tambor de mina – expressões da religiosidade negra, o bumba-meu-boi com características negra e indígena predominantes, o tambor de crioula – expressão negra, e o reggae, caracteristicamente negra.

O período junino é extremamente rico culturalmente e distinto das demais cidades brasileiras já que se juntam diversas expressões das variadas culturas. É possível ver em uma mesma noite, o tambor de crioula (dança de origem africana praticada pelos descendentes de negros no Maranhão em homenagem a São Benedito), o cacuriá, o bumba-meu-boi, bem como a quadrilha e a dança portuguesa (estas duas últimas de origem europeia). Esse aspecto festivo, alegre da cidade de São Luís se reflete por todo o ano em que a cada época distinta, apresentam-se variados tipos de danças que tem sua origem tanto na cultura africana como também na europeia, além de destacados aspectos da cultura indígena. Dentre as de cultura europeia podemos elencar a dança portuguesa, a dança francesa, a própria quadrilha que foi re-adaptada à cultura nordestina, além da dança do cacuriá que já é uma adaptação do toque de caixa das caixeiros do Divino Espírito Santo, festejo que é de tradição portuguesa e que aqui já faz parte do calendário das várias casas de candomblé e também da cultura popular das diversas cidades do interior.

Historicamente, a cidade de São Luís viveu e vive seus conflitos com relação à cultura popular. Ainda hoje, há uma discussão muito forte sobre o que é ‘tipicamente maranhense’ ou não. Essa discussão é feita com relação ao reggae. Ritmo já predominante no Estado é alvo de muitas discussões, principalmente quando ele está presente tanto nos festejos juninos como no período de carnaval. O ‘título’ de Jamaica Brasileira não agrada às elites maranhenses quem vêem no título uma afronta ao passado de ‘gloriosos’ escritores, poetas, ensaístas, que fizeram São Luís ser conhecida como Atenas Brasileira séculos atrás, como escreve o professor Ubirajara Rayol em edição do Jornal O Estado do Maranhão de 16 de abril de 1991, tomado de SILVA, 2007:

No momento em que os meios de comunicação maranhenses passam a cognominar a nossa São Luís não mais de ‘Atenas Brasileira’, mas de ‘Jamaica Brasileira’, urge que se repudie tamanho e tão deplorável abuso. Não se conhecem na história da Jamaica feitos nos campos das letras, artes e ciências. (...) Eis que a ignomínia parece contagiar a cidade, profanando a sua cultura, maculando um passado de fastígio literário e artístico.

Conforme já analisado por SILVA (op. cit. p.32), as atividades ligadas ao reggae:

Adquiriram um conteúdo social e político de amplas dimensões. Por um lado, atribuiu visibilidade a grupos de juventude negra, chamados regueiros, pois estes tiveram seus territórios de mobilização redefinidos devido ao movimento das festas. Por outro lado, a dinamização das atividades ligadas ao reggae acirrou os debates sobre a identidade cultural maranhense entre grupos e indivíduos ligados às manifestações consideradas tradicionais da cultura popular local.

Por outro lado, a cultura do reggae se entranhou de forma tão intrínseca, tão enraizada dentro da cultura local que ultimamente tais posicionamentos já não são uma constante – apesar de ainda existirem. Talvez porque a cultura do reggae já foi apropriada até pelos órgãos públicos que se utilizam dessa denominação – Jamaica Brasileira - para atrair turistas que procuram em São Luís traços que acreditam lembra a Jamaica: utilização da maconha em espaços públicos e pessoas dançando reggae pelas ruas. A música já é simplesmente um ritmo qualquer que toca em festas, a ele são dedicados festivais universitários<sup>4</sup>, como o Unireggae, e também festivais de reggae patrocinados por grandes radiolas ou mesmo grandes órgãos de comunicação<sup>5</sup>.

Junto do reggae, manifestações culturais como o bumba-meu-boi conforme já colocado anteriormente, sofreram e ainda sofrem junto às classes mais abastadas sentimentos de rejeição e preconceito, apesar de que atualmente o bumba-meu-boi já está mais aceito junto a estas classes sociais. Apesar de que em período junino os arraiais espalhados pela cidade se enchem de pessoas das mais variadas camadas sociais, se observa uma frequência bem considerada da classe alta e média nos locais de maior prestígio social. No entanto, é importante destacar, o ponto alto do encerramento do festejo junino, o encontro de grupos de bumba-meu-boi sotaque de matraca no dia de São Marçal (30 de junho), realizado no bairro popular do João

---

<sup>4</sup> O Unireggae – Festival de reggae universitário é promovido pela Universidade Federal do Maranhão desde o ano de 1998 – em 2011 realizou-se a sua 14ª edição, e tem o objetivo de valorizar a cultura regueira do estado. Os participantes são geralmente simpatizantes, novos músicos, compositores e intérpretes que podem ou não ter já registros fonográficos. As músicas devem ser inéditas, ou seja, jamais devem ter sido gravadas.

<sup>5</sup> O Maranhão Roots Reggae foi um festival feito pelo Sistema Mirante de Comunicação que aconteceu nos anos de 2003, 2004 e 2005 em São Luís que promoveu a vinda de várias bandas e cantores internacionais de reggae. Depois dessas três edições, não mais fizeram um festival que se aproximasse em estrutura e em atrações, apesar de que posteriormente, a cada ano um festival de reggae acontecesse, porém em menor grau e realizado por radiolas de reggae e alguns meios de comunicação.

Paulo, a maioria dos brincantes são... da classe popular. Continuamos então com nossa segregação geográfica-espacial-social.

### 1.1 O Bairro do São Francisco – Conformação histórica e social



Foto de Prof. João Batista Pacheco

#### Demografia

No Wikipédia, o bairro do São Francisco surgido entre 1960 e 1965, é tratado como ‘bairro nobre’, ou seja, foi e é uma área que concentrava moradias de alto-padrão. Porém, nem sempre foi assim. Por ser separado do centro urbano da cidade por um braço de mar (cerca de 800 metros do centro da cidade), a região do São Francisco até a década de 60 constituía-se numa inexpressiva área de ocupação territorial, sendo difícil sua comunicação e acesso. O bairro era no seu início habitado predominantemente por pescadores, pequenos comerciantes e lavradores, com relações tradicionais de compadrio e parentesco, próprias de comunidades pequenas.

O transporte para o ‘outro lado’ era feito de forma precária em pequenas embarcações, as canoas, pelos catraeiros. A partir da década de 70, após a construção da ponte que faz a sua ligação com o centro da cidade, o bairro começou a sofrer um vertiginoso crescimento populacional e econômico.

Geograficamente, o bairro do São Francisco é um apêndice contínuo da extremidade noroeste da Ilha do Maranhão, apesar de antigamente ser um ‘típico arquipélago’. Limita-se nas regiões oeste, nordeste e sul com a baía de São Marcos e ao norte com o igarapé da Jansen (ou canal da Jansen) e, a porção que o separa do centro da cidade (o braço de mar, chamado Rio Anil). A dimensão total do bairro do São Francisco é de aproximadamente 6,6 km<sup>2</sup> (Pacheco, 2002:3), compondo-se de áreas construídas, manchas de mangue e terrenos com fins especulativos. Mesmo que este bairro corresponda a menos de 0,80% da área do município, o bairro exerce inegavelmente um efeito de centralidade por sua significativa estrutura de serviços e localização privilegiada:

O bairro do São Francisco, inegavelmente, atende às expectativas de centralidade na medida em que são constatados diversos componentes funcionais, rede de circulação e recursos satisfatórios para tal. Os equipamentos, além da acessibilidade física e as estruturas viárias, são adequados ao desenvolvimento de relações e de equilíbrio interespaciais centro-periféricas (Pacheco, 2002:3).

Nas três últimas décadas, foi tão forte a especulação imobiliária, que o bairro do São Francisco começou a ser chamado de ‘cidade nova’, por já começar a receber o setor comercial que se expandia e se deslocava do centro da cidade (já em declínio e sem espaço) para outros bairros circunvizinhos. Foi o primeiro bairro (São Francisco-Renascença) a receber um Shopping Center e ter um supermercado de grande importância (o antigo Lusitana).

O processo de ocupação foi intenso, forçando o ‘alargamento’ do bairro, justamente através de uma devastação impressionante do manguezal que o circundava. O bairro no seu ‘centro’ agrega moradias de alto valor, e na sua periferia, onde é maior a sua demografia, milhares de casas nas mais diversas situações (desde casas de alvenaria, até palafitas que fazem parte deste cenário) e de diversos

tamanhos. Segundo Branco (2010:62), em trabalho realizado na área da Laguna da Jansen, região também do São Francisco:

Evidencie-se que a grande maioria dos habitantes (...) vieram da zona rural para São Luis, sobretudo dos municípios da antiga Baixada Ocidental Maranhense, expulsos pelas precárias condições de vida e absoluta falta de opções para uma sobrevivência condigna no campo. Dentre os motivos mais representativos das migrações para a Capital, segundo relataram foram: busca de trabalho, educação dos filhos, motivo de saúde e atração pela cidade.

Segundo um dos entrevistados para este trabalho, Marcelo Loucura (integrante de um dos grupos de colecionadores de reggae roots, Quarentões do Roots), a área em que ele morava que também era palafita, muito próximo do clube de reggae mais famoso da região, o Espaço Aberto, o meio de passagem entre as casas eram as pontes feitas de tabua e que seguiam por água adentro:

Atravessava aquelas pontes lá, era só pura água. Tinha uma ponte que atravessava a rua toda que ia até a casa de Zé Buraco. Aquelas ponte ali eu caia muito. Eu cai um bocado ainda na maré. A coroa gritava:  
- Ei Marcelo!  
E eu tava ali nadando!!

A época inicial traz o São Francisco como área ocupada pelos antigos povos Tupinambás, que aqui acolheram os franceses ocupantes destas terras, inclusive construindo-se segundo relatos o Forte do Sardinha, no século XVII. Essa área era conhecida pelos franceses como *Jeviree* (uma denominação dada pelos tupinambás), local de encontros e de abrigo para as embarcações e estrangeiros aqui alojados, território de planejamento para a retomada da Ilha Grande do Maranhão.<sup>6</sup> Segundo pesquisas do professor João Batista, o tal forte do Sardinha foi reedificado mais tarde e batizado como Forte do São Francisco.

---

<sup>6</sup> O Forte do Sardinha, sob a guarda do Sr Manoel Sardinha, foi construído no século XVII sob a invocação do São Francisco. Tem forte vinculação com a história do atual bairro e da própria cidade de São Luís de um modo geral. No século XVIII, então Forte do São Francisco, impunha-se de frente para a baía de São Marcos, construído na porção elevada com aproximadamente 12 metros de altitude. Posteriormente seria local de uma olaria, correspondendo a uma significativa parte de onde, hoje, está edificado o conjunto residencial de classe média Sítio Campinas/BASA. Dos *Sardinha* aos *Jesuítas* e destes aos *Jansen*, as terras do São Francisco mudaram de dono. Foi nas “terras da viúva”, finalmente, que o bairro passaria a ganhar forma e essência. (Pacheco, 2002:12)

Buscando-se a história do bairro do São Francisco, conseguiu-se inclusive uma descrição de como foram as relações iniciais entre os franceses e os índios tupinambás aqui existentes, feita pelo Padre Capuchinho D'Abbeville (1975), que chegou com seus patrícios franceses em 06 de agosto de 1612 (Pacheco, 2002:13):

Nesse lugar delicioso, derrubaram os índios tupinambás grande número de árvores e [...] construíram uma cabana espaçosa e comprida para servir-nos de habitação, e outra ao lado para a capela e a celebração do santo sacrifício da missa. E deu-se a esse conjunto de construções o nome de convento do São Francisco [...] O sr. du Manoir, que se achava em *Jeviree* com muitos franceses, tanto da sua equipagem como da do capitão Gerard, sabendo da nossa chegada, e ciente de que o sr. de Rasily não viera ainda e nem podia vir antes de duas horas, mandou alguns dos seus criados à nossa barca [...] a fim de cumprimentar-nos e ofereceu-nos pão, vinho e carne em abundância. Ao chegar a *Jeviree*, o sr. de Rasily mandou buscar-nos por algumas canoas [...] Retiramo-nos [...] para a casa do sr. du Manoir [no São Francisco] onde nos foi oferecido um banquete tão magnífico quanto poderia ser em França.

Deste apanhado de informações, conclui-se pela importância que teve o bairro do São Francisco como local importante na história inicial da cidade de São Luís e da sua batalha entre franceses e portugueses:

A Ponta do São Francisco, *jevire* dos tupinambás, onde, a 6 de agosto de 1612, o Senhor Du Manoir, já aí de tempos estabelecida a sua feitoria de corsário ofereceu lauto banquete de boas-vindas ao recém-chegado Senhor de La Ravardière e seus nobres acompanhantes, e onde em 1720 foram lançados, no mesmo lugar em que em 1616 Alexandre de Moura fizera construir de pau a pique o Forte do Sardinha, os fundamentos da fortaleza do nome daquele Santo, hoje igualmente desaparecida com suas vinte e uma peças de todos os calibres. Foi desta fortaleza de pau a pique, dita do Sardinha, que La Ravardière datou, a 4 de novembro de 1615, o termo de sua rendição (MEIRELLES, et al, 1964, grifo nosso, tomado de Pacheco, 2002:13).

A denominação Ponta do São Francisco era predominante até os anos 60. Era um pequeno arquipélago, sendo que algumas ilhotas ergueram-se povoações chamadas de Morro do Cascalho, Cocó da Ema, São Francisco e Renascença.

Concluindo esse resgate histórico do bairro do São Francisco, é importante citar documento da Paróquia de São Francisco, descrevendo o destino final do forte:

[...] Posteriormente, Manoel Sardinha foi encarregado pelos franceses da guarda do forte do Sardinha. Por morte de Manoel Sardinha as terras passaram para a viúva Dona Maria Sardinha que vendeu aos jesuítas. Nestas terras eram feitas exploração de olarias e salinas. Com a expulsão dos jesuítas as terras foram adquiridas pela família Jansen, sendo o seu último dono Dr. Manoel Jansen Ferreira, que vendeu parte delas à Maçonaria para estabelecimento do Asilo de Mendicidade que até hoje funciona no mesmo local. Crônica da Paróquia de São Francisco de Assis, 2000, tomado de Pacheco, 2002:14)

A fase chamada pós-ponte, iniciada a parte dos anos 70 do século passado, caracteriza-se pela aceleração na ocupação do bairro do São Francisco, bem como da construção de vias <sup>7</sup>para a interligação com outros bairros da capital. Atualmente é um bairro de muitos contrastes e porque não dizer de desigualdades sociais latentes visíveis. Por um lado (de maior densidade demográfica, as localidades conhecidas como Ilhinha, Residencial Ana Jansen e Morro), espaços depositários de mão-de-obra sub-qualificada e não qualificada disponibilizadas para as classes mais favorecidas, além da oferta de produtos populares, em contraposição com as regiões habitadas pela classe média e média alta (Jardim Renascença, centro do São Francisco, Renascença, conjunto Basa), que ofertam produtos mais seletivos e de profissionais mais qualificados (profissionais tipo médicos, engenheiros, arquitetos, etc).

É importante destacar que o bairro do São Francisco tem seu histórico como um bairro periférico e que a sua conformação cultural é notoriamente popular, festiva, como se pode observar pelo relato coletado pelo prof. João Batista:

A diversão era Tambor de Crioula e Tambor de Mina. Tinha o tambor de Maria Bandinha e de Zé Baixinho, que antes morava no Cocó da Ema [*interfacie de alta topografia e consistência pedológica natural em que hoje estão localizados o Sistema*

---

<sup>7</sup> Primeiro a Av. Mal Castelo Branco e depois a conclusão da Av. Colares Moreira ligando o bairro à parte norte da ilha, logo depois a Av. Ana Jansen, descaracterizando o São Francisco como ilha, já que esta última avenida foi construída sobre 'depósitos tecnogênicos', sobreposto ao igarapé da Jansen.

*Mirante de Comunicações e o edifício comercial da FRANERE]. Depois veio a radiola de Carne Seca, Ricardo e Febrônio que faziam festa aqui [no bairro]. Nos terrenos baldios tinha jogo de bola com o pessoal [time] que vinha da Camboa e Monte Castelo. Depois as festas de “Seu” Bento, no clube do Bento, e Alexandre que fazia festa no Cajueiro que hoje é o Espaço Aberto [clube de reggae]. A praia era a Ponta d’Areia. (Pacheco, 202:18)*

Constata-se então que a diversão coletiva, traços típicos dos grupamentos tradicionais e trazidos pelos migrantes vindos do interior do estado são mantidas também nesta ‘nova terra’, ‘nova cidade’.

A nova reorganização do bairro, com algumas áreas sendo tomadas pela classe média e as demais (periféricas) sendo ocupadas por levas de moradores provenientes de outras áreas da capital (por exemplo, da Liberdade, do outro lado da ponte) e do interior do estado, vão conformando um bairro de contrastes:

Solidariedades, competições, ambigüidades e contradições já são percebidas em um embrionário processo de seletividade e segregação sócio-ambiental. As pluralidades sócio-culturais e econômicas dos grupos que se assentavam - pescadores e trabalhadores das pequenas lavouras, de variados lugares do Maranhão, em conflito com segmentos de moradores residentes na própria cidade, em condições mais favorecidas - desenvolveram relações já conflituosas e desiguais na afirmação e legitimação dos seus espaços em relação a um São Francisco que já se reorganizava seletivamente definindo embriões de segregações sócio-espaciais relativamente discrepantes: a baixa renda arremessada para a parte baixa do bairro versus espaços relativamente “nobres” da parte alta. (Pacheco, 2002:20)

### **Aspectos étnicos: um bairro negro**

A área conhecida como Ilhinha – justamente a área periférica do bairro do São Francisco – é a que se concentra uma grande parte das moradias mais populares, e com seus moradores a sua maioria oriunda do interior do estado, mais especificamente, da baixada maranhense. Segundo um mapeamento sócio-político-econômico realizado pela Associação de Moradores da Ilhinha e Adjacências em 2006, 72% dos entrevistados são oriundos de outras cidades do interior do Maranhão. A cor predominante também dos moradores da área ratifica o percentual dos

moradores da cidade de São Luis: 64% dos entrevistados são negros ou pardos, sendo que o percentual de assumidos da cor negra é de 35%.

#### Cor do chefe de família

Cor	Nº	%
Parda	20	29
Negra	24	35
Branca	12	18
Outra	12	18
<b>Total</b>	<b>68</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa da AMI-Associação de Moradores da Ilhinha, 2006

#### Naturalidade do chefe de família

Naturalidade	Nº	%
Cidade (São Luis)	16	24
Interior	49	72
Outros estados	3	4
<b>Total</b>	<b>68</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa da AMI-Associação de Moradores da Ilhinha, 2006

A maioria da população também da área tem uma renda mensal de até 2 salários mínimos mensais, isto é, 73% da população da área pesquisada.

#### Renda total da família por mês

Renda da família	Sal. Mínimo	%
Menos que 1SM	0	0
1SM	20	29
De 1 a 2SM	30	44
De 2 a 3 SM	12	18
De 3 a 4 SM	6	9
<b>Total</b>	<b>68</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa da AMI-Associação de Moradores da Ilhinha, 2006.

A construção de representações sociais negativas é o que perpassa por todo este trabalho de pesquisa que agrega o reggae à área do São Francisco. O bairro do São Francisco, de maioria negra, pobre e regueira, acaba por consolidar um estigma pejorativo junto à sociedade que o reggae é “coisa de pobre e de preto”.

## **Problemáticas Sociais**

Atualmente a área do São Francisco conseguiu uma vitória em termos de saúde pública que foi a instalação de um posto de saúde emergencial, que há muito era reivindicado pela população. Agregado a isso, o bairro goza de uma localização privilegiada (5 minutos de carro do centro da cidade), dispõe de vários hotéis (4 hotéis), escolas para ensino fundamental (5 escolas públicas e várias particulares), supermercados, farmácias, nenhuma livraria e é passagem de várias linhas de ônibus no seu eixo central. A avenida principal que corta o bairro, a Avenida Marechal Castelo Branco é completamente dotada de prédios comerciais e sendo as suas ruas paralelas, pouco a pouco também recebendo mais e mais empreendimentos do setor.

Por outro lado, a sua área periférica, a área da Ilhinha, Morro e Residencial Ana Jansen, é a ‘parte pobre’ do bairro, em que a avenida que corta, a Ferreira Gullar, em alguns trechos serve de campinho de futebol para as crianças nos finais de semana e final da tarde. Sem áreas de lazer já que foi produto de uma ‘invasão’, sem planejamento urbano qualquer, as ruas que cortam a periferia do bairro do São Francisco, são na verdade ruelas com asfalto, porém, sem sistema sanitário. A única linha de ônibus que atravessa a área da Ilhinha geralmente é assaltada, o que sempre deixa os moradores preocupados pois tal situação pode acabar acarretando a sua retirada por parte dos empresários responsáveis pela linha.

Casas de variados tamanhos, porém, na sua maioria medindo 5, 4 metros de frente, por 10, 8, metros de fundo. De calçadas irregulares, a porta de casa se transforma na verdade em verdadeiros espaços para o lazer nos finais de semana, com radiolas e cadeiras sendo colocadas na frente, na rua, para se beber a cerveja e fazer o seu churrasco nos domingos.

Um bairro que apesar de constantemente assaltado por tiroteios, tráfico de drogas, mortes violentas – 47% dos entrevistados na pesquisa feita Associação de Moradores da Ilhinha coloca que a violência é um dos maiores problemas da área - são de pessoas alegres, que gostam de curtir seu reggae nas radiolas que geralmente eles mesmo constroem.

A área que circunda o São Francisco, que compreende o início do igarapé da Jansen até abaixo da ponte José Sarney (que liga o bairro ao Centro da cidade), é litoral, ou seja, é basicamente área de manguezal. Essa área de manguezal que já foi maior e depois de aterrado, voltou a renascer, atualmente sofre mais uma investida por parte da população sem moradia. Casas, ou palafitas, são erguidas quase que diariamente na localidade. A área que teoricamente é de proteção ambiental, não consegue resistir ao avanço dos facões e das estacas de madeira que são fincadas dentro da água, da maré, para surgirem ali mais um casebre, sem água encanada, sem esgoto, sem condição sanitária digna.

A ineficiência do poder público também é um grande aliado à essa investida contra as reservas ambientais da localidade. É completamente morosa a política habitacional para a classe baixa, os programas habitacionais do governo federal e municipal não conseguiram alcançar essa grande parcela da população.

Essas contradições e desigualdades se concretizam nas estatísticas de violência ocorridas no bairro nestes últimos tempos, temos os seguintes registros:

22 homicídios

349 assaltos/roubos

55% das ocorrências é de furto/assalto

8% de homicídio

37% de tráfico de drogas<sup>8</sup>

### **Aspectos Culturais e Patrimoniais**

Por outro lado, o bairro do São Francisco e mais especificamente a área da Ilhinha, por ter sua composição majoritariamente negra, é muito rica culturalmente. Partindo agora para uma outra abordagem da área urbana, periférica do bairro, o imaginário da periferia violenta, marginal, dá uma guinada se analisada

---

<sup>8</sup> Os dados foram coletados por pesquisa junto aos órgãos de segurança Delegacia de Polícia do 9º DP e no comando do 8º Batalhão da Polícia Militar para apresentação em reunião do Conselho de Segurança da Comunidade realizada em março/2011.

criticamente frente ao nosso passado colonial e colonizador, nosso passado que escravizou e segue escravizando ainda mentes e corações. A marginalização da periferia das grandes cidades tem um objetivo, o de conseguir mais e mais espaço para o capital, para os grandes empreendimentos imobiliários, que atualmente pouco a pouco vão tomando de conta de espaços que outrora eram ocupados pela classe baixa. A área que compreende o eixo central do bairro do São Francisco e passa pela Laguna da Jansen até chegar à Ponta da Areia, era de espaços que serviam de lazer para a população de baixa renda, principalmente a área da Ponta d'Areia, praia vizinha ao bairro do São Francisco, comumente frequentada por esta faixa da população. Com seus bares e clubes, hoje a praia pouco a pouco está sendo tomada por grandes hotéis e prédios residenciais para a classe média e alta da capital.

Onde antes existiam vários clubes de dança, bares, a especulação imobiliária está fazendo uma verdadeira 'varredura' social nessa região. Um exemplo é que no bairro do São Francisco, onde antes existiam vários clubes ativos, hoje somente existe o clube do Espaço Aberto que será mais adiante descrito e que toca basicamente o reggae; e o Clube do Bento, pertencente a uma associação local, é frequentemente alugado para a realização de festas e de aniversários, porém, atualmente trava-se uma verdadeira briga legal para que nele também possa-se continuar a realizar festas programadas de reggae. Contraditoriamente ao discurso de que o poder público apoia o reggae, a Delegacia de Costumes não está mais fornecendo as licenças para as realizações das festas de reggae no local. A alegação é de que grupos de pessoas estariam sendo prejudicados pela música e pela 'presença de pessoas drogadas e violentas'. Está aberto o debate mais uma vez para o preconceito e estigma que traz o reggae e o regueiro do São Francisco e que será nos próximos capítulos melhor desenvolvido.

A conformação sociocultural do bairro do São Francisco/Ilhinha é na verdade uma estrutura visível de segregação socio-espacial, mas que traz um duplo processo de distinção do espaço urbano. Por um lado, a periferia como espaço de moradia e de lutas da população pobre, e de outro, o espaço estigmatizado pelos setores dominantes. O espaço de referência da população pobre se reflete no seu modo de viver, nas suas radiolas de fim de semana, do reggae nas calçadas, das rodas

de capoeira, do samba, dos terreiros de mina, das quadrilhas em época de festejo junino, as fogueiras do tambor de crioula.

Tomando-se por base o reggae, pode-se dizer que fica bem complicado e difícil sabermos exatamente quantas ‘radiolas’ temos na área do São Francisco. Desde radiolas que já tem seu nome escrito no circuito das grades festas – como a Ajax Som – como também pequenas radiolas de apenas uma caixa de som, mas que possuem um pequeno aparelhamento para a produção e reprodução do reggae. Ter uma radiola para escutar suas músicas nos finais de semana representa muito para seus possuidores, significa eles serem verdadeiros ‘DJs’ de radiola, inclusive com microfones para ficarem fazendo suas próprias locuções. Os finais de semana no bairro são frequentemente festeiros, ou seja, a música é predominante pelas ruas, nas calçadas. E a música mais tocada frequentemente é o reggae. Cabe também espaço ainda para os merengues e lambadas caribenhas. Essa característica do bairro pode ser justificada pela sua composição étnica e geográfica, ou seja, a maioria dos seus habitantes – principalmente os da Ilhinha – são oriundos da região chamada baixada maranhense, região que tem uma forte ligação com ritmos caribenhos.

Tal constatação perpassa por vários trabalhos já realizados sobre o reggae que no decorrer desta investigação foi se apresentando, com destaque para o trabalho do professor Carlos Benedito Rodrigues da Silva: Da terra das primaveras a ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural (SILVA, 1995:15) na qual destaca-se:

A identificação com o reggae foi influenciada em São Luis também pela sua aproximação rítmica com algumas manifestações culturais da região, como a dança do lelê, o bumba-meu-boi, o tambor de crioula, além das fortes influências ritmicas caribenhas, predominantes nas festas locais, como o merengue, a lambada e outros.

No seu subsequente trabalho, Ritmos da identidade: mestiçagens e sincretismos na cultura do Maranhão, Silva (2007: 107) torna a enfatizar essa relação Jamaica-Maranhão que possibilitou a consolidação do reggae na cultura local:

Tanto na Jamaica como em São Luís existe uma população predominantemente negra com algumas características culturais

semelhantes, herdadas dos povos africanos escravizados, o que revela que algumas raízes culturais africanas teriam sido transplantadas para as duas regiões através do processo de escravidão e permanecido ali com algumas ressignificações.

Em depoimento tomado de Carol, integrante do grupo de colecionadores de reggae Amigos do Roots, suas palavras nos dão uma ideia da importância e relação do reggae com o bairro do São Francisco:

Amigos do Roots para mim é o meu coração, é o meu carinho. Eu conheci primeiramente as pessoas do grupo através de uma amiga minha, Marizete, que me apresentou o pessoal, Bioco, Francinete, Da Luz, Reboca, Bozoca, todo mundo e eu fui me aproximando deles por pura amizade mesmo, aí todas as festas que tinha me ligavam para avisar onde ia acontecer e eu participava. Quando me vi eu já estava integrante, sem me dar conta. Aquela de fazer parte do grupo foi um processo natural, quase como um parto, foi gerado (nove meses grávida) e depois ‘nasce’, foi assim minha aproximação com o Amigos do Roots. Eu ia para as festas, mas, eu queria fazer também minha parte, sem interesse nenhum, quando eles me convidaram em 2009 para fazer parte do grupo, fiquei muito gratificada, gostei muito e vesti a mesma a camisa.

#### *Amigos do Roots e São Francisco*

O Amigos do Roots e São Francisco tem toda uma relação, até mesmo porque quando fazemos eventos que dá sempre bastante gente, já nos aconselharam fazer num local maior, tipo circo da cidade, mas o Amigo do Roots é São Francisco, a maior parte do grupo mora no São Francisco, nas suas redondezas como Residencial Ana Jansen, Ilhinha, São Francisco mesmo. Quando falam de fazer em outro local o pessoal fica reticente e é compreensível são pessoas que cresceram lá, que vieram de outros locais, outras origens, como Cururupu, Alcântara, vieram de outras cidades, mas cresceram ali no bairro do São Francisco, eu acho que é uma relação só. Você não consegue separar o grupo e o bairro. No início, até agente fazia eventos no Altos do Calhau porque outros integrantes do grupo moravam lá e como eles depois saíram do grupo se cortou essa relação, o São Francisco ficou sendo mesmo a identidade do grupo, identidade total. Tem outros grupos no bairro sim, mas o Amigos do Roots tem uma relação também grande, porque por exemplo, no mês de novembro existe uma festa que agente faz beneficente e essa festa visa também ajudar a comunidade mais carente da área que mora em locais como próximo da Lagoa da Jansen, tem a creche que ajuda as mães a trabalharem cuidando das suas crianças e fora as pessoas bem pobres que estão perto, que agente vê e que precisam da gente e precisam ser ajudados. E sempre as festas beneficentes são feitas no São Francisco.

Portanto, essa identificação do bairro especificamente do São Francisco e sua periferia com o ritmo regueiro tem suas raízes histórico-geográficas-culturais extremamente intrínsecas e contínuas.

## 2 REFLEXÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS SOBRE O REGGAE

### i. Marco Teórico

A cultura dá sentido à vida de determinados grupos por compartilharem ideias, sentimentos, sonhos; constrói identidades, transmite ensinamentos, cria normas, faz história. Ao trabalhar a cultura desde seus aspectos identitários, seus sentidos simbólicos (significado/símbolo), buscarei na definição de Patrício Guerrero que considera a cultura como “um cenário de lutas de sentido pela vida e para mudar a vida”<sup>9</sup>, um norte para ser a base de interpretação e reflexão deste trabalho. O reggae/regueiro(a), categoria que será exaustivamente analisada nos próximos capítulos está imbricada dentro do cotidiano maranhense, e mais especificamente na capital, São Luis. É comum se dizer: “o reggae já faz parte da cultura maranhense”, ou seja, a cultura do reggae será abordada desde a perspectiva da sua construção fora do seu local de origem (ilha da Jamaica, Caribe) desde sua chegada (na década de 70) até a sua consolidação nesta região do Brasil, partindo de uma concepção que a cultura não é um conceito fechado e estático e sim que é relacionada ao fazer, à práxis humana, à sua dimensão dialética e histórico-social. Segundo Guerrero (2002: 35), “la cultura hace referencia a la totalidad de prácticas, a toda la producción simbólica o material, resultante de la praxis que el ser humano realiza en sociedad, dentro de un proceso histórico concreto” e é justamente abrangendo a sua dimensão simbólica e seu sentido dentro de um local e tempo determinados que buscaremos identificar o que caracteriza a cultura do reggae a partir dos seus próprios construtores: os regueiros do bairro do São Francisco.

A construção da cultura do reggae na ilha de São Luís e mais especificamente no bairro do São Francisco será analisada a partir dos depoimentos de pessoas ligadas desde o início a esta nova forma de vivenciar um estilo musical carregado de símbolos e significados. Cada um descreve a partir do seu ponto de vista o que é o reggae e como ele penetrou de forma tão intensa no cotidiano dos moradores do bairro e que se caracteriza por estar diretamente conectada a uma

---

<sup>9</sup> GUERRERO, Patrício. *Usurpación simbólica, identidad y poder*, Ed. Abya-Yala/ Universidad Andina Simón Bolívar/ Corporación Editora Nacional, Quito-Ecuador, 2004. p.439

classe social e étnica que por décadas sofreu e sofre um processo de discriminação e marginalização social, econômica e cultural. A cultura do reggae é construída de forma muito integrada à própria construção ou desenvolvimento da cidade de São Luís justamente por esta nas décadas de 70, 80 e 90 do século passado receber imigrantes oriundos do interior do estado, com suas diferentes formas culturais – as músicas que escutavam, o compadrio dos mais próximos, a sua religiosidade – enfim, fatores que influenciaram no estabelecimento deste ritmo musical que veio ‘de fora’ mas que se tornou já ‘de casa’. Ou seja, um processo híbrido e heterogêneo típico das sociedades contemporâneas.

A categoria identidade que será a categoria principal abordada neste trabalho, é vista quase como sinônimo de cultura. A cultura e a identidade são termos diferentes, que, no entanto se inter-relacionam. Desde os enfoques sobre identidade, que passa pela visão essencialista (atributo natural e imutável), a visão construtivista e relacional nos permite discutir a construção da identidade ‘regueiro’ dentro de um campo altamente rico de sentidos, de símbolos, e porque não, de discursos.

Aproximando-se da categoria (termo) principal abordada neste trabalho ‘regueiro’, atenta-se para o risco de cairmos no pecado de totalizar os conceitos e homogeneizar os termos, nos deslocamos então para Stuart Hall que aponta em seu artigo “New ethnicities”<sup>10</sup> que é problemático considerarmos determinadas categorias de forma homogenizadora. Hall destaca que se deve reconhecer a diversidade das experiências sociais e identidades culturais que compõem a categoria “negro” (o que neste caso utilizaremos a categoria ‘regueiro’). Há de se atentar e reconhecer que as categorias são construídas culturalmente e politicamente, tal como nos indica Gloria Anzaldúa sobre a necessidade de perceber a diversidade que há em cada grupo, a multiplicidade de horizontes, de fronteiras<sup>11</sup>. Observando-se o campo de análise (comunidade regueira) cheio de segmentos diversos e classes sociais diferenciadas, reconhece-se que as identidades são múltiplas e diferenciadas, pode-se assumir a categoria de regueira, negra, mãe, pobre, etc. Assim como se pode dizer

---

<sup>10</sup> RAMIREZ, Liliana, *Hibridez y discurso en los estudios literarios latinoamericanos contemporaneos*, Disponível em <<http://res.uniandes.edu.co/view.php/248/index.php?id=248>>

<sup>11</sup> Ibid, p. 51.

que em determinado clube de reggae, existem diferentes identidades, regueiro, branco, classe média, etc.

É importante sublinhar que a identidade é um discurso que aparece não como uma identificação de fora para dentro e sim de dentro para fora, daí que o enfoque deste trabalho é justamente que as próprias pessoas que estão dentro do movimento regueiro definam e se auto-definam ou não como ‘regueiro e/ou regueira’ e o significado deste termo em e para sua concepção de vida, tal como nos guia Guerrero (2002: 101)

Todo proceso de construcción de la identidad se inicia con la necesidad de autorreflexión sobre sí mismo, la mismidad, que hace referencia a la imagen o representación de un ‘sí mismo’ que nos permite decir ‘yo soy’ esto o ‘nosotros somos’ (...) Eje clave para saber y decir quienes somos es el sentido de adscripción o pertenencia, la conciencia, la interiorización y el orgullo que nos hace ‘sentirnos parte de’ un pueblo, una sociedad, un grupo social que comparte una misma raíz histórica, un mismo universo simbólico, una particular visión sobre la vida.

As categorias sincretismo, mestiçagem e hibridação serão abordadas desde uma perspectiva de críticas, tomando por base as reflexões que iniciam com Cornejo Polar que critica o conceito de mestiçagem por ser a raça (o biológico) o fator determinante, sendo necessária uma abordagem mais ampla que o tradicional. Na verdade, a ‘mestiçagem’ acaba sendo um conceito que ‘oferece imagens harmônicas’, aparecendo o ‘mestiço’ como não conflitivo, simples e reduzido. A ideologia da mestiçagem. Por outro lado, a categoria hibridação planteada por García Canclini, conforme reflexão de Guerrero <sup>12</sup> (2004: 39), não comporta um processo cultural em que há conflitos, se apresenta lutas de sentidos. Deste ponto analisaremos a aproximação e utilização que certos setores da classe média fazem do reggae. Consideraremos as novas dinâmicas culturais a partir do que Jameson, Canclini e Ortiz discutem desde a chamada globalização, com suas ressignificações e apropriações.

---

<sup>12</sup> GUERRERO, Patricio. *Usurpación simbólica, identidad y poder*, Ed. Abya-Yala/ Universidad Andina Simón Bolívar/ Corporación Editora Nacional, Quito-Ecuador, 2004. p.39.

Fernando Ortiz em sua análise mais específica da região do Caribe (local onde nasceu o reggae), produzida na primeira metade do século XX, foi muito influente para outros autores no que se refere à criouldade e ao hibridismo cultural destas sociedades, sendo que seu conceito de transculturação é diretamente ligado ao de hibridação:

Entendemos que o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste em somente adquirir uma distinta cultura, que é o que em rigor indica a voz anglo-americana da aculturação, senão que o processo implica também necessariamente a perda o abandono de uma cultura precedente, o que se poderia dizer uma parcial desculturação e, ademais, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam denominar-se neoculturação”. (Ortiz apud Guanche Pérez, 1996, p.121-122)

O termo hibridação, porém deve também sofrer certo ‘monitoramento’ para que não caia no mesmo ‘vazio’ do termo ‘mestiçagem’ cujo paradigma foi colocado para ser aceito pelas culturas hegemônicas, como adverte Zilá Bernd (2004: 100).

Outra dimensão a ser considerada neste capítulo é o sentido simbólico que existe dentro do movimento regueiro que vai desde as canções até a vestimenta de alguns. As cores vermelha, verde, amarelo e preta são predominantes e simbolizam o continente africano bem como a diáspora africana pelos outros continentes, ou seja, é a identificação de um povo através das cores. Mais especificamente para o movimento regueiro, o Leão simboliza o Leão de Judá, símbolo do imperador Selassié para o movimento rastafári. Ou seja, como nos coloca Patricio Guerrero, o símbolo que é uma construção cultural apresenta-se neste trabalho como um construtor de sentidos que não é meramente ilustrativo, mas serve para “explicarse las dimensiones trascendentes de la realidad” (Guerrero, 2007: 131) e que somente pode ser percebido a partir de uma leitura conotativa que abarca os aspectos imateriais, profunda, invisível, transcendente:

El símbolo es aquello que nos permite no presentar, sino representar la dimensión profunda, oculta, interna, inefable, trascendente, espiritual, no material y no observable de la realidad, para tener una distancia crítica de aquella, puesto que frente a la simple imagen o copia de lo sensible, el símbolo encierra un sentido, se reviste con un excedente de significación. (Idem, p. 128)

Cada gesto que alguns dos interlocutores faz sobre o reggae, a forma como manuseia os discos de vinil, como gostam de exhibir a camisa do grupo, a bandeira de determinado ícone do reggae (como Bob Marley), tudo isso possibilita uma leitura antropológica de cunho simbólico, já que os sentimentos ali expressos são perceptíveis, quase tocáveis de tão profundos e sinceros.

O reggae será trabalhado a partir do diálogo entre estas categorias, tendo como um parâmetro mais profundo o que Aníbal Quijano chama da colonialidade do poder, pelo qual serão articuladas com outras categorias como: poder, políticas culturais, cultura popular e discriminação.

### **Teorias para a música e para a festa**

Falar de música, de festa em território brasileiro e principalmente na periferia de uma cidade como São Luis que respira uma cultura popular diversificada implica em buscar justamente nos seus moradores o sentido para que é a música, qual o significado das festas que ocorrem cotidianamente, tanto faz em espaços públicos como nas portas de suas casas a partir da sexta-feira. Tudo é motivo para festejar: o time de coração que ganha, o salário do final do mês que é recebido, um batizado, aniversário de algum amigo(a), e às vezes até sem motivo nenhum grupos de amigos se reúnem para conversar e... beber, beber muito. Escutar músicas e principalmente aqueles tipos de músicas que recordam outros tempos, amigos e amores esquecidos, é o pano de fundo para uma festa. Na verdade foi justamente por essa situação que o reggae conseguiu tomar outros rumos na sociedade ludovicense: a volta do reggae roots aconteceu justamente a partir de encontros de amigos para escutar suas músicas preferidas (reggae) e a partir daí surgiram os chamados Grupos de Colecionadores que impulsionaram essa 'outra forma de curtir' o reggae, o reggae roots.

A música, base deste trabalho, é considerada por diversos autores uma prática e manifestação cultural e humana, em que cada grupo humano possui sua forma musical própria. A música, tratada anteriormente apenas como uma forma de arte exerce hoje outras funções tais como: militar, educacional, terapêutica (musicoterapia), nas festas de cunho religioso e ‘profanas’. A música feita para expressar, compartilhar algo, se utiliza de instrumentos e também da voz e é uma forma de comunicação, uma troca de signos, um fenômeno semiótico como diriam alguns. A música para a sociedade ocidental se completa pela dança que é a participação do ouvinte para aquilo que a música quer exprimir, o som e a dança se complementam, a forma com o se dança exprime o que a música quer comunicar. O reggae, a música sobre a qual se desenvolve este trabalho é caracterizada como uma música popular, urbana e híbrida já que é fruto de outros estilos musicais (como o jazz, o ska, e outros ritmos jamaicanos e norte-americanos), e caracteriza-se por sua forte vinculação ideológica e filosófica com o movimento rastafári da ilha da Jamaica, que será mais adiante melhor detalhado.

A música apesar de podermos escutá-la sozinhos, não se compara com a possibilidade de compartilhá-la, e melhor, concretizar o que ela quer nos passar através da dança, e para dançar não há melhor espaço para fazer do que nas festas, festas de reggae.

A antropologia é uma disciplina que tem como característica a possibilidade de dialogar com outras disciplinas, talvez até utilizar de outras (tal como sua co-irmã, a sociologia) como fonte de análise. Tal é a situação nesta análise teórica para a festa que iremos buscar em sociólogos e sociólogas algumas orientações teóricas para podermos analisar as festas de reggae no bairro do São Francisco mais especificamente.

A festa ou festas que serão nos próximos capítulos descritas, se apresentam com uma des-ordem e a con-fusão que lhes é própria, além de ser uma forma de sociação, de geração de relações, de vínculos que se criam entre os seus participantes. A festa não será tratada neste trabalho apenas como uma forma de participação social, do estar à toa, mas sim que ela também se apresenta como uma

forma de pensar (pelo menos é o que se propõe nos grupos de colecionadores), de agir, de criar, de vincular de forma coletiva os que nela adentram. Tanto para Durkheim como também para outros autores que analisam os ritos/cerimônias/festas podemos resumidamente caracterizá-la como: uma forma de superação das distâncias interindividuais; produção de um estado de efervescência coletiva e transgressão das normas sociais (Vianna, 1997).

A festa sendo um ato coletivo é marcada pelo lúdico e pela exaltação dos sentidos e das emoções, por isso Perez (2002) a caracteriza por ser fundamentalmente transgressora, efervescente, de exaltação. Tudo que justamente se observa nas festas de reggae que a cada música tocada, os pares se deleitam dançando em passos cada vez mais intrincados ao som da batida sensual que o reggae traz. Tal como Durkheim descreve em determinados rituais as ‘energias passionais’ da coletividade encontram-se em estado de ‘exaltação geral’ e ‘as interações sociais tornam-se muito mais freqüentes e mais ativas’ (Durkheim, 1985:300, 301, 542, 545, tomado de Perez, 2002:4). Em determinados aspectos, as emoções demonstradas nas festas para Durkheim não se diferem das observadas em rituais/cerimônias, pois:

Toda festa, mesmo que seja puramente laica por suas origens, tem certos caracteres da cerimônia religiosa, pois em todos os casos, ela tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 1985:547, 548, tomado de PEREZ, 2002:4).

E continuando com a análise de Perez (2002:4):

Tanto na festa como na cerimônia religiosa, o homem é transportado para fora de si, distrai-se de suas preocupações quotidianas. Em ambas observam-se as mesmas manifestações, como, por exemplo, gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de excitantes que aumentem o nível vital. Em resumo: em ambas o excesso e as transgressões se fazem presentes.

Por outro lado, e também como será destacado em capítulo adiante, a festa não tem seu ponto apenas na efervescência em si, no divertimento, mas também tem seu lado econômico como destacado por Caillois (1989) e que na verdade é

objeto de muita discussão entre os grupos de colecionadores de reggae roots que querem primar mais pelo aspecto social das suas festas, porém, sem abdicar do lado econômico.

As festas de reggae roots querem se diferenciar das festas de reggae eletrônico <sup>13</sup> justamente na questão da violência. Fazendo-se um paralelo com as análises de Bataille que vê na violência um elemento constitutivo da festa, pois a festa é necessariamente desordem, é a transgressão das barreiras sociais, uma oposição à vida urbana que classifica, separa, segrega. É violência e sacrifício que são re-criadores de ordem. E, voltando para Caillois que vê que a ordem é ‘essencialmente usurária e o tempo dilapidador’, tai a necessidade de ‘recriar o mundo, rejuvenescer o sistema’, ou seja, ‘chega o momento em que é necessária uma refundição (...) é preciso que um simulacro de criação restaure a natureza e a sociedade’, o que acontece justamente nas festas (Caillois, 1989: 125). Essas análises nos permitem observar a complexidade que é a festa com seu caráter ambíguo, paradoxo. Talvez seja essa dicotomia entre ordem x desordem que as festas de reggae hoje se deparam e não são suficientemente analisadas dentro de cada contexto de movimento específico dos segmentos do reggae em São Luis. Essa análise foi feita em profundidade por Hermano Viana em seus trabalhos: O Mundo Funk Carioca e O Baile Funk carioca, em que cujas festas a característica da violência e da desordem é presente e tratado como caso de polícia, tal como as festas de reggae eletrônico em São Luis.

## **ii. Marco Metodológico**

De forma resumida, a metodologia utilizada para a realização deste trabalho variou desde fontes orais como documentais, além do trabalho de campo propriamente dito que está neste trabalho de forma etnográfica, a partir da participação em festas, reuniões e outros eventos relacionados ao reggae. Pesquisas foram feitas analisando as manchetes de jornais dos últimos seis anos para verificarmos o grau de densidade e forma como eram escritas as chamadas sobre o

---

<sup>13</sup> São os reggaes produzidos localmente e cantados por pessoas daqui ou cantores Jamaicanos que aqui se estabeleceram, com um ritmo mais acelerado.

reggae nos diversos jornais. A escuta de programas de rádio com programação exclusiva sobre o reggae também foi outra forma de podermos perceber um pouco mais de como funciona, ou melhor, como são utilizados os meios de comunicação para divulgação das festas de reggae e também claro, fazer propaganda das radiolas e de seus donos, sejam eles políticos ou não.

Um autor que sigo como ‘orientador’ ‘teórico da metodologia é Renato Rosaldo (2000) que traz em seu livro *Cultura e Verdade* alguns planteamentos que utilizarei como referências neste trabalho. Reflexões sobre o ‘observador imparcial’, a importância das narrativas e a nostalgia imperial contribuem para se proceder a novas formulações sobre o ‘trabalho de campo’ antropológico. Nas suas colocações, ele compreende que a análise social ao redefinir a posição do etnógrafo como um analista social, ele não será apenas um mero ‘descriptor’ do que vê e observa, mas também irá propiciar uma análise de maneira mais complexa, a partir dos variados pontos de vista e concepções, inclusive as suas. Além disso também irá propiciar novos objetos de estudo “Ahora podemos preguntar cómo moldean las formas culturales a la conducta humana, y a la inversa, sin importar si son relativamente ‘puras’ o una combinación de dos o ‘más culturas’”. (Rosaldo, 2000: 233).

Nesta perspectiva última, parte-se do pressuposto então que as culturas não são uniformes nem tampouco homogêneas, não sendo, portanto aplicáveis muitas das concepções sobre o significado de cultura. Neste sentido, a análise do reggae conforme sua trajetória e suas especificidades na cidade de São Luis, propicia justamente entender esse entrelaçado cultural, o que segundo Rosaldo estes novos estudos culturais “incluyen sobresalientemente los estudios que persiguen la heterogeneidad, el cambio rápido y los préstamos interculturales mutuos” (Idem, p. 234).

A forma como o reggae chegou e como ele se implantou aqui em São Luis diverge em muitos aspectos de seu lugar de origem. A semelhança cultural com a Jamaica por suas raízes negras é um fator inquestionável, porém, as mudanças ocorridas na forma de dançar representam justamente um ‘cruzamento’ de culturas, a construção de uma forma híbrida de dançar o reggae – que em diversos depoimentos

colocam que essa forma se oriunda da lambada e música lenta, unida com o ritmo do reggae - em que se somam o ritmo da música e a forma de dançar que sinaliza para um contato mais próximo e de ‘sentir’ a música de maneira compartilhada.

Também se pode acrescentar a esta questão, o fato de que é um ritmo cantado em outra língua. Então se faz a pergunta: como pode um ritmo de outro país, de outra língua, aglutinar pessoas em sua volta que acabou por se constituir como movimento? Essa pergunta pode ser respondida a partir dos próprios regueiros, de suas idéias e sentimentos sobre a música em questão. A situação é tão forte e ‘enraizada’ que já surge dentro da própria cidade, grupos e cantores de reggae – e em língua inglesa -, ou seja, além de se instalar como ritmo ‘estrangeiro’, acabou convertendo realmente a cidade a uma ‘segunda’ Jamaica de fala cosmopolita quando o assunto é reggae.

Essa reflexão seria o que Rosaldo analisa como ‘*fronteras culturales siempre em movimiento, no son estáticas para la inspección*’. Não se pode entender o reggae a partir da própria cultura local ou mesmo de forma isolada, mas sim contextualizada e diretamente relacionada com o local de ‘origem’ já bastante ‘cosmopolita’ por uma situação de colonização. Rosaldo entende ser esse mundo que habitamos de característica fortemente ‘interdependente’, feitas de ‘fronteiras nacionais e culturais, saturadas de desigualdade, poder e dominação’ (Op. Cit. p. 243), afirmação que será retomada em capítulo posterior.

O trabalho de campo propriamente dito foi um aparte no que se refere ao trabalho como um todo. A participação nas festas, eventos, reuniões e a tomada dos depoimentos revelou-se uma grande escola de um trabalho etnográfico dado às especificidades dos sujeitos e também das relações criadas a partir do contato da pesquisadora com os/as regueiros/as. Talvez situações a serem melhor estudadas/analizadas a partir do psicológico/antropológico, mais uma vez uma imbricação de disciplinas que nos oferece essa ciência maravilhosa que é a antropologia.

Os depoimentos foram tomados geralmente nas residências dos interlocutores, alguns em uma mesa de bar, escutando o reggae e outros a partir de falas que foram anotadas durante as festas de reggae. A utilização do gravador apesar de ser prático para não se ‘perder’ nada da fala das pessoas, acabou por ser um objeto intimidador para alguns dos meus interlocutores.

### **A metodologia para um trabalho**

Para o desenvolvimento deste trabalho foram seguidas as seguintes fases de investigação:

Na **primeira etapa** da investigação buscarei as **fontes documentais (bibliografia)**, tendo em vista que a nosso ver serão relevantes na busca de fornecimento de dados relevantes para a pesquisa e considerando principalmente que são poucas as fontes bibliográficas que abarcam o período em que o reggae aqui foi se consolidando. A realização de uma investigação histórica para buscarmos o processo de entrada e de consolidação do reggae no Maranhão contribuirá para a compreensão do contexto histórico em que nos encontrávamos, nos seus aspectos sociais, culturais, econômicos e principalmente político.

Além da busca em jornais, a pesquisa nos órgãos públicos – Secretaria da Cultura e Secretaria de Turismo – nos proporcionará uma visão de como os setores públicos percebem e trabalham com esse novo ritmo e movimento musical. Desde uma pesquisa bibliográfica voltada para a construção do marco teórico se buscará os autores que trabalham temas como identidade, mestiçagem, heterogeneidade, hibridação, a questão simbólica e o sentido.

A **segunda fase** da investigação será a aplicação das **entrevistas** que inicialmente buscarão encontrar como se deu o processo de chegada do reggae e como este foi se consolidando na ilha. Essas entrevistas serão primeiramente aplicadas com figuras mais antigas do movimento, que acompanharam ou mesmo fizeram parte desse processo inicial. A segunda etapa das entrevistas será feita contemplando tanto as pessoas que vivem e sentem o reggae (os regueiros de coração

como eles se auto-definem), como aqueles que vivem *no* e *do* reggae (donos de radiola, DJ's<sup>14</sup>, músicos, donos de bares e os 'dançarinos' do reggae).

A **discografia** será também em certa maneira necessária já que a história do reggae passa por um processo de transformação de vários ritmos e músicos que influenciaram na sua consolidação. A análise do discurso que se dava nas letras do reggae será fundamental para se fazer a ligação entre o reggae que veio da Jamaica e como ele foi sentido/percebido pela comunidade regueira que aqui foi se formando.

A **terceira fase** de investigação será a **observação participante** que não será de certa forma alheia ao dia-a-dia desta investigadora, já que é costume a frequência a estes locais. Porém o olhar será um pouco mais diferenciado já que não estarei sendo somente uma 'dançarina' do reggae, mas, buscarei pensar e sentir também a partir de orientações teóricas. Seguindo essa orientação, a observação participante levada a cabo pela investigadora seguirá o pressuposto da 'observação com participação', em que pese o compromisso que tal investigação tem com e para a comunidade regueira.

---

<sup>14</sup> Do inglês *disk-jockey*.

### **3 O REGGAE – PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO NA RELAÇÃO JAMAICA – MARANHÃO – SINCRETISMO, MESTIÇAGEM E HIBRIDAÇÃO**

#### **3.1 O Reggae, o rastafarismo e Bob Marley**

Para entendermos a tríade – reggae/rastafarismo/Bob Marley – faz-se necessário compreendermos o contexto e a história onde tudo começou: a Jamaica.

A **Jamaica**, ilha que em muitos aspectos se assemelha à de São Luís, tem no reggae e na cultura rastafári duas expressões mais significativas que identificam e destacam imediatamente essa ilha caribenha no cenário mundial. A história do ritmo de Jah se inicia nesta ilha de proporções medianas e ganhou enorme importância na cultura ocidental. O reggae é visto como uma forma musical que surgiu juntamente com a Jamaica independente. A Jamaica, local de origem do reggae é uma hoje famosa ilha caribenha, a terceira maior da região. Do século XVI até meados do século XX ela foi submetida às políticas exploratórias do sistema colonial. A ilha, "descoberta" por Colombo em 1493, ficou sob domínio do império espanhol até 1660, quando foi tomada por piratas ingleses e relegada a ser mais um fornecedor de cana-de-açúcar e outras matérias-primas, graças à utilização de mão de obra escrava.

O Caribe, na verdade composto por várias ilhas, tem um passado colonial praticamente idêntico ao dos países sul-americanos: um histórico de colonização, dizimação das culturas e povos tradicionais, escravidão (não só dos povos que aqui habitavam, mas também escravidão negra e porque não falar também da asiática) e exploração dos recursos naturais. Na Jamaica especificamente desde a chegada dos espanhóis em 1493, a população nativa foi dizimada pelos conquistadores e pelas suas doenças que vieram trazidas por eles. Quando os ingleses no século XVII tomaram a Jamaica, implantaram as *plantations* através do uso e abuso do trabalho dos escravos trazidos da África Ocidental, os quais também eram a maioria da população local, bem como a base da pirâmide social jamaicana. Quando da emancipação dos escravizados em 1838, a situação não alterou muito, pois não houve o rompimento das barreiras raciais e sociais da sociedade jamaicana, e tal qual no Brasil, continuaram marginalizados. As tradições dos povos trazidos à força da

África foram preservadas na Jamaica atual em comunidades que se dedicam a práticas religiosas parecidas com as que temos nas crenças afro-brasileiras, como o candomblé.

Agregando que foram introduzidos como '*indentured labourers*' então mais os indianos e chineses, a Jamaica se tornou uma ilha híbrida, de variadas culturas, mas ainda com uma predominância africana e inglesa. Tal como aconteceu no Brasil, com a formação dos quilombos, na Jamaica a resistência à escravidão se configurou através dos *maroons*, geralmente chefiados por xamãs, temidos pela sociedade branca. A resistência dos *maroons* acabou por exigir dos ingleses uma outra forma de convivência, que se estabeleceu através de um acordo de paz no início do século XVIII.

Porém, enquanto que no Brasil não se observou uma influência da igreja protestante entre os escravizados, na Jamaica foram eles (pastores protestantes) a se colocar contra a exploração deste segmento da população, como se pode exemplificar através da Revolta Batista em 1831 e a Revolta de Morant Bay em 1865. Essa característica de resistência religiosa se ampliou e também acabou por estar presente em outros movimentos sociais/culturais jamaicanos surgidos a partir do século XX (tais como o movimento de repatriação de J. Albert Thorne, o trabalho do Dr. Robert Love, o movimento Garveyista e as revoltas de 1938).

O movimento rastafári especificamente se caracteriza como um movimento religioso, de contestação política e social contra o imperialismo britânico e a marginalização da população afro-jamaicana. Para o rastafári, o imperador da Etiópia Haile Selassie I é a reencarnação de Jesus Cristo que veio para o mundo com o objetivo de cumprir as profecias bíblicas: destruição das iniquidades e redenção dos fiéis. O discurso rastafári se compõe de diversas matizes culturais e religiosas: a Bíblia, influências hindus, o Etiopianismo, o Pan-Africanismo, o Garveyismo. Esse apanhado de influências acaba por confundir e definir exatamente a natureza deste movimento. Essa mistura, esse hibridismo, acabou por denominar tal movimento como um movimento cultural, abarcando assim as características religiosas (leitura de um livro Sagrado - a Bíblia, cultos, ritos), milenarista (movimento que espera a

salvação coletiva), política e resistência (luta contra a condição de opressão e desigualdade) e revolucionário (batalha pela ‘mente dos homens’).

A relação entre o reggae e o movimento rastafári se tornou tão intrínseca que geralmente não se pode falar de um sem falar do outro, mesmo que cada um tenha uma complexidade trabalhosa para se abarcar. O reggae se tornou na verdade a base para a divulgação dos ensinamentos rastas, muitos dos ícones do reggae (principalmente a figura mítica de Bob Marley) era rastafári.

Pode-se considerar também atual a crítica à sociedade jamaicana no que toca ao quesito independência, já que até hoje, o sistema legal jamaicano se baseia nas leis comuns britânicas, além de que a rainha da Inglaterra, Elizabeth II é a chefe de estado e representada na ilha por um governador geral. Ou seja, os laços coloniais não foram completamente rompidos. A política da ilha, bastante agitada, é dominada por dois partidos principais: o Partido Trabalhista Jamaicano e o Partido Nacional Popular. As eleições são bastante conturbadas, inclusive sendo a última acompanhada por uma comissão internacional.

Na economia a Jamaica sempre atuou como exportadora de matéria-prima (não diferente do resto da América Central e do Sul), primeiramente com a banana e a cana-de-açúcar e depois já a partir do século XX, com a exportação de minérios como a bauxita, explorada por empresas norte-americanas e canadenses.

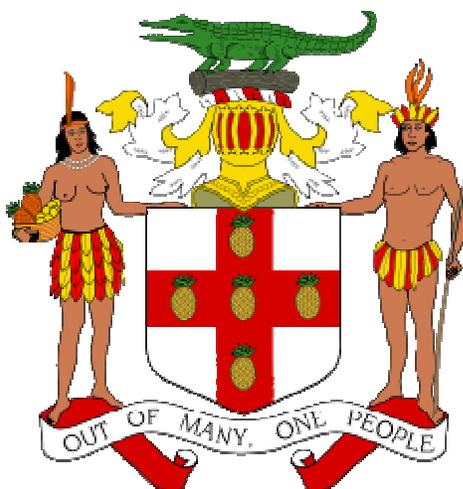
Como colocado anteriormente, a população jamaicana é composta por povos de vários continentes devido ao processo de escravidão e também de exploração de mão-de-obra asiática. Conforme dados da tabela abaixo, pode-se observar que a população negra é a predominante na ilha caribenha:

## Distribuição étnica da população Jamaicana

<b>Grupo étnico</b>	<b>% da população total</b>
Negros	90,4
Indianos	1,3
Chineses	0,2
Branços (européia)	0,2
Mestiços (mulatos)	7,3
Outras raças	0,1
Não especificadas	0,5
<b>Total</b>	<b>100</b>

Fonte: MORDECAI, Martin & MORDECAI, Pamela. Culture and Customs of Jamaica. Westport, CT: Greenwood Press, 2001, p.4.

Dáí pode-se perceber porque os detentores do poder político e econômico da Jamaica colocaram como lema: “Out of many, one people” (Surgido de muitos, um povo).



//pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Coat\_of\_Arms\_of\_Jamaica.svg

Essa mensagem, escrita nas armas nacionais da Jamaica a partir de 1962 exerce nitidamente uma função ideológica para forjar a idéia da ‘nação’, argumentação que faz Benedict Anderson, quando nos coloca que as nações são comunidades políticas imaginadas “sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalece em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal” (Anderson, 1989: 16).

Por outro lado, quando Homi K. Bhabha argumenta que não há uma cultura monolítica, mas múltiplas, esses diferentes segmentos ou povos que compõem a sociedade jamaicana podem questionar essa ordem discursiva predominante e imposta principalmente considerando a realidade de estratificação e desigualdade existente nela. Na Jamaica, segundo Danilo Rabelo, pesquisador, “classe e raça estão intimamente inter-relacionados”.

O idioma oficial da ilha é o inglês, utilizado principalmente para os propósitos formais e oficiais, incluindo-se aí na educação, é considerada uma linguagem superior. Entretanto, o *patois* ou *english patois*, é uma espécie de dialeto formado pela influência das tradições africanas, é falado nas situações informais, íntimos e no cotidiano e especialmente pelos afrodescendentes. O *patois* é considerado uma linguagem inferior, desvalorizado como linguagem social. Foi a linguagem criada a partir de uma hibridação com o inglês dos senhores.

No quesito religiosidade, enquanto que no Brasil, existe o Candomblé e a Umbanda, cultos de origem afro, na Jamaica a prática é do Obeah, que pela legislação jamaicana é proibida sua prática. Segundo pesquisadores, o Obeah é de origem do povo Ashanti, utilizando magias e encantamentos, crenças que o povo trazido da África continuou a praticar nas ‘índias ocidentais’ como forma de resistência cultural e também social já que eram os *obeah* ou *myalmen* que lideravam os levantes de escravos. A lei jamaicana vê a prática do obeah como fraudulenta e ilegal, passível de prisão, enquanto que para a maioria dos jamaicanos – principalmente os afrodescendentes – consideram uma ciência que confere poder e inspira temor, simpatia e respeito.

A principal cidade da Jamaica, Kingston, a partir da década de 50 sofreu um grande aumento na sua população ocasionado pelo êxodo rural, sendo que a maioria destes imigrantes foram morar em favelas perto do centro histórico. A falta de boas condições de moradia, aliado a altas taxas de desemprego e o aumento nos índices de pobreza acabou criando na região um aumento na violência. O tráfico de drogas é outro problema derivado das péssimas condições econômicas e sociais. O narcotráfico faz surgir o aparecimento de gangues armadas que se enfrentam pelo

controle do tráfico de drogas, principalmente da maconha. Impressiona que geralmente há o estereótipo de que a Jamaica será o paraíso livre do consumo de entorpecentes, o plantio e o uso da erva é ilegal.

Para a compreensão do rastafarismo nesta região, é importante situar e contextualizar o aparecimento de determinados movimentos que o precederam. O fim da escravidão, decretado em 1838, foi o início da formação de varias pequenas aldeias no interior da Jamaica, criadas por ex-escravos que receberam educação de protestantes e que também foram os precursores de rebeliões contra o sistema. A educação entre os afro-descendentes foi de certa forma mais ampla que a feita no Brasil pós-abolição. A igreja batista era muito forte na Jamaica e foi através de seus diáconos como Paul Bogle e o ministro batista George William Gordon que eclodiram revoltas contra a situação social dos afro-descendentes. Após a revolta de Morant Bay (1865) a igreja Batista teve um certo recrudescimento, e um renascimento dos cultos afro-jamaicanos sincretizados com o cristianismo, movimento que ficou conhecido como Reavivamento. No final do século XIX e início do século XX figuras carismáticas de movimentos religiosos contestatórios de caráter milenarista foram surgindo na Jamaica e nomes como Alexander Bedward se destacou. De origem humilde, Alexander se tornou uma figura importante entre os rastafári. De uma visão mística em que segundo ele Deus ordenou que voltasse à Jamaica (tinha migrado para o Panamá) para salvar a sua alma e de seus conterrâneos, ele iniciou seu ministério curando com água e batizando. Sua atividade salvífica se espalhou e logo este culto se denominou Free Baptist Church of Jamaica, atraindo seguidores tanto jamaicanos como estrangeiros.

Afirmando ora que era a reencarnação de Jesus Cristo num homem negro, ora afirmando que era o profeta Jonas ou Moisés ou João Batista reencarnado, Bedward em 1920 afirmava que a 31 de dezembro daquele ano, ele voaria para os céus, tal como o profeta Elias, e que após três dias retornaria para salvar seus fiéis e destruir os infiéis. O interessante era que depois os eleitos e o profeta retornariam a uma nova terra, porém com uma diferença: todos com a pele branca para gozar uma posição social mais elevada. Após várias tentativas de subir aos céus, Alexander foi

internado no asilo como louco e faleceu em 1930. Após a morte de Bedward, seus seguidores buscaram outros cultos ou se tornaram rastafáris.

O **Etiopianismo** foi outro movimento/culto que na verdade foi a base do início da filosofia rastafári. Baseado na leitura bíblica (Livro dos Salmos principalmente, no Livro dos Reis que narra a visita da Rainha de Sabá ao Rei Salomão) e em um livro chamado *Kebrá Nagast* (Glória dos Reis) que remonta ao século XIV encontrado em Constantinopla. A palavra Etiópia vem da raiz grega “Ai-thi-o-pi-a”, que significa “Região de Faces Queimadas”, então as referências destes livros que citam ao povo etíope, acabaram sendo referência para as pessoas de pele escura (escravos) que recebiam a educação dos seus senhores baseados principalmente na Bíblia. Segundo a genealogia bíblica, os etíopes eram descendentes de Cus, filho de Cã e neto de Noé. Cus, que era de tez escura teve cinco filhos (Sebá, Havilá, Sabtá, Raamá e Sabtecá) que após a destruição da Torre de Babel, migraram para a África. Raamá teve dois filhos, Sabá e Dedã. Os descendentes destes patriarcas são chamados sabeus. Enquanto que os arqueólogos localizam o reino de Sabá na região atual do Iêmen, o mito narrado no *Kebrá Nagast* o localiza na Etiópia. A famosa visita da rainha de Sabá ao reino de Salomão que teve como consequência o nascimento de Menelik, é narrada na Bíblia no Primeiro Livro dos Reis, sendo que a rainha de Sabá é nomeada como Makeda. Quando adulto, Menelik foi para Jerusalém encontrar seu pai Salomão, que então havia se afastado do Deus de Israel por seu envolvimento com esposas e concubinas estrangeiras que introduziram cultos pagãos na região. Então, inspirado por Deus, Menelik furtou a Arca da Aliança contendo as Tábuas dos Dez Mandamentos e a levou para a Etiópia, que então se tornou o verdadeiro Sião (Zion). Quando da morte de sua mãe e sua subida ao trono, Menelik iniciou a linhagem salomônica na Etiópia, tal mito foi predominante na formação do rastafarismo na Jamaica a partir de 1930.

Antes, porém do início do rastafarismo na Jamaica, nos fins do século XVIII, já iniciou-se a fundação de igrejas batistas que remetiam nos seus ensinamentos a Etiópia como nação, pátria mãe para a qual os negros deveriam retornar. Após a I Guerra mundial, o Etiopianismo influenciou o **Garveysmo**, movimento de contestação política que iniciou-se na Jamaica, propagando-se para o

restante do Caribe, América do Norte e África. O Garveysmo, doutrina que pregava o Pan-Africanismo e um nacionalismo negro extremo, teve no seu fundador Marcus Garvey (1887-1940) um verdadeiro profeta para os rastafáris. Dentre os reggae que foram e são uma forma de propagar a mensagem rastafari, a figura de Marcus Garvey sempre é presente como pode se destacar no disco chamado “Marcus Garvey” do cantor de reggae roots Burning Spear, assim como também no de outra banda famosa de reggae, The Gladiators, que dedicou uma música para o profeta, chamada Marcus Garvey Time, no disco Back to Roots, conforme capas abaixo:

***Marcus Garvey de Burning Spear<sup>15</sup>:***

*Marcus Garvey's words come to pass,-  
Marcus Garvey's words come to pass,*

*Can't get no food to eat,  
Can't get no money to spend, Woo-oo-oo  
Can't get no food to eat,  
Can't get no money to spend, Woo -oo- oo*

*Come, little one and let me do what I can do for you  
And you and you alone  
Come, little one, wo-oo-oo  
Let me do what I can do for you and you alone, woo-oo-oo*

*He who knows the right thing  
And do it not  
Shall be spanked with many stripes,*

*Weeping and wailing and moaning,  
You've got yourself to blame, I tell you  
Do right do right do right do right do right,  
Tell you to do right, Woo -oo- oo  
Beg you to do right, Woo -oo- oo*

*Where is Bagawire, he's nowhere to be found  
He can't be found  
First betrayer who gave away Marcus Garvey  
Son of Satan, First prophesy,  
Catch them, Garvey old  
Catch them Garvey, catch them Woo -oo- oo  
Hold them Marcus, hold them Woo -oo- oo  
Marcus Garvey, Marcus Woo -oo- oo*

---

<sup>15</sup> Tomado de <http://www.letras.com.br/burning-spear/old-marcus-garvey>



Capa do disco (LP) de Burning Spear pela Island Records, 1975

*Marcus Garvey Time de The Gladiators<sup>16</sup>*

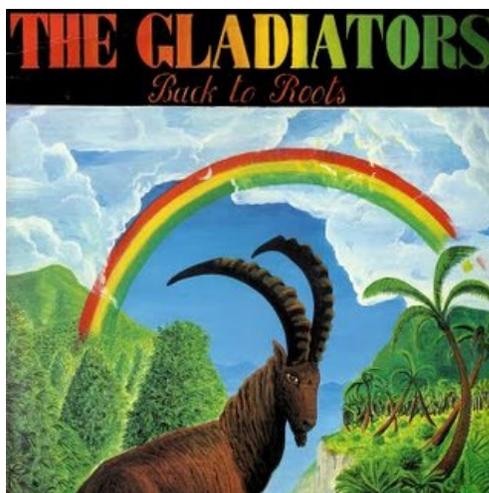
*This is Marcus Garvey time, every words him said a come to pass  
Man woman and babes, on top of the root fighting their brothers  
But how long will this go on - it must got to stop -  
No bad can ever over come good*

*Take love and make we mash down hate  
So throw away your guns, throw away your guns  
Every man want to survive so let live in love and peace - let's live in love and  
peace  
Let Jah Jah go before us and make we mash down hate  
Jah Jah go before us*

*It will be signs and wonders  
Man will be running all around  
So throw away, your guns  
Throw away your guns  
Every man want to survive so let live in love and peace -  
let's live in love and peace  
Let Jah Jah go before us - and make we mash down hate  
Jah Jah go before us.....*

---

<sup>16</sup> Tomado de <http://www.vagalume.com.br/the-gladiators/marcus-garvey-time.html>



Capa do Disco (LP) - The Gladiators - Back To Roots (L'Escargot ) 1982

A história de Marcus Garvey que é destaque no movimento reggae teve sua origem no seu pai, que se dizia descendente dos *maroons* (tipos de quilombos existentes na Jamaica) o que influenciou sobremaneira suas atividades futuras. Adiou por algum tempo uma formação escolar para trabalhar no setor gráfico em Kingston, base que foi fundamental para o surgimento do seu primeiro jornal: o *Garvey's Watchman*, e também para a fundação da sua primeira organização política: a *National Club*. Daí em diante, muitos foram os contatos dentro e fora da Jamaica que Marcus Garvey teve e que foram moldando este grande movimento que até hoje faz parte da cultura jamaicana. A instituição que Marcus Garvey fundou e que teve mais repercussão foi a *The Universal Negro Improvement Association and Conservation Association and African Communities League* (Associação Universal para o Melhoramento do Negro e Associação de Conservação e Liga das Comunidades Africanas), ou simplesmente UNIA, que tinha no seu manifesto inicial o objetivo de:

Estabelecer uma Fraternidade Universal entre a raça; promover o espírito de orgulho e amor racial; recuperar a queda da raça; administrar e assistir aos necessitados; assistir e civilizar as tribos atrasadas da África; fortalecer o imperialismo dos Estados independentes africanos; estabelecer comissões ou agências nos principais países do mundo para proteção de todos os negros... (RABELO, 2006: 125).

O slogan mais famoso da UNIA era: “África para os africanos de casa ou no exterior”, e seu hino “The Universal Ethiopian Anthem” declarava claramente o desejo de repatriação para a África. Porém, com pouco apoio da população afro-descendente na Jamaica para as suas atividades, Garvey buscou nos Estados Unidos amparo para seus planos, já que as relações sociais e raciais nos Estados Unidos era tal qual na Jamaica (ódio e preconceito racial). A melhoria da educação e formação dos afro-descendentes era um dos maiores objetivos dessa missão. Em 1920 várias filiais da UNIA se espalharam por mais de quarenta países, sua sede era no bairro do Harlem, Nova York, os associados contribuía com uma taxa mensal que era dividida entre a matriz e a filial do país de onde provinha o dinheiro, destaca-se que os seus associados eram principalmente pessoas de baixa renda. Agregado à UNIA o jornal The Negro Word era o seu porta-voz que continha mensagens do seu fundador – Marcus Garvey, histórias das civilizações negras, heróis, rebeliões de escravos para enaltecer o orgulho da raça, artigos de intelectuais negros, etc. Destaca-se que era recusado o anúncio de produtos ou fabricantes que degradassem a raça negra como os alisadores de cabelo. O empreendimento de Garvey mais ambicioso foi a criação de uma empresa de barcos a vapor que tinha como objetivo transportar passageiros e mercadorias pelo Atlântico rumo ao Caribe e à África Ocidental, seu nome era Black Star Line, Incorporation. Numa campanha intensa, ele conseguiu vender cem mil ações da nova empresa, somente para afro-descendentes, e adquiriu navio, ferry boat e iate, além de criar outra companhia, a Negro Factories Corporation, com o objetivo de construir e operar fábricas nos EUA, América Central, Índias Ocidentais e África. Daí em diante, a outra empreitada era a parte da conscientização/formação que se deu através das convenções da UNIA que teve como resultado inicial a promulgação da Declaração Universal dos Direitos dos Negros e a nomeação de Marcus Garvey como Presidente Provisório da República Africana, uma espécie de “governo em exílio”.

Porém, toda essa movimentação não surtiu o efeito desejado de sucesso, as empresas não demoraram a perceber-se improdutivas e as atividades da UNIA e de Garvey, alvo de críticas de outras instituições negras e de inimigos políticos. Foi preso e deportado dos EUA para a Jamaica. Porém, o movimento de repatriação para a África foi à frente, com delegações sendo enviadas para verificarem quais países

aceitavam tal empreendimento. O ideal de repatriação propagado por Garvey teve seu início em J. Albert Thorne (1860-?), professor nascido em Barbados cujo discurso era que os afro-jamaicanos fossem enviados às regiões africanas sob domínio britânico, para ele a Inglaterra devia isso a eles. E tal qual a idéia de Garvey, também não vingou devido às desconfianças das recentes nações africanas assumirem um contingente de pessoas para o qual não estavam preparadas. Agregasse a isso também as idéias de Garvey serem vistas como agitadoras e perigosas para as nascentes nações. Apesar disso, por outro lado se percebeu um apoio às idéias de Garvey na África, como em Gana que foi o primeiro Estado Africano a se declarar soberano no período pós-colonial. É importante contextualizar as atividades de Garvey no que estava vivendo o continente africano na época, final do século XIX quando o imperialismo capitalista europeu repartiu a África entre suas potências. As nascentes 'nações' tiveram suas confrontações ideológicas européias questionadas, já que o garveysmo enaltecia ao negro, destacando sua contribuição à história da humanidade além de insistir numa África livre do domínio colonial.

*O rastafarismo*, que surge de uma hibridação cultural na região do caribe e mais especificamente da Jamaica, é o movimento mais significativo que caracteriza hoje a Jamaica. O rastafarismo, com elementos que misturam o Garveysmo, o Etiopianismo aliado com as condições socioeconômicas que marginalizava aos afro-jamaicanos, se expandiu e se enraizou dentro da população negra. A figura de destaque no movimento rastafári, o imperador Haile Sessie I, conforme a genealogia descrita anteriormente, é descendente direto de Menelik, da dinastia Salomônica. Seu nome inicial era Tafari Makonnenin, e seu pai que era conhecido como Ras (Duque ou príncipe) governava a província de Harar. Recebeu uma esmerada educação e após a morte do pai quando deveria assumir o trono, acabou sendo afastado e após várias situações de conflitos e intrigas pelo poder da região, foi nomeado Ras, depois regente. Após a morte de Zauditu, filha de Menelik II, Tarafi Makonen em novembro de 1930 foi coroado imperador da Etiópia, com os títulos de Negusa Negast (Rei dos Reis), Senhor dos Senhores, Leão Conquistador da Tribo de Judá, Eleito de Deus e Ducentésimo vigésimo Quinto Imperador da Dinastia Salomônica, já o nome de Haile Selassie I significa “Poder da Trindade”.

Uma figura controvertida e de aparência enigmática, considerado um governante autocrata tomou diversas medidas para democratizar o império etíope e melhorar as condições de vida da população, proclamou a primeira constituição escrita da Etiópia transformando assim o status do seu povo de súditos em cidadãos, porém, também às vezes era considerado ditador duro e impiedoso. Atuou diretamente na batalha contra a invasão italiana de 1934, porém, não almejou a vitória e partiu com a família para a Europa com o intuito de articular apoio para a retomada do país. Durante sua cruzada em busca de apoio, ficou conhecido como um governante eloquaz e destemido. Após exílio na Inglaterra, em 1941 conseguiu apoio de Winston Churchill o ajudou a formar um exército que banuiu a Itália da Etiópia. Seu governo foi marcado por avanços democráticos, porém ainda controlados, como o sufrágio universal e os direitos iguais segundo a lei. Entretanto, um importante crítico de Selassie foi Marcus Garvey que se no início ele reconheceu o imperador como aquele que iria restituir aos negros sua importância e principalmente sua cidadania usurpada pela colonização européia, também criticou sua fuga como também sua busca de apoio nas Nações Unidas que Garvey desconfiava dada a predominância de políticos brancos.

Quando o país entrou para as Nações Unidas após a Segunda Guerra Mundial e foi justamente na sede das Nações Unidas, em maio de 1963 que ele fez o famoso discurso que inclusive Bob Marley utilizou como base para compor sua famosa música “War” (Guerra):

Sobre a questão da discriminação racial, a conferência de Adis Abeba ensinou, àqueles que aprenderão, mais essa lição: Que até que a filosofia que sustenta uma raça superior e outra inferior seja finalmente e permanentemente desacreditada e abandonada; Que até que não haja mais cidadãos de primeira e de segunda classes em qualquer nação; que até que a cor da pele de um homem não seja mais significativa que a cor de seus olhos; que até que os direitos humanos básicos sejam igualmente garantidos a todos sem observar a raça; que até aquele dia, o sonho de uma paz duradoura e cidadania mundial e o governo de moralidade internacional continuarão uma ilusão fugaz, a ser perseguida mas nunca alcançada; e até que os infelizes e ignóbeis regimes que dominam nossos irmãos em Angola, em Moçambique e na África do Sul em escravidão sub-humana sejam derrubados e destruídos; até que a intolerância, o preconceito, o malicioso e desumano egoísmo sejam substituídos pela compreensão, tolerância e boa vontade; até que os todos os africanos fiquem de pé e falem como seres livres, iguais

aos olhos de todos os homens, como eles são aos olhos de Deus; até aquele dia, o continente africano lutará, se necessário e sabemos que venceremos, pois estamos confiantes na vitória do bem sobre o mal. (RABELO, 2006: 190)

Apesar do controverso governo de Selassie, que nos seus últimos anos sofreram várias críticas e tentativas de tomadas de poder, o movimento rastafári viu nele seu aspecto mais mítico e religioso que propriamente humano, histórico. A sua divindade é o baluarte do rastafári. Várias músicas de reggae com o termo “Ras Tafari” são comuns, inclusive virou quase ‘chavão’ toda banda de reggae ficar falando “Ras Tafari” durante as apresentações, tal qual fazia o ícone do movimento Bob Marley. Inclusive ele foi o grande impulsionador, propagador, defensor, profeta do movimento rastafári. Em suas músicas são comuns encontrar referências tanto ao movimento rastafári quanto ao etiopianismo e o garveysmo:

### *Africa te une*<sup>17</sup>

África, te une  
Porque estamos saindo da babilônia  
e estamos indo para a terra de nosso pai.

Como seria bom e agradável  
diante de Deus e do homem,  
ver a unificação de todos os africanos  
como já tem sido dito ,deixe ser feito  
nós somos as crianças do homem rasta  
nós somos as crianças do homem mais elevado

Portanto África te une porque nossas crianças querem vir para casa  
África te une porque estamos saindo da babilônia  
e nós estamos trilhando a terra do nosso pai

Como seria bom e agradável  
diante de Deus e do homem  
ver a unificação de todos os homens rastas, yeah

como já tem sido dito,deixe ser feito  
eu te digo quem nós somos embaixo do sol  
nós somos as crianças do homem rasta,  
nós somos as crianças do homem mais elevado

---

<sup>17</sup> Tomado de <http://letras.terra.com.br/bob-marley/24591/traducao.html>

Então Africa te une,  
te une para o bem do nosso povo  
Te une pois está mais tarde do que você pensa

Te une para o beneficio de suas crianças  
Te une pois esta mais tarde do que você pensa  
A África espera por seus criadores, a África espera por seus criadores  
África você é meu antepassado fundamental  
Te une para os africanos que estão no mundo, te une pelos africanos de longe  
África te une

### *Canto do Rastafári<sup>18</sup>*

Eu ouço as palavras que o homem rastafári diz  
Babilônia seu trono caiu, caiu  
Babilônia seu trono caiu

Disse, eu ouço as palavras que o homem superior diz  
Babilônia seu trono caiu, caiu  
Babilônia seu trono caiu

E eu ouvi o anjo com os sete selos  
Babilônia seu trono foi a baixo, caiu  
Babilônia seu trono caiu

Eu digo voe longe de casa para Sião, voe longe de casa  
Eu digo voe para Sião, voe longe de casa  
Numa manhã luminosa quando meu trabalho acaba  
Homem vai voar longe de casa

Numa manhã luminosa quando meu trabalho acaba  
Homem vai voar longe de casa  
Numa manhã luminosa quando meu trabalho acaba  
Homem vai voar longe de casa

Eu digo voe longe de casa para Sião, voe longe de casa  
Eu digo voe para Sião, voe longe de casa  
Numa manhã luminosa quando meu trabalho acaba  
Homem vai voar longe de casa

Apesar das contradições do governo de Selassie e das críticas de Garvey, após a coroação de Ras Tafari, começaram a surgir os primeiros movimentos do que viria a ser o rastafarismo. Leonard Percival Howel foi um dos primeiros que começou a vender fotos do imperar Selassie e também a pregar a sua divindade nas favelas de Kingston, atraindo vários seguidores. Inicialmente ele era considerado

---

<sup>18</sup> Tomado de: <http://www:letras.terra.com.br/bob-marley/153546/traducao.html>

Garveyista antes de começar a fazer suas pregações rastafaris. Robert Hinds foi um dos seguidores de Howell que teve imenso sucesso na empreitada de constituir o culto rastafari em Kingston, enquanto Howell pregava pelo interior da ilha. Pregadores foram se multiplicando e estes atraíam mais e mais seguidores para o rastafarismo. A centralidade e obediência em Selassie, bem como a negação da autoridade inglesa sob os cidadãos jamaicanos começou a despertar no governo jamaicano as primeiras manifestações contra o culto rastafari. Prisões começaram a acontecer aos ‘cabeças’ do movimento como Howell e Hinds. Inciou-se então a perseguição policial aos rastafaris. Porém, tal situação não arrefecia os ânimos dos rastafaris que viram tanto nessa repressão como na invasão italiana contra a Etiópia, o cumprimento da profecia do Livro de Revelações 19:19: “eu vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado a cavalo e contra o seu exército”. Toda a interpretação deles descambava para termos bíblicos, percebeu-se então aí que a influência de Garvey já não era preponderante.

Por outro lado, quando Howell saiu da prisão, continuou sua missão fundando uma organização conhecida como “The Ethiopian Salvation Society” e vivendo de acordo com suas próprias concepções em uma propriedade abandonada chamada Pinnacle, além de tomar de posse de outras casas da região. Nesta propriedade, viviam como nos antigos marroons em que o inhame era o produto principal além da maconha (ganja). Após anos de conflito com os vizinhos e de resistência às leis jamaicanas, Pinnacle foi invadida pela polícia e desativada, sendo seus seguidores que ali moravam indo parar nas favelas de Kingston e Howell internado em um sanatório.

Os rastafaris viviam em grupos, mais ou menos de forma a não chamar a atenção da polícia, porém, recebendo desprezo e desconfiança por parte da sociedade envolvente. Eram tachados de analfabetos, pobres, lunáticos, fumadores de maconha e criminosos. Exatamente igual aos termos que os regueiros de São Luís eram conhecidos quando o reggae começou a ‘explodir’, tal qual um depoimento de Bioco,

integrante e presidente do grupo de colecionadores de reggae roots Amigos do Roots do bairro do São Francisco<sup>19</sup>:

Na década de 80 o reggae era marginalizado mesmo. Era marginalizado mesmo. A polícia vinha e dava uma ‘dura’ na gente. Agente ficava parado no retorno e a polícia vinha, revistava agente, na encontrava nada mesmo, agente ficava só bebendo. E assim fomos levando.

Em outro depoimento de Silvio, integrante do grupo Quarentões do Roots pertencente ao bairro do São Francisco, está explícito como tal discurso acaba por influenciar toda uma sociedade:

No início não frequentava porque era de menor. De menor ia, mas a polícia colocava pra fora. Comecei a ir a festa de música que não era reggae, era rock nacional, discoteca, sempre queria ir no reggae, mas não ia, tinha a música em casa na fita, disco que comprava, mas mesmo não indo nas festas eu comprava pra escutar em casa. Eu não ia porque tinha muito o comentário que só ia maluco, maconheiro, quando era pessoa novata que batiam, escutava muito isso. Então, eu particularmente tinha medo de ir, de frequentar. Até que um dia eu resolvi ir e vi que não era nada disso.

No Maranhão, mais especificamente o rastafarismo não aparece de forma tão acintosa quanto na Jamaica:

Aqui veio diferente da Jamaica. Era raro ver um rasta antigamente em São Luis, hoje através do reggae deixou os drads crescerem. Mas, ninguém ouviu falar em religião rastafári. Acho que muita gente não sabia o significado do cabelo rasta. Depois é que descobriram esse negócio que os cantores plantavam maconha. Não pegou muito esse negócio da religião rastafári”.<sup>20</sup>

O *reggae* é na verdade um ritmo híbrido que foi construído a partir de outros ritmos que rondavam a ilha caribenha da Jamaica. Nos anos 50 nas festas noturnas que rolavam na ilha se escutava o *blues*, *rhythm’n’blues* e *mento* (espécie de *calipso* jamaicano), que eram divulgados por DJ’s ou toasters que colocavam seus

---

<sup>19</sup> As pessoas das quais foram tomados os depoimentos são conhecidos na sua grande maioria por seu ‘apelido’, sendo, portanto indicados neste trabalho por seus ‘codinomes’ para que assim facilite a compreensão de quem esteja lendo este trabalho.

<sup>20</sup> Depoimento de Cabeça Roots, integrante do grupo Star Roots do bairro do São Francisco.

equipamentos de som conhecidos como *sound system* em cima de grandes plataformas ou mesmo de caminhões, parecido como o que hoje se observa nas cidades do Pará e do Maranhão, só que tocando os ritmos como o *melody e o forró*, respectivamente. Enquanto que de Miami vinham o *blues* e o *rhythm'n'blues*, da região do caribe o *calipso* era predominante. Da junção do *mento* – forma de *calipso* que tocava na região rural da Jamaica – com o *blues e o rhythm'n'blues*, aparece então um novo ritmo, o *ska*. Esse ritmo híbrido, misturado, é considerado ‘legitimamente’ jamaicano, ou seja, legítimo porque se formou lá, mesmo se conformando a partir de outros ritmos oriundos dos EUA. Pode-se agregar além destes dois ritmos norte-americanos, o *calipso* e o *mento* caribenhos, tem-se então uma mescla de ritmos que origina outros ritmos. A partir então da década de 60, o *ska* aparece como um forte ritmo jamaicano, quando então começa a sofrer outras alterações, agora dentro da sua própria constituição, ficando menos acelerado, convergindo para o que chamam de *rock steady* e depois o *reggae*.

Nessa época, a prensagem dos discos era feita de forma rápida e os DJs rapidamente colocavam novas músicas para rodar; o gueto era onde tudo isso ocorria, gerando na juventude uma perspectiva de reconhecimento social através da possibilidade de emplacarem sucessos. Por outro lado, essa mesma juventude vivia numa situação de marginalidade e violência típicas de cidades ‘inchadas’, sem estrutura e com altos índices de violência, tráfico de drogas e gravidez precoce. As gangues que se formavam constituídas por *rude boys* aterrorizavam a região de Kingston. Bob Marley se encontrava entre um desses jovens que também se envolviam freqüentemente em brigas de rua, o que após sua entrada no mundo musical acabou não mais acontecendo, apesar de que em algumas situações mais exacerbadas, ele tenha invocado seu temperamento mais conflituoso.

As primeiras influências de Bob Marley que se verifica nos seus primeiros discos era The Impressions, Curtis Mayfield e James Brown, depois The Beatles. Depois de alguns conflitos com seus produtores de seus primeiros discos, Bob Marley migrou para os EUA, do qual retornou sete meses depois para novamente tentar a carreira musical.

No final dos anos 60 quando o ritmo do *ska* sofreu a desaceleração das batidas e aparece o *rock steady*, começa também a haver a influência rasta de forma mais forte nos grupos musicais da época, aparecendo então músicas de teor religioso e relacionada com as pregações etiopianistas e rastafáris, como com os grupos The Ethiopians, The Paragons, Desmond Decker e outros. Em Bob Marley essa alteração se fez a partir de seu contato com Mortimo Planno, que começou a lhe apresentar a doutrina rasta e depois acabou por entrar para a comunidade rasta chamada Doze Tribos de Israel. Daí em diante, Bob Marley e seu grupo, The Wailers, iniciaram uma parceria com o produtor Lee Perry, que lhes renderam inicialmente dois grandes álbuns até hoje bastante tocados, o Soul Rebel e Soul Revolution, com músicas baseadas na doutrina rastafári. Após problemas com Lee Perry, foi com a Island Records que não só Bob Marley, mas também outras bandas e músicas de reggae tiveram sua ascensão e também talentos reconhecidos. Nomes como Black Uhuru, Gregory Isaacs, Dennis Brown, Peter Tosh que eram também rastas tiveram seu sucesso com a Island Records.

Após então a visita de Haile Selassie I à Jamaica em 1966 foi que houve um ingresso maior de músicos jamaicanos de reggae se converteram então ao rastafarismo. Porém, apesar de rasta, Bob Marley sofria muitas críticas dos rastafáris por ostentar sua riqueza oriunda do sucesso com a música, desde a aquisição de um automóvel BMW até seu envolvimento com uma miss Jamaica de 1976, por ser branca. Todos estes fatos eram considerados pelos rastas uma afronta à doutrina rastafári.

Apesar dos conflitos com a comunidade rasta, os discos de Bob Marley são extremamente cheios de mensagens de protesto, de amor, de paz, de reflexão política, de contestação contra a opressão capitalista, etc. Um dos seus álbuns, o Survival que continha a faixa África Unite, sofreu na África do Sul verdadeiro atentado ao arranharem com estiletos as faixas que continham conteúdo político contestatório. Já em Uprising, com a faixa Redemption Song, faixa considerada uma das músicas mais bonitas do século, vem com mensagem de libertação, de despertar, mas também de redenção:

*Redemption song*<sup>21</sup>(Canção de Redenção)

Velhos piratas, sim, eles me roubaram,  
Me venderam para navios mercantes  
Minutos depois deles terem me tirado  
De um buraco menos profundo  
Mas minha mão foi fortalecida,  
Pela a mão do todo poderoso  
Nós avançamos nessa geração  
Triunfantemente!

*Você não irá ajudar-me a cantar,  
Essas canções de liberdade?  
Porque tudo o que eu sempre tive são:  
Canções de redenção  
Canções de redenção*

Liberte-se da escravidão mental,  
Ninguém além de nós pode libertar nossas mentes  
Não tenha medo da energia atômica,  
Porque eles não podem parar o tempo  
Por quanto tempo vão matar nossos profetas?  
Enquanto nós permaneceremos de lado olhando  
Huh, alguns dizem que é apenas uma parte disto  
Nós temos que cumprir inteiramente o Livro

*... Refrão*

Liberte-se da escravidão mental,  
Ninguém além de você pode libertar sua mente  
Não tenha medo da energia atômica,  
Porque eles não podem parar o tempo  
Por quanto tempo vão matar nossos profetas?  
Enquanto nós permaneceremos de lado olhando  
Huh, alguns dizem que é apenas uma parte disto  
Nós temos que completar o Livro

*... Refrão*

Para alguns entrevistados, a figura de Bob Marley evoca realmente uma outra figura bíblica: João, o profeta:

Se for pesquisar o reggae ele tem uma mensagem tão forte, que acho que é a única música que tem seguidores. Tem até uma

---

<sup>21</sup> Tomado de: [letras.terra.com.br/bob-marley/24572/traducao.html](http://letras.terra.com.br/bob-marley/24572/traducao.html)

religião chamada Rastafari, um dos fundadores foi aquele imperador... Marcus Garvey foi tipo João, tipo um profeta.<sup>22</sup>

Palavras como **Jah**<sup>23</sup>, "**Babilônia**"<sup>24</sup>, "**Zion**"<sup>25</sup>, se tornaram constantes na tradição oral dos 'rastas', que na verdade são imagens simbólicas metafóricas de raízes africanas, etíopes e que são constantes no chamado '*roots reggae*' (reggae de raiz). Através de seus artistas, que se tornaram também os grandes propagadores das idéias do rastafarismo, a religião estabeleceu-se concretamente na Jamaica e de forma impressionante atrai seguidores pelo mundo afora e que são automaticamente reconhecidos pelos seus rastas e seus **dreadlocks**<sup>26</sup>, que se tornaram uma marca registrada.

### 3.2 Trajetória histórica e consolidação cultural do reggae no Maranhão

Em São Luís, o reggae se traveste não apenas de um estilo de música, mas, também acaba por se distinguir como um estilo de vida, de pensar, de se conhecer, de construir diferentes relações. Desde a forma como se dança até a forma como ele se organiza, ou melhor, como os seus 'seguidores' se organizam, é distinto. Os salões de dança se transformam em salões de magia, de sensualidade, e porque não, de cordialidade (apesar de muita opinião contrária)? A forma de dançar – agarrada - é única, que acabou por se tornar uma especificidade, uma característica que atrai muitos curiosos para São Luis no intuito de ver – e aprender – como se dança de forma tão junta e tão sensual. A batida da música marca o movimento dos corpos dançando juntos, em sintonia que beira a um transe de tão hipnótico e expressivo que ficam os rostos daqueles que se entregam à música.

As roupas dos que se entregam à música às vezes também se reflete no estilo de vida, é distinta. As cores: vermelho, verde, amarelo e preto (que estão

---

<sup>22</sup> Marcelo Loucura, integrante do grupo Quarentões do Roots do bairro do São Francisco.

<sup>23</sup> Jah: Abreviação do nome bíblico "Jeovah", usada para designar Deus ou sua encarnação terrena, segundo os rastas, o Imperador Hailé Selassié.

<sup>24</sup> Babilônia: Lugar imaginário que representa o sistema social construído com a escravização dos negros.

<sup>25</sup> Zion: A Terra Prometida. Lugar imaginário que representa a possibilidade de recusa ou fuga da Babilônia

<sup>26</sup> Dreadlocks: Longas tranças usadas pelos rastafaris.

presentes na maioria das bandeiras dos países africanos e da Jamaica) são predominantes na vestimenta. Essa forma de distinção pode ser observada justamente nas pessoas que atuam de forma mais consistente dentro do ‘movimento regueiro’, que são aqueles que fazem parte de grupos de colecionadores ou então são donos de radiolas (das pequenas radiolas ‘caseiras’ às grandes radiolas).

A música que chegou aqui, a feita na Jamaica nas décadas de 70 e 80 do século passado é caracteristicamente o chamado ‘reggae roots’, o reggae raiz. Foi esse estilo de música que chegou e cativou, se enraizou, influenciou gerações e possibilitou o surgimento de várias radiolas, assim como também possibilitou o surgimento dos ‘magnatas do reggae’ e com estes a ascensão de políticos de dentro deste universo regueiro.

É difícil saber e muitos se perguntam como realmente o ritmo jamaicano ganhou tamanha força na nossa região. Por que ele passou a ser dançado "agarradinho", como em nenhum lugar do mundo? O reggae chegou ao Maranhão, em meados da década de 70, alguns dizem que foi trazido pelo discotecário Riba Macedo, que, por sua vez, tinha sido apresentado ao ritmo por um cantor e vendedor de discos de Belém, capital do Pará. Naquele período, as festas maranhenses eram embaladas por ritmos variados, como o forró, o merengue, a lambada, as músicas internacionais românticas. O reggae passou a ser colocado no intervalo de músicas mais agitadas, a famosa "música lenta". Como as pessoas já tinham o hábito de dançarem juntas nessas horas, é natural que o reggae também fosse dançado assim, pelo menos é assim que se explica essa atitude. Vejamos alguns depoimentos tomados por integrantes de grupos de colecionadores e por colecionadores individuais de reggae:

É uma história longa o reggae. Tem o primeiro reggae que escutei na minha vida que não sabia que era reggae. Conheci quando Bob Marley tocou em um disco que fizemos, uma coletânea Susplahm foi que descobrimos também Gregory Isaacs.

O reggae pegou mais forte aqui e depois expandiu para os interiores. Os primeiros colecionadores: Natty, Zé Roxinho, Serralheiro, Riba Macedo... pessoas que tinham radiola, depois foi expandido.

Natty foi a pessoa que me incentivou a gostar de reggae, foi que tive contato, que comecei a saber nome das músicas, dos cantores,

a comprar discos. Devo a ele. Quando ele comprava disco, ele passava onde eu trabalhava e me mostrava. Só que eu ainda não era tão ligado. Só curtia, ia nas festas.

O primeiro local que tocava reggae – conheci o Pop Som, a UBF, a URBV (associação), o Montesi que quase ninguém fala, tinha as festas de santo nos bairros que tocavam reggae além de outras músicas. Pop Som e a UBF era só reggae. Tinha uma banda de Recife que tocava músicas internacionais, Trepidante, que pensávamos que era banda internacional. No São Francisco eu comecei a frequentar o Espaço e o Quilombo. No Cajueiro eram várias músicas, depois de Ferreirinha que ficou só reggae. No Quilombo<sup>27</sup> eram várias músicas.<sup>28</sup>

#### Outro depoimento:

Na realidade o reggae aqui em São Luis começou a tocar para as pessoas em salão em 1979. Foi no Somzão do Povo, um clube que tinha aqui no São Francisco, próximo da Lagoa. Era de Domingos, um cara que chamavam de Domingos do Somzão. Pessoal tem uma história de dizer que foi no Pop Som, no bairro da Jordoá. Mas não foi não. Eles passam essa imagem por que eles têm uma facilidade de tá na imprensa, e tem uma história que se diz que ‘eles fazem a história’, como Natty Nafson diz. Os outros clubes também tocavam reggae, mas tocavam misturado com lambada. Tocar só reggae foi no Somzão do Povo. E era o reggae roots, com Bob Marley, Jacob Miller... O Espaço Aberto começou a ‘bombar’ em meados da década de 80. Na década de 1990 foi o melhor do reggae, com o Antonio José (que era DJ), aí que foi que começou a criar fama.”

Primeiramente, se encontrava os LPs nas ruas, nas lojas, depois foi sumindo os discos e os ‘coleccionadores’, começaram a viajar para a Jamaica em busca de novidades e raridades.

O Espaço Aberto, inicialmente chamado de Cajueiro por causa de um pé de cajueiro, depois de passar por algumas mãos, acabou ficando com o Ferreirinha.

O que levou o reggae a ficar, a se instalar aqui, foi pela influência negra. Aqui em São Luis entrou vários ritmos, mas o reggae foi entrando devagarinho, e com o consentimento da ‘galera’, da massa pobre mesmo. Da periferia, que levava mesmo e ele se alastrou aqui. Muita gente vinha e ia no reggae, mas dizia que não era regueiro. Na década de 80 o reggae era marginalizado mesmo. Era marginalizado mesmo. A polícia vinha e dava uma ‘dura’ na gente. Agente ficava parado no retorno e a polícia vinha, revistava agente, na encontrava nada mesmo, agente ficava só bebendo. E assim fomos levando. O reggae entrou aqui assim, não como o pessoal diz, foi fulano que trouxe, fulano q colocou, foi uma música que entrou, foi entrando e ganhando as pessoas pelo ouvido. Ela entrou pela força que ela tem.

---

<sup>27</sup> Quilombo, Espaço e Cajueiro são nomes de clubes que existiram no São Francisco e destes, só o Espaço Aberto existe atualmente.

<sup>28</sup> Cabeça Roots, integrante do grupo Star Roots, bairro do São Francisco

Os discos, depois de um certo tempo, começaram a sumir, e aí os caras começaram a sair, a viajar para comprar fora e eram vendidos muito caro, caro pra caramba. Porque o reggae começou a ter uma força muito grande. Com a internete ficou até mais fácil, só que ainda tá caro.<sup>29</sup>

Outro depoimento tomado de integrante de grupo de colecionador do bairro do São Francisco, Marcelo Loucura do grupo Quarentões do Roots:

Eu não sei. Falam que o reggae tem 40 anos. Eu comecei a escutar reggae quando cheguei aqui no São Francisco. Eu moro pertinho do espaço aberto. Escutava, escutava, comecei a gostar. Ia e ficava na porta, olhava minha irmã se arrumando, comecei a ter a curiosidade de conhecer. Que diabo de música é essa? Pedia pra minha irmã - que se arrumava toda, perfumava - me levar e ela dizia q não podia. Atravessava aquelas pontes lá, era só pura água. Tinha uma ponte que atravessava a rua toda que ia até a casa de Zé Buraco. Aquelas ponte ali eu caia muito. Eu cai um bocado ainda na maré. A coroa gritava:

- Ei Marcelo!

E eu tava ali nadando!!

Eu fui me interessar pela história do reggae de uns 4 anos pra cá. Quanto mais você pesquisa, mais dá vontade de saber. O Nilson veio colocar um cd de como o reggae começou. Agente gostou muito. O cara que botou o nome foi um Toot, e quem começou a gravar reggae foi Jimmy Cliff, e quem explodiu o reggae foi Bob Marley.

A música jamaicana de linguagem natural se diferenciada de outros ritmos musicais de hoje, sem mensagem nenhuma. O reggae mesmo sem ser cantado em português leva a vantagem de ser compreendido e sentido por uma grande 'massa'. Hoje ele representa uma forma de 'liberação' e aproximação com outros segmentos da sociedade, propiciando às pessoas momentos de satisfação interior. Segundo vários depoimentos verificados abaixo, percebe-se que a dança e o conseqüente ritmo do reggae estão entranhados no 'homem' negro, vistos como uma 'raça musical'.

Para aquele que se considera regueiro (a), basta que se abra o coração e a mente, se ouça o reggae, para que seja despertado o íntimo das pessoas. A pulsação do grave cadenciado, o corpo todo é levado ao movimento por este ritmo que inebria, convida a sentir, dançar, ao ritmo da música.

---

<sup>29</sup> Bioco, presidente do grupo Amigos do Roots, bairro do São Francisco

Mesmo sem entender completamente o que consta nas letras das músicas, o maranhense se ‘identificou’ de maneira extraordinária com o ritmo jamaicano, vendo principalmente em Bob Marley uma figura de grande destaque e exemplo a seguir.

Especificamente, no bairro do São Francisco, onde acontece a pesquisa, aparece em um dos depoimentos a informação de que foi justamente neste bairro onde ocorreram as primeiras festas onde tocava exclusivamente o reggae. Segundo Bioco, nascido da cidade de Alcântara-Maranhão e residente na área do São Francisco desde os 8 anos (hoje tem 49 anos), a expansão do reggae no Maranhão e principalmente na capital foi muito mais forte na década de 80 e começo da década de 90 do século passado. Para grande surpresa da pesquisadora, segundo Bioco, o primeiro local (clube) a fazer festa e tocar somente reggae foi o Somzão, localizado justamente no bairro do São Francisco, área da Ilhinha, próximo da Lagoa da Jansen. Isso foi em 1979 foi que começou a tocar reggae de salão (em clube) em São Luis e justamente no Somzão do Povo. Para Cabeça Roots, o Espaço Aberto “significou muito, era o clube mais conhecido, mais divulgado que abrangeu mais pessoas. É um dos maiores especializados em reggae. Já teve reportagens sobre ele.”

O reggae veio diferente da Jamaica para cá. Era raro ver um rasta antigamente em São Luis, hoje através do reggae deixou os ‘drads’ crescerem. Mas, ninguém ouviu falar em religião rastafári. Acho que muita gente não sabia o significado do cabelo rasta. Depois é que descobriram esse negócio que os cantores plantavam maconha. Não pegou muito esse negócio da religião rastafári.

Poucas pessoas se interessaram em pesquisar sobre as músicas, o que dizem. Nem os donos de radiola, a maioria não sabe. Ficou para os pesquisadores/colecionadores, como nós, fazermos isso. Eu me interessei em buscar saber.

O que pega de imediato é o som.

Aqui tem várias pessoas que parece demais com a Jamaica. O Otávio Rodrigues que falou essa comparação. E outras pessoas que já viajaram para lá dizem que parece mesmo. O estilo de vida que as pessoas levam. É muito parecido. Foi uma obra da natureza, de Deus, porque aqui ele chegou e se encaixou melhor. Na Bahia tem muitos rastas, mas não se identificou com o reggae como foi aqui.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Cabeça Roots, integrante do grupo Star Roots, bairro do São Francisco.

### 3.3 O reggae em São Luís: seus discursos, nuances e conflitos

A vinculação de religião e política através de palavras como Babilônia, Zion e Jah acabou não necessariamente se traduzindo no movimento regueiro no Maranhão, pelo menos, não exatamente como apregoava Bob Marley e a própria religião Rastafári, que especificamente busca uma ‘libertação’, ‘conscientização’, para o povo negro.

O que se observou no processo do reggae, foi uma apropriação da simbologia da música primeiramente no intuito de difusão, porém, a partir do momento que se vislumbrou um potencial econômico a partir de uma classe econômica marginalizada, foram várias as figuras surgidas com o determinado fim de ‘dar voz à massa regueira’ com fins nitidamente políticos e pessoais.

Primeiramente a vertente econômica prevaleceu, com o surgimento das ‘radiolas’ e seu potencial de abrangência propiciou aos seus donos um determinado prestígio junto à ‘massa regueira’ e conseqüentemente, uma centralização quanto aos ‘porta-vozes’ dessa massa. Há trechos de uma música da Tribo de Jah (banda de reggae maranhense), “*Magnatas e regueiros*” que enfatiza essa dominação econômica, social, ideológica e agora política:

“Magnatas e regueiros / Na Jamaica brasileira /  
Os regueiros gostam de reggae / Os magnatas gostam de dinheiro /  
Não fazem nada pelo reggae / Nada fazem pelos regueiros /  
Pensam que a vida é uma festa / Para lucrar o ano inteiro /  
Muitos se dizem de bem / Se dizem regueiros sem interesse /  
No fundo são desordeiros / Lobos vestidos em pele de cordeiros /  
Movidos pela grana, / Pela inveja e pela ganância, /  
Não conhece a mensagem, / Princípios de paz e tolerância. /  
Muita gente humilde e honesta / Ama o reggae e vive no gueto /  
Paga pra ir a uma festa / Mas não recebe o devido respeito /  
São tratados como bichos / Pra policia são todos suspeitos /  
Vítimas do descaso, da exploração / E do preconceito. /  
O reggae não é isso, não é guerra, futricas ou maquinação, /

É música de paz, de amor e união”

Neste novo contexto de expansão do reggae, os ‘magnatas’ do reggae, perceberam outras novas possibilidades de aproveitamento sobre o movimento. Primeiramente com a expansão junto à classe média que antes agia de maneira discriminatória, porém, agora se ‘apropria’ de um movimento das periferias, sem necessariamente necessitar ir a essa periferia para escutar e dançar o reggae.

Começaram então a surgir espaços de reggae exclusivos para a classe média, uma espécie de segregação, pois os mesmos não freqüentariam jamais espaços da ‘genuína massa regueira’ com negros e pobres, em espaços de pouquíssima infra-estrutura. Porém, o reggae feito nas periferias é alvo de sérios ataques preconceituosos por parte da população que não o aprecia e o relaciona com violência, com negros, com a pobreza e a marginalização.

O aspecto da violência é sério quando se relaciona diretamente a uma classe dominada e explorada, marginalizada nos mais diversos aspectos, sociais, culturais, econômicos e quando este se liga a um determinado ritmo ou movimento, se torna ainda mais delicado.

A apropriação por parte dos ‘magnatas’ do reggae deste movimento acabaram por fortalecer práticas políticas clientelistas e altamente alienatórias. O reggae acabou por propiciar uma ‘manobra’ eleitoral que com o discurso de estar sendo dado representatividade a um segmento da população excluída e marginalizada, acabou por propiciar a eleição de vereadores do ‘reggae’ que, porém não necessariamente estão realmente preocupados com o movimento ou com seus ‘seguidores’.

### **3.3.1 Reggae, música para dançar ou construção simbólica e identitária?**

Visitando um dos bares de reggae roots no centro da cidade chamado Estação Zion, atualmente desativado por problemas com a vizinhança, coletei algumas impressões sobre o movimento do reggae vinil. Ultimamente vem ocorrendo

festas do ‘vinil’ nestes bares, levando para uma mídia as equipes que tocam direto do vinil (antigos LPs, compactos).

Aparentemente essas equipes que tocam vinil são formadas por pessoas jovens (entre 30 e 40 anos) e morenas, poucos negros (até agora somente vi um negro) e uma mulher. São geralmente dois ‘pratos’ para os dois e duas pessoas para fazer a discotecagem.

O aparecimento dessas novas radiolas pequenas (na sua maioria) refletem a amplitude que este movimento (consciente ou não) tomou por estas bandas. A retomada do reggae roots de pouco a pouco vem fazendo agora um caminho digamos inverso. Enquanto que em fins da década de 90 houve um esvaziamento, um recrudescimento do reggae roots depois de seu apogeu nas décadas de 70, 80 e 90, ele volta a ressurgir.

O reggae eletrônico (robozinho) tomou o seu lugar, se espalhando vertiginosamente e catapultado pelas grandes radiolas e pela sua mídia (principalmente Estrela do Som e Itamaraty). Pode-se dizer que o reaparecimento do reggae roots deve-se principalmente aos grupos de colecionadores de reggae que, organizados e perseverantes se mobilizaram para não deixarem cair realmente o que na opinião deles é o reggae original, o reggae raiz, o roots. Essa afirmação que nasceu de uma impressão de quem está começando a entender a amplitude e complexidade do movimento reggae, acaba sendo confirmada no desenvolvimento deste trabalho, não só através dos próprios depoimentos de quem está envolvido, mas também na própria constatação de que há toda uma circularidade, uma estrutura que está em pleno desenvolvimento, abarcando a questão econômica, mas também a social e a política.

Vejam os que nos falam as próprias pessoas que estão envolvidas diretamente no movimento reggae:

Eu sou regueiro, não é só para curtir, só para dançar, para ganhar troco, não, meu lance com o reggae é diferente. Se tiver um disco

que tenha uma música só, eu levo. Conheço pessoas que não dá. Eu dou, não interessa o preço.

Ser regueiro tem que ser humilde em primeiro lugar. Se você tem seu material, tudo bem, pode ter 500, 600 materiais. É gostar de reggae. Por exemplo, numa reunião com 'bacanas', perguntarem se você gosta de reggae, eu não vou dizer que não, vou dizer que sim, qual é o problema? Já passei por isso. Em determinado local que trabalhei era assim. Quem gostava de reggae era marginal... Hoje não, é diferente. Muita gente hoje é assumido. A vantagem do reggae ter ganhado a mídia foi isso. Não acabou com o preconceito, mas, quebrou várias barreiras. É um muro de Berlim que a cada dia que passa vai diminuindo.

Significado do reggae é uma mensagem muito boa. Vou te confessar uma coisa: se eu não curtisse, gostasse de reggae eu acho que nem existiria mais. O reggae é foda, é muito forte, ele tem uma energia positiva. Mas, se for 'traíra' dentro dele, ele mesmo te derriba, te dá uma rasteira e é difícil de levantar.

Participei do Freedom (da Liberdade) e hoje me considero do Star Roots. Me afastei um tempo do movimento por questões pessoais, mas nunca deixei de curtir. Eu observei umas coisas e deixei a bola rolar e quis dar um tempo, mas, agora to de volta. Voltei.<sup>31</sup>

Esse depoimento já nos vislumbra de como o reggae ele chega a ter um sentimento de devoção quase religiosa, em que aqueles que se identificam como regueiros, o fazem de forma ao mesmo tempo simples, mas profunda e que quando algo ou alguém surge com uma conotação contrária, negativa, é logo descartada:

Preconceito contra o reggae, existe muito. Um dos motivos é a violência. Eu por exemplo, tenho preconceito com o reggae eletrônico. Porque nestas festas tem muita briga. Tem uma diferença entre festa de reggae roots e de reggae eletrônico. No reggae roots vai a galera mais antiga, é difícil ter briga. Na de reggae eletrônico, tem sempre briga. Continua tendo preconceito. Mudou tão pouco. Eu por exemplo tenho preconceito contra o reggae eletrônico.

Em São Luis, tem mais preconceito contra o reggae que gente de fora. Lá no Ceará, por exemplo, eu converso com gente de lá, eles não tem preconceito. Agora, eu acho que o reggae aqui é mais comercial.<sup>32</sup>

Para outro entrevistado, o reggae esse depoimento já nos vislumbra de como o reggae ele chega a ter um sentimento de devoção quase religiosa, em que

---

<sup>31</sup> Cabeça Roots, integrante do grupo Star Roots, bairro do São Francisco

<sup>32</sup> Marcelo Loucura, integrante do grupo Quarentões do Roots, bairro do São Francisco

aqueles que se identificam como regueiros, o fazem de forma ao mesmo tempo simples, mas profunda e que quando algo ou alguém surge com uma conotação contrária, negativa, é logo descartada. A identificação como regueiro traz concomitante as lembranças de quando o reggae e o regueiro era marginalizado duplamente, pela sua condição social e também racial.

O Clube Espaço Aberto, tido como o local mais tradicional do reggae do Maranhão e que teve seu auge na década de 80 e 90, é lembrado com nostalgia como sendo quase um ‘templo’ e que ali eles (os regueiros) tiveram o contato ‘transcendental’ com grandes figuras do reggae mundial, ali que aconteceram e se fizeram nomes como Antonio José, o Lobo, figura também agora mítica no universo regueiro do Maranhão, grande discotecário (DJ) que levou ao delírio multidões nos seus lançamentos de ‘pedras exclusivas’.

O que traz a identificação do reggae é a sua ‘batida’, é que primeiramente chamou a atenção. O que me atrai no reggae, é justamente a batida do reggae, o som. São os instrumentos, a harmonia que conseguem fazer com instrumentos simples, uma harmonia bonita.

A característica da massa regueira de quando começou era que a maioria era negra e pobre.

Sobre o clube Espaço Aberto, digo que na década de 90 vinha muito artista, político famoso aqui no Espaço Aberto. Sarney Filho, Haroldo Sabóia. Ele conseguiu concentrar muita gente nesse clube.

O que caracteriza um regueiro? Às vezes o que acompanha diz que é regueiro. Mas, o regueiro, para nós acho que é a maneira de se vestir. Maneira de conduzir o reggae. O reggae antes era marginalizado, pela idéia de que vinha junto a maconha. A letra da música, a conscientização que ela traz.

As letras do reggae são fáceis de conseguir entender. A música de Bob Marley tem a letra, e sempre tem alguém pra traduzir. Primeiro era só a batida, a melodia, depois é que agente começou a entender as letras e viu que ‘casava’ as coisas, a letra com a melodia. Teve um dia que uma senhora chegou e eu tava assistindo um DVD de Bob Marley, e passava a tradução da música, a senhora sentou e só saiu depois q terminou. Outro sobrinho meu, a mesma coisa, não sabia da mensagem que traz a música.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Depoimento de Bioco, integrante do grupo Amigos do Roots, bairro do São Francisco.

A identificação com os ensinamentos da cultura rastafári acabam por transpassar também para a música reggae e conseqüentemente, para quem o ‘segue’. Acabamos por identificar mesmo inconscientemente que os ‘adeptos’ do reggae, do *reggae roots*, também podem ser considerados de certa maneira rastafáris, quando professam a paz, a igualdade, quando denunciam os políticos e os aproveitadores:

Regueiro é o que vai para o reggae para se divertir, brincar na paz, na tranquilidade, curtir. O regueiro que usa o reggae para fazer baderna eu não considero regueiro. O regueiro que eu considero é o da paz.

Reggae é uma música que vem dos jamaicanos e que veio para nos divertir. É Inexplicável como ele ficou aqui. Ele veio como música internacional. Veio discriminado e aí o pessoal foi gostando das músicas e expandiu.<sup>34</sup>

*Fotos das estruturas das radiolas:*



*Fonte: Lucimar Carvalho*

---

<sup>34</sup> Depoimento de Biné, presidente do Grupo Star Roots, bairro do São Francisco.



*Fonte: Lucimar Carvalho*

### **3.3.2 Usurpação simbólica, conflitos étnico-sociais e re-significação – a diversidade de sentidos do reggae maranhense.**

Utilizando-se como base teórica o trabalho de Renato Rosaldo e de outros autores que vislumbram nos estudos pós-coloniais uma ‘nova’ perspectiva de estudo etnográfico, primeiramente transcrevo algumas das opiniões e comentários a respeito do reggae tomados de pessoas que de uma maneira ou de outra participam destes espaços:

Depoimento do Professor Carlão, militante do movimento negro e antropólogo, professor da Universidade Federal do Maranhão e freqüentador dos salões de reggae:

O reggae é um movimento muito forte e expressa muito da cultura do negro. Porém deveria ser melhor utilizado como fonte de conscientização do regueiro. As ciências sociais têm algumas monografias sobre o movimento regueiro, porém não há nenhuma com um enfoque sobre a violência e a capacidade que o movimento tem para a partir dele mesmo buscar superar este aspecto de violência e de se conscientizar.

Depoimento de Rita, professora, catequista e frequentadora de clubes de reggae:

O reggae é uma batida muito envolvente, por isso muito popular aqui.

Penso que não há um movimento reggae; o reggae é importante para essa população afro-descendente como forma de identificação que acaba sendo explorado. Ele não é movimento por que não há essa integração como desejam e discursam os donos de radiola, uma imagem que eles querem passar que não existe.

Os donos de radiola se aproveitam da popularidade do ritmo e das simpatias dos regueiros pelas radiolas (parecido com torcidas de futebol). Os regueiros têm uma identificação com determinada radiola, então eles não votam em propostas, eles votam por simpatia pelos donos de radiola que lhes agradam.

Gosto de ir nos clubes de reggae, porém, a maioria não oferece boas estruturas.

Depoimento de Araújo, policial militar, inserido na comunidade em ações preventivas e freqüentador dos clubes de reggae:

O reggae é um lamento das classes mais baixas que tem uma identificação com o reggae, por isso que nas periferias os clubes de reggae são lotados.

Com a popularidade do reggae também nas classes mais ricas, abriu-se vários espaços para este segmento da população, o que faz que os da periferia critiquem dizendo que não são autênticos.

Como movimento o regueiro se utiliza muito da maconha, falam de paz e harmonia, os 'DJ' falam da paz; acredito ser um movimento sério, unido, pois quando há algum dentre eles (pessoas importantes do reggae) necessitando ajuda, eles fazem festas para angariar recursos para ajudar.

Politicamente, os donos de radiola tiram proveitos do envolvimento da periferia neste movimento; os regueiros não tem consciência da importância do voto; os donos de radiola se utilizam da boa fé dos regueiros, inclusive os vereadores donos de radiola, quando estão em grandes eventos, até distribuem dinheiro como forma de cooptação.

Depoimento de Carlinhos que trabalhou por 12 anos nas radiolas de reggae:

Sobre a música eu digo que gosto muito de escutar, porém não são todas as músicas, só as mais bonitas. Antes tinha o reggae mais roots, vindo da Jamaica mesmo, agora tem muito o reggae eletrônico feito aqui, que não gosto muito.

Sobre o movimento penso que há pessoas que não gostam muito do reggae porque é muito 'inflamado', tem muita gente. Tem regueiro que vai para 'curtir' a música, outros que vão mesmo para brigar. O reggae por ser muito abrangente, chama muitas pessoas que tem todo tipo de pensamento, gente boa e gente ruim.

Acho que o reggae não tem união, sempre o galho mais fraco é que quebra, é sempre um querendo derrubar o outro.

O regueiro não vai pro reggae pela 'mensagem' que tem, pois eles não entendem o que está sendo cantado, não entendem o que o cara ta cantando. Eles querem é saber da batida, de um som 'bacana' pra dançar.

O reggae, porém ajuda muito as pessoas que não conseguiram 'se firmar', ou mesmo que já foram 'gente grande' e hoje passam dificuldades.

Sobre a questão política, o reggae tem muito a ver com time de futebol, assim, cada pessoa tem a radiola que gosta, que torce. Então, o dono de radiola vendo a quantidade de gente que gosta da radiola, acaba partindo pra se candidatar sabendo que vai ganhar, a partir da sua influência naquelas pessoas que 'curtem' a sua radiola. Os políticos que se elegem pelo movimento não fazem nada, é só 'mídia', somente fazem algumas festas que liberam a porta, distribuem camisas, essas coisas. Eles também fazem muitos esquemas dentro da política, sempre pra se beneficiar da 'massa regueira'. E as pessoas só votam pela radiola, não é pela pessoa.

Depoimento de Marcelo Loucura, integrante do grupo Quarentões do Roots:

Sobre as estruturas dos bares de reggae, depende muito do local. Lá no Kingston, tá péssimo. Não tem nenhuma estrutura, ao contrário do Bar do Nelson. No Túnel do Tempo só pintaram, continua fedendo. Lá só tem um banheiro. Esses bares só se preocupam em ganhar dinheiro. O melhorzinho que se salva é o Bar do Nelson. Cobram caro demais e não dão qualidade.

Bares do roteiro turístico - Bar do Nelson, Cidinho, Túnel do Tempo, Roots, receberam um crédito pra arrumarem. Esses bares tem públicos diferentes. No Nelson, é festa pra ganhar dinheiro, agente já sabe o que eles vão tocar. Apesar do estilo ser o mesmo. O colecionador é mais exigente, reclama. Esses filhos de papaizinho, o que tocar eles dançam. Tem uns filhos de papaizinho que fizeram até uma equipe, a orquestra invisível. Outra diferença, é que lá a droga rola solta e ninguém fala nada. Vai fazer isso, no Clube do Bento, é diferente.

O reggae eletrônico - Eu sei que o primeiro que começou a tocar foi Ferreirinha, que começou a produzir reggae aqui pra tocar só na radiola dele. Quem começou esse negócio foi o DJ Mister Brow. Eu não lembro que Antonio José tenha começado a colocar. Tinha algumas músicas que ele botava que tinha umas pegadas eletrônicas. Como o melô de Pedrinhas. Depois foi a Itamaraty que começou a investir mais pesado ainda nesse reggae. Eu acho que atrai muito porque não sabe, como agente, que começamos a gostar de reggae roots, eles não tem oportunidade de escutar o reggae antigo.

#### Depoimento de Cabeça Roots, integrante do grupo Star Roots:

O preconceito diminuiu, mas é um muro que ainda não foi demolido. A classe média no reggae ajudou a diminuir o preconceito. Digo pelo que passei e senti. Antes não tinha reggae em boate, banda de reggae para a classe média em shows, direcionados para ela. Você fizer um show de reggae na Litoranea, Batuque, casas de show, vai dar gente.

Há discriminação do reggae para a periferia e pouco para classe média. Mas é um muro que é duro de demolir. Falta o poder público assumir que nossa ilha a maioria gosta de reggae. Falta uma pessoa fazer isso. Não basta a lei de que reggae é cultura. Agente ainda encontra preconceito. Por exemplo, patrocínio das empresas para algum evento de reggae é difícil. O reggae direcionado para a classe média, o patrocínio é garantido, mas quando é para periferia é mais difícil.

Preconceito dentro do movimento – Tem sempre aquele que quer ser melhor que o outro e o reggae não é isso. Quanto mais humilde você for no reggae é melhor. Ele tem a vantagem e a desvantagem. Às vezes você chega ‘é o cara’ e depois vem a Babilônia e te fecha. O reggae é assim, já vi casos que as pessoas já nem ouvimos falar.

Grupo de colecionadores – não sei se dividiu, mas, ele garantiu um espaço que já tinha e que tava se acabando e essa idéia foi boa. Os primeiros grupos incentivaram muito (Freedom e Black).

Depois que chegou o eletrônico que começou essa juventude mais violenta a entrar e esquecer nossas raízes, esqueceram o que agente viveu e ainda vive. É muito gostoso dançar agarradinho e no eletrônico não. Os donos de radiola o usam simplesmente para vender cerveja, é comercial.

Há uma divisão do Roots versus Eletrônico. No roots pouca gente jovem e no eletrônico, não há a galera mais antiga. Divide mesmo.

A galera deveria freqüentar o roots para ver como esse movimento é mais sadio, você não vê confusão, briga por qualquer coisa, é um papo diferente.

No São Francisco não tem um barzinho, um point para curtir. Aqui no São Francisco é considerado classe média e é caro, é difícil.

A fundação da Agrucorem foi ótimo para direcionar o reggae roots, porque deu uma mídia porque tava completamente banido, só se curtiava em casa e hoje até as grandes radiolas já voltaram a tocar reggae roots.

Ele tava praticamente banido dos salões, com a criação da Agrucorem e os grupos, deu uma alavancada. Eu na época da fundação participava do Freedom Grupo.

Papel dos grupos – importante, tinha até gente que não curtia e hoje já curte. Começou com 2 grupos e hoje já tem mais de 20 grupos. Deu uma alavancada boa.

Tem disputa entre grupos, um quer ser melhor que o outro, ter mais material, aquela história “a tua não é das antigas, entrou na valsa”, “não é da raiz”.

É bom que venha mais pessoas. Agora, tem que saber dividir e escolher bem para a diretoria. A organização de nenhum grupo tocar mais que o outro, democratiza a participação.

Donos de radiola – é muito raro um dono de radiola ser parceiro do outro, como nós nos grupos. Eles não se unem, nisso eles são Babilônia, é cada um por si. Nos anos 90, a disputa era tão acirrada que eu pensei até de que um dono de radiola poderia matar outro. É um rio de piranha, um salve-se quem puder.

DJs – pegaram a mesma história/mania dos proprietários. Estimula a competição. Tem DJ que até queria tocar roots, mas o dono de radiola não deixa, porque às vezes é festa programada, para a juventude e não pode.

Os DJs tem um poder grande, mas eles não ajudam muito. Eles falam: “não te mete comigo, que eu sou o cara”. O locutor de rádio também não faz diferente. Não falam a mensagem do reggae. Só fazem comercial de festas, não passam a mensagem, o nome da música, o cantor. Eu além de colecionador, também gosto de pesquisar sobre o reggae.

O movimento do reggae roots é solidário. Quando participava do Freedom, teve uma festa que fizemos beneficente, no GDM e arrecadamos muita coisa, acho que foi a maior festa beneficente que já foi feita, ‘na ponta da agulha’.

Vinil x disquete – eu sempre compro vinil. Se tiver cuidado é pra vida toda. O disquete por outro lado, facilita mais o transporte. O disquete e o CD podem perder, roubar, danificar, tudo de uma vez. Se você tem o vinil, você tem aquela música pra sempre.

Para tocar disquete é mais prático, é mais leve. Se eu fosse DJ eu aproveitaria para tocar em disquete.

O vinil também é melhor porque é difícil ser pirateado.

#### Depoimento de Bioco, presidente do grupo Amigos do Roots:

*As estruturas do clube de reggae* - Hoje não tem mais ‘clube de reggae’, somente o espaço aberto que ainda funciona. Mas, hoje não tem mais esses clubes específicos de reggae. Não funcionam mais. Como o Jaime Cerpa, o Batistão, etc. Hoje o reggae é mais nos bares que tem, como o Roots Bar, o Cidinho, o Kingston. Os locais que tocam reggae precisam melhorar mais. Precisam de conforto pra galera.

Nos bares como Nelson, Chama Maré, as pessoas vão mais concentradas para o reggae. O pessoal vai mais pra curtir. Na periferia, sempre dá confusão. Lá não, tem mais tranquilidade. Eles tão com uma estrutura melhor, com banheiros, porque lá o pessoal é mais exigente, se não tiver bom, eles não vão. Lá na Vila Conceição, tem um local ruim, e eu reclamei, o dono diz que

regueiro gosta é assim, mas eu falei pra ele que eu tava reclamando porque não tava gostando. Eles têm uma teoria de que se eles mudarem a estrutura, não dá mais gente. É burrice deles.

#### *Sobre as radiolas*

Os donos de radiola deveriam conscientizar também. Os DJs fazem muita apologia a violência. Eles ficam jogando piadinha de um pra outro, uma disputa. As radiolas contribuíram muito para o reggae, só q não deram continuidade. O resultado q só tocam mais no interior porque ficaram muito grande.

O reggae e a política tem tudo a ver estar junto.

Depois que os donos de radiola entraram na política, não fizeram nada. Muita conversa e não fizeram nada. Já era pra esses caras terem uma associação das radiolas, e eles não têm.

#### *Os espaços de reggae para a classe média*

Eu acho bom, tira a idéia de que o reggae só atraía marginal. De que o reggae é só de periferia. Eles levaram para o meio deles também. Na época de Antonio José, ele foi um grande DJ, só que ele contribuiu para diminuir muito. Foi daí que o pessoal que ia na sexta-feira no Espaço aberto, começou a ter os outros espaços, como Nelson, Chama Maré.

Muita gente dizia de forma pejorativa, olha o filho de fulano de tal é regueiro, é marginal, é drogado. Então isso contribuiu para mudar um pouco essa idéia.

#### *Os tipos de reggae*

Tem o reggae robozinho feito por cantores maranhenses, tem o reggae roots, tem o reggae eletrônico, tem o new roots agora. O reggae que atrai mais gente é o robozinho, o eletrônico. Pela propaganda, pela mídia que faz. Essa galera mais nova é que acompanha. A galera que gosta do reggae roots não acompanha essa onda. Por isso que eles começaram a fazer os grupos de colecionadores, para justamente escutar o reggae roots.

#### *Poder público*

Tão tentando organizar os bares, reformar, para colocar no guia turístico. Mas, acho q tá só no papel. Não fizeram nada ainda. Tem a Comissão Integrada do Reggae, do município. Mas só soubemos depois q já tava tudo organizado. Quando chamam a gente é só pra dizerem os cargos que já foram escolhidos.

#### *Os grupos de colecionadores*

Os primeiros grupos de colecionadores foi o Freedom da Liberdade e o Black Roots do bairro de Fátima. Eles só dependiam de políticos, por isso não foi pra frente. Eles não faziam uma coisa deles, era sempre contando com apoio de político. A Agrucoren tem uma reunião por mês e temos um regimento interno, que exige que os grupos para se cadastrarem tem q pagar uma taxa por mês.

#### *Como o grupo como se formou e a Agrucoren*

Como não tínhamos mais os salões com reggae roots, uns amigos começou a se reunir para escutar o reggae, cada um colocando seu reggae. Daí surgiu a idéia de fazer algumas 'festas' pra curtir o roots. Teve bastante gente e daí pra frente surgiram mais outras

festas, até criarmos o grupo, com nome, bandeira, desenho. Mesmo que agente não queira, voltar atrás, não dá mais. A Agrucorem foi criada com 4 grupos, com o objetivo, uma organização para os grupos, pra não ficar um puxando pra um lado e pra outro. Ela dá as coordenadas, organizando as datas de festas, pra não bater as datas. Quando tem alguma coisa e não dá pra resolver o problema no grupo, agente leva pra reunião da associação. Quando há desavença entre grupos, ela dá suspensão. É a cabeça dos grupos.

#### *Rastafarismo*

Quando veio pra cá o reggae, veio junto com a maconha, lá é liberado. Só que aqui a legislação não permite, então quando veio o reggae, veio com a maconha, ficou ainda mais marginalizado.

#### *Crescimento das festas de roots*

Quando tem as festas de robozinho, o bicho pega. Eles entram armados, entram pra fazer confusão. Nas festas de reggae roots, é mais difícil, porque todo mundo se conhece, é amigo, vai pra curtir o reggae. Tem uma diferença nestas festas. Os caras donos de festa, de clube, já tão aderindo ao reggae roots porque tão vendo que as festas que agente faz dá muita gente, é tranquilo. Então eles começam a fazer essas grandes festas com reggae roots. Agente mesmo tá revendo pessoas que antes não iam mais nas festas porque não tinha mais o roots. Pros grandes, eles só querem quantidade, não querem qualidade. Então, mesmo que eles não queiram, tá crescendo muito.

Depoimento de Biné, do grupo Star Roots e presidente atual da Agrucorem:

Tem o preconceito até hoje. Por exemplo, na própria delegacia de Costumes agente vai tirar uma licença para o reggae, tem aquela burocracia. Para o forró não tem, mas quando fala para o reggae, existe esse embaçamento. Falam que no reggae vai marginal.

Quando vou tocar nas festas tem a galera que quer tocar no vinil, mas tem a mão pesada, chega dá uma dor no coração. Tem vários locais que não tira licença para o reggae, por exemplo, o bar do sítio lá na Vila Conceição, Altos do Calhau, é proibido reggae lá, isso é preconceito com o reggae.

É porque eles acham que é música de preto, de pobre, de marginal. Quem gosta de reggae para eles é marginal. Antigamente só ia mais mesmo a classe baixa, hoje já expandiu mais, já vai a classe média, a elite, as pessoas da alta. Um exemplo, fui tocar para um cara de classe alta, mas, só toquei porque o pai dele viajou. Lá ele é a ovelha negra da família.

É uma música que fala de amor, de paz, e no entanto, tem esses forró com umas letras... O ritmo jamaicano, as pessoas traduzem para gente e fala de Jah, louvando a Deus, fala de paz... esse tipo de coisa e tem música que eles fazem a crítica aos políticos... é uma música consciente e positiva, é verdadeira.

Tem até os policiais que quando chegam nas festas, o reggae não pode passar daquele horário, mas tem outros shows que vai até 4 horas. Show de reggae não pode passar 1 minuto a mais. E tem festa de reggae que mesmo com a licença eles ainda param. Já aconteceu foi muito.

É lamentável essa violência nas festas de reggae, tem pessoas que não vão para se divertir, vão com o intuito de manchar. Mas a violência não é só no reggae, tem nos bailes funk, nos diversos ritmos. Tem festa de hip-hop que eles usam mais drogas que nas festas de reggae. Nas festas de classe média também usam e ninguém fala nada, porque eles tem dinheiro e o regueiro não tem dinheiro. Por exemplo, é difícil um regueiro usar cocaína porque não tem dinheiro.

Entre regueiro existe a fofoca. A discriminação que existe é das pessoas que querem 'ser' mais que o próprio reggae. Por exemplo, tem DJ que quer aparecer mais que a música que tá colocando. É uma coisa abusiva. Na festa, o DJ é para fazer alegria dos que estão se divertindo. A estrela da festa é a música e o regueiro.

Agrucorem – é porque esse movimento veio com o reggae roots. Começou a fazer aquele reggae moderno que alguns gostavam e começou a ter grupos (Freedom e Black roots) e depois de conversas com outros colecionadores veio essa idéia de montar uma associação vinculada aos vários grupos de colecionadores para resgatar o reggae roots que só havia duas festas por ano: a recordação e a homenagem a Bob Marley.

Freedom Grupo – 13 anos e o Black Roots, 12 anos. Não era no vinil, era no MD. Em 2006 que surgiu essa associação com 11 grupos, Henrique Chaves, Lucas Freire, Luizinho Chaves, Biné e outros. Henrique deu o toque na rádio para que os grupos que tivessem interessados, marcou uma reunião no GDAM e conversando, unimos as forças e teve a idéia de montar uma associação. O primeiro presidente foi Henrique Chaves, depois Lucas Freire e depois Natinho. Por último Biné, a partir de 2010. Fizemos registro de Ata, Estatuto. Até isso o preconceito foi grande. Andamos para lá sete vezes para registrar o estatuto. Cada vez era uma coisa diferente. É muita dificuldade. Graças a Deus hoje somos registrados, fazemos um trabalho social em várias áreas de São Luis, no interior. Em Cururupu também o Geração Roots é filiado à AGRUCOREM, sempre fazem festas beneficentes, agente se desloca daqui para lá para fazer aquele apoio cultural. Essa associação é sem fins lucrativos, agente tá na luta, para ajudar, esse foi o vínculo que saiu da idéia da gente para gente colocar em prática e tá dando certo. Agente é criticado, é, mas, nesse movimento, essas coisas sempre vão existir, agente tá fazendo a parte da gente.

Agente começou tocando para 40 pessoas, hoje agente toca para 1000, 500 pessoas, e hoje o roots tá numa fase tão crescente, tem muitos bares que toca roots, por exemplo, num show tem a tenda roots e tem a radiola do reggae moderno. Graças ao movimento dos grupos de colecionadores. A realidade é isso. É através da nossa resistência que o reggae existe.

O bairro do São Francisco é o que tem mais grupos, quatro. Esses grupos foram surgindo, alguns saíram de uns grupos e fundaram outros, por exemplo, saindo do São Francisco e formando um no

Altos do Calhau. Mas, tudo em paz. Eles fazem os encontros lá (Altos do Calhau) e chamam os daqui (São Francisco).

Fazem encontros São Francisco e Altos do Calhau.

Movimento de grupo, de festa mais forte é aqui no São Francisco. O Amigos do Roots conseguiu fazer a festa com mais público.

Estrutura dos bares: alguns bares tão melhor que antes. Como no Nelson, Chama Maré, Roots, Túnel do Tempo, Kingston 777, ainda não melhorou, mesmo estado no roteiro turístico.

A Toca da Praia era muito grande e hoje colocando 4 radiolas, não enche mais como antigamente.

Contribuição das radiolas – que mais se destacaram a Vera Cruz, Somzão Asa Branca, Menina Veneno, Serralheiro, Águia de Ouro... Antes elas tocavam todos os ritmos. Depois foram se especializando no reggae. É que nem time de futebol. Cada tempo tem sua radiola, seu momento, de acordo com o investimento de cada uma. Às vezes tinham pessoas que iam atrás da radiola por causa de uma música. Cada radiola tem seu tempo. Tem que investir. Em estrutura e nas músicas. Na época era discotecário. De 80 para 90 é que foi que começaram com essa linguagem de DJ.

Teve DJ que veio para o reggae para ganhar dinheiro. Alguns são regueiros, outros não. Investiram em músicas caras, como Ferreirinha, Itamaraty. Tinham as disputas de radiolas, de exclusividade. Até hoje o reggae tem esse clima de disputa, pessoas brigando pelo poder, e não é isso que o reggae é. Mas, as pessoas tem isso, a briga pelo poder. Nas equipes também tem isso. Muita gente se ajuda, outras não.

As radiolas não contribuíram em termos sociais em nada. Nenhuma. Em termos financeiros, fins lucrativos para os donos.

Novas versões em reggae

A juventude gosta de novidade, assim é o reggae moderno aqui hoje no Maranhão, é uma imitação, é que os jovens que gostam, porque os jovens não gostam do roots. Os regueiros entram em choque com esses dois tipos de músicas.

Os políticos com o discurso do reggae não fizeram nada. Já tivemos vereador, deputado federal no reggae, mas como antes, continua o preconceito na hora de tirar licenças.

Entra vereador, sai vereador, a polícia continua batendo em regueiro. É triste agente vê os seguranças no reggae com cacete na cintura, batendo nos regueiros. É uma tristeza, mas é verdade. Só criaram o dia do regueiro.

O pessoal do bumba-meu-boi, blocos afro, tem despeito com o reggae porque nunca conseguiram eleger ninguém. Eles embaçam o reggae. Tem o bloco do reggae que agente ajuda porque quer ver o movimento crescer.

O reggae contribuiu para uma mudança social, por exemplo nas festas dos grupos de colecionadores, agente vê as famílias levando as crianças, crianças de colo, porque as pessoas que vão para lá vão para se divertir.

O poder público ainda é preconceituoso com o reggae (por exemplo as licenças, polícia). Para o turismo (CIR) eles já estão conversando com o movimento. Eles possibilitaram o investimento em alguns bares. Já é um avanço eles dizerem que o reggae é cultura.

O bloco do reggae no carnaval foi um grande avanço do movimento, trazendo artistas jamaicanos para subir no trio.

Melô – para identificar a música. Os rótulos dos discos eram rasgados para não identificar e para ser exclusivas para determinada radiola. Queimavam/cortavam a música para não serem copiadas, mas mesmo assim ainda conseguiam copiar.

Star Roots – formado através de mim e de Jm do Barreto. Juntamos nosso material. Ele é também um dos DJs mais antigos. Foi em parceria com a associação do Barreto.

Star Disco – equipe de vinil, independente do grupo. Angariar recursos para repor material.

Depoimento de Silvio, do grupo Quarentões do Roots:

*Regueiros na política*

O reggae por ser muito discriminado ele precisa de qualquer entidade que venha ajudar. Só que muitos fazem um discurso bonito, dizendo que vão ajudar, que vão fazer aquilo, mas na realidade é só pensando no dinheiro. Para mim esses empresários donos de radiola que fazem isso (entra na política), que falam que vai ajudar, melhorar o reggae, é só papo furado. Eu não acredito em nenhum deles.

Seria bom se fosse verdade que fizessem o que prometem porque agente precisa de gente forte que nos apóie, infelizmente é só papo furado. Não teve diferença nenhuma depois que eles entraram. Por exemplo, o reggae roots ele voltou, ele tava esquecido, para escutar ou era em casa com suas próprias músicas ou alguns bares que você ia para tomar sua cervejinha e ia para botar. Hoje não, o reggae roots voltou graças aos regueiros, não teve ajuda de políticos. Os regueiros que se reuniram através dos grupos e da associação – a Agrucorem. O reggae tem força. Se nós formos unidos tem como fazer com que ele melhore cada vez mais.

Dj Valdinei, discotecário e apresentador do programa Reggae Ponint, na Rádio Mirante FM:

Embranquecer – o reggae embranqueceu porque foi levado da classe D, da periferia, para a classe A (Litoranea, Calhau), para o bloco do reggae no carnaval. Tem a haver com classe social, não com questão de cor.

Foi como o que aconteceu com Bob Marley que não conseguiu levar o reggae para os Estados Unidos por causa do teor das letras, Byron Lee então colocou em versão instrumental e conseguiu.

Os depoimentos acima nos fornecem alguns elementos para análise. Primeiramente há ao mesmo tempo uma afirmação do preconceito da sociedade pelo regueiro(a), por ser negro(a) e de periferia, também há uma certa positividade pelo fato de que o reggae, uma música discriminada por estar diretamente envolvida com um segmento marginal da população, está avançando pela classe média e branca da

sociedade maranhense e mais especificamente, de São Luís. O reggae quando antes era tocado exclusivamente nos guetos e curtido também por universitários engajados na questão social, sofria um preconceito maior do que hoje.

Dentro do movimento regueiro '*roots*', um segmento do reggae analisado neste trabalho com mais rigor, existe a positividade do 'branqueamento' como coloca o DJ Valdinei. Um branqueamento que ajuda a quebrar a barreira do preconceito. Por outro lado, em outro depoimento há uma colocação que é verdadeira de acordo com verificação '*in loco*' da investigadora: há o preconceito da sociedade quanto às pessoas que freqüentam diferentes espaços de reggae. Há os espaços para a classe média poder 'curtir' com tranquilidade e segurança seu reggae, sem estar envolvido diretamente com as pessoas dos 'guetos', de onde se originou o reggae que eles curtem.

Uma diferença gritante é justamente na forma como a polícia adentra os diferentes espaços de reggae, para a classe média do reggae da periferia. No Bar Chamado Chama Maré, é comum observarmos o consumo à vista de todos da maconha. Já em outros locais de reggae, pelo menos os locais da periferia visitados pela investigadora, não foi observado o consumo da maconha tão abertamente. Fora alguns cigarros de consumo legal, sequer o odor da fumaça de um cigarro de maconha foi percebido.

Se por um lado, há o ponto positivo de que o reggae é música sem fronteiras social e econômica, por outro lado, a barreira social e econômica ainda vinga nos subconscientes da sociedade.

#### **4 A MASSA REGUEIRA EM AÇÃO: O REGGAE COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO HUMANA E SOCIAL**

As festas de reggae não acontecem apenas para se usufruir da música, da dança. Para seus frequentadores e podemos dizer que para os adeptos, o reggae é muito mais que isso:

Significado do reggae é uma mensagem muito boa. Vou te confessar uma coisa: se eu não curtisse, gostasse de reggae eu acho que nem existiria mais. O reggae é foda, é muito forte, ele tem uma energia positiva. Mas, se for 'traíra' dentro dele, ele mesmo te derriba, te dá uma rasteira e é difícil de levantar.<sup>35</sup>

Uma pessoa dizer que para ele o reggae é tudo, de que sem o reggae “eu acho que nem existiria” faz essa música ter uma amplitude incomensurável e que deve realmente ser considerada como impulsionadora de princípios, de morais, de atitudes, de consciência. Talvez seja por aí que determinadas figuras do meio do reggae conseguiram se sobressair economicamente e socialmente. O discurso do reggae que combina paz, justiça, conscientização, respeito, pode por um lado não atingir uma parcela dos que frequentam, porém, alguns que realmente se definem como regueiros, tem atitudes, pensamentos, que são diferenciais na nossa sociedade.

Vejamos, na chamada de abertura do Programa Radiola Reggae, levado ao ar pela Rádio Difusora Fm (94,3) das 20 às 22hs, comandado pelo comunicador e DJ de reggae Marcus Vinicius resume bem o que tentamos colocar acima:

“Muito já foi dito.

Milhares de canções já ficaram para a história.

Mitos foram revelados, mas muito ainda está por vir.

Que ritmo é este, que une gerações? Derruba barreiras? Quebra preconceitos? Atravessa fronteiras? Faz religião? Nos enche de alegria e esperança?

Tem coisas que só os deuses podem explicar. Descubra o segredo do reggae aqui no Radiola Reggae. O programa oficial do reggae no Maranhão.”

---

<sup>35</sup> Cabeça Roots, integrante do grupo Star Roots

Nas impressões coletadas durante a entrevista, posso colocar algumas que chamaram a atenção. Para Silvio (Quarentões do Roots), não deveria haver essa divisão e competição entre as ‘vertentes’ do reggae já que isso só faz complicar, dividir e enfraquecer o movimento. O detalhe da entrevista é curioso já que segundo Silvio, os grupos de colecionadores de reggae não são exatamente DJs, já que eles se juntaram justamente para escutar o *roots*, ficando a animação muito a ‘desejar’. A função do DJ que é também justamente animar a festa fica restrita a alguns ‘alôs’, convites para festas de colecionadores, dizer o nome da música, fazer a mídia do grupo/radiola que está tocando. Então, ele se achando muito tímido, na hora de fazer a entrevista, reconhece essa dificuldade de expressão dos colecionadores.

Pode-se dizer que também dentro dos grupos de colecionadores há os conflitos. É quem faz a seqüência melhor, a organização, mídia, roupas. Isso ficou evidenciado em algumas festas que aconteceram desentendimentos causados por palavras ditas durante a discotecagem de alguns DJs, a ordem de apresentação dos grupos, dentre outros.

Muitas radiolas hoje fazem parte do dia-a-dia dos bairros. De pequenas estruturas a outras gigantes, é comum encontrarmos nos bairros, em casas humildes, equipamentos potentes para curtir o som, seu reggae. Para montar uma radiola é necessário: um aparelho de MD (que geralmente eles usam), CD/DVD, equalizador, amplificador (aparelho de força) mesa de som/mixador de 4 canais. O MD cabe poucas músicas, então é mais fácil de encontrá-las, então é muito usado nas radiolas.

Nas festas de *reggae roots* eles fazem o convite para outras festas que aconteceram, geralmente com algum objetivo, ou de aniversário do grupo, ou para ajudar alguém, ou para arrecadar fundos (beneficente), como dia das mães, dia dos pais, e principalmente final de ano. Se percebe que ficam um pouco chateados, aborrecidos, quando um ou outro grupo não comparece na festa. Na fala de Sandrinha (membro da Agrucorem), a associação e seus grupos de colecionadores tem como objetivo maior a divulgação do *reggae roots*, o companheirismo (se juntar

para escutar), a ajuda mútua do que propriamente angariar dinheiro; diferente como nas outras festas de reggae.

Os grupos de colecionadores que aparecem nas festas, geralmente são convidados para fazerem suas seqüências, uma forma de prestigiar, agradecer pela presença. Pode-se dizer que é uma forma realmente democrática de participação de todos, e de forma organizada, já que a ordem de apresentação é de acordo com a ordem de chegada de cada grupo. Outra atitude que foi notada que revela a atenção e solidariedade entre grupos é que quando algum colega chega sem ‘material’, cedem o seu para que possam fazer a sua seqüência.

Registro de alguns eventos de reggae solidário:

*Evento na Praça do Anjo da Guarda para arrecadação de donativos para os desabrigados pelas chuvas no Rio de Janeiro, em janeiro de 2011:*



*Fonte: Lucimar Carvalho*

*Arrecadação de alimentos e mantimentos em festa realizada em dezembro de 2010 no Clube do Bento – São Francisco, para distribuição às comunidades da Ilhinha e do Alto do Calhau:*



*Fonte: Lucimar Carvalho*

Nos depoimentos abaixo, vamos construindo um pouco como o reggae consegue articular pessoas, quebrar algumas barreiras sociais e de gênero, porque o universo do reggae é demasiadamente masculino:

**O reggae pode contribuir pra uma mudança social e cultural das pessoas?**

Se o cara levar pelo lado social, eles vão ajudar muito, vão contribuir, e não pelo lado do dinheiro não vão pra lugar nenhum. As letras pregam isso, o reggae de protesto, acho melhor falar o reggae de conscientização. Dizem que o cara da periferia faz protesto, mas protesta pelo que quer, porque não chega até ele, o que deveria chegar. E foi conscientizando as pessoas, se protesta pelo que agente quer. Bob Marley falava que o reggae ia cobrir o mundo como o mar cobre a areia. Conscientizar mais as pessoas pelo lado social. Hoje, agente faz um pouquinho. Hoje melhorou,

tem muita gente fazendo festa, criando muitos grupos. E não tem mais porque agente colocou que tem que pagar.

**Crescimento das festas de roots** - Quando tem as festas de robozinho, o bicho pega. Eles entram armados, entram pra fazer confusão. Nas festas de reggae roots, é mais difícil, porque todo mundo se conhece, é amigo, vai pra curtir o reggae. Tem uma diferença nestas festas. Os caras donos de festa, de clube, já tão aderindo ao reggae roots porque tão vendo que as festas que agente faz dá muita gente e é tranqüilo. Então eles começam a fazer essas grandes festas com reggae roots. Agente mesmo tá revendo pessoas que antes não iam mais nas festas porque não tinha mais o roots. Pros grandes, eles só querem quantidade, não querem qualidade. Então, mesmo que eles não queiram, tá crescendo muito.<sup>36</sup>

Característica do regueiro - São aquelas pessoas que agente não vê com violência, que curte o reggae, o reggae tá no sangue. Existem as pessoas que tratam o reggae com carinho, sem ser pelo lado da violência. Essas são os regueiros verdadeiros. São da paz. Mesmo sem ter a tradução do inglês, trata o reggae como um objeto com todo o carinho. Eu conheço gente que trata o reggae como se trata uma pessoa, tem gente que tem ciúme do material mais que da própria mulher. Tem gente que tem um baú de reggae e não deixa ninguém olhar.<sup>37</sup>

Sandra é de Bacabal, mas está em São Luís há 12 anos, hoje é uma das poucas DJs de reggae mulher. Durante o trabalho, observei apenas três mulheres que fazem a discotecagem de reggae. No grupo Star Roots da qual é DJ a cinco anos desde a sua fundação e também participou da fundação da Agrucorem, Sandra Marley coloca suas impressões sobre o reggae:

No começo tinha mais preconceito por ser mulher e achar que não sabia/entendia sobre reggae. Atualmente, respeitam mais. Nas festas não me colocavam para tocar ou então me deixavam por último. É um mundo muito masculino, mas, com competência, venho demonstrando que entendo e sou capaz.

É muito difícil porque trabalho o dia todo. No começo da fundação do grupo (AGRUCOREM) era mais gente, o pessoal quando vê que tem responsabilidade, saca fora.

Na hora de botar sequência, todo mundo quer, mas, pegar no pesado, todo mundo se sai, quando convidamos para as festas dos outros grupos.

Colocar vinil é muito mais complicado, porém, é melhor, não tem erro de sair música errada como os disquetes (MD), porque quando sai música errada, tem que ficar.

---

<sup>36</sup> Bioco, presidente do Grupo de Colecionadores Amigos do Roots

<sup>37</sup> Biné, do grupo Star Roots

No vinil você escolhe a música e pode escutar antes de tocar. Se arranhar o vinil é muito mais complicado porque são muito caros.

Em outro depoimento tomado de Carol, integrante do grupo Amigos do Roots do bairro do São Francisco, destaca como é importante para o grupo a realização das suas festas beneficentes e como o preconceito com o reggae pode atingir também o trabalho social que se pretende fazer a partir do movimento regueiro:

As nossas festas beneficentes são como um retorno que agente pensa em dar à comunidade. Querendo ou não as festas das mães é uma homenagem para as mães porque sabemos que as mães do bairro são hiper carentes e o presente que se dá pode até parecer bobagem, mas para elas, significa muito, significa tudo. Uma pessoa que passa o ano trabalhando, trabalhando, ganha pouco, mas que na festa recebe um prêmio, para nós é muito gratificante, é uma alegria. Uma vez fizemos uma festa agora recente, acho que em 2010, eu me lembro bem, e teve uma declaração da ganhadora que ganhou um tanquinho de lavar roupa (foi o melhor prêmio que conseguimos porque sempre dependemos do patrocinador) e ela disse assim: *“nossa, eu sempre venho na festa de vocês e hoje eu to sendo presenteada, minha alegria tá redobrada, para mim tá sendo o máximo”*.

É uma situação muito gratificante porque parece assim, que você passa o ano só recebendo lambada, ralando e nesse dia elas tiram esse dia para ser feliz, para se presentear. Agente se preocupa com isso: dar o retorno para a comunidade porque eles nos recebem muito bem, eles participam bastante e a maior parte das pessoas que estão lá é do São Francisco mesmo.

Sou operadora de turismo. Comecei no grupo Amigos do Roots em 2005, sendo que o grupo existe desde 2002. Comecei a freqüentar as festas do grupo em 2005. As melhores festas que o Amigos do Roots já fez, já promoveu, foi na Associação Renascença, localizada no São Francisco. Ali por ser um espaço aberto, amplo, aí você olhava que dava muita gente, grupos de famílias, pais, mães que levavam seus filhos pequenos, então eu sinto a diferença, todo mundo participa, tem aquela tranquilidade, paz, calma, as pessoas se divertem, relaxam, curtem a festa, porque você não vê confusão, muito raramente. Lá era o lugar que acontecia as melhores festas do Amigos, lá era muito família mesmo, e ficavam até 7, 8 da noite. AS melhores festas foram lá. Quem dera se o grupo tivesse dinheiro para adquirir um espaço assim, seria ótimo porque fora essas festas que acontecem que são poucas, teríamos um ano inteiro para trabalhar o social. Temos muitas idéias que falta colocar em prática não seria só fazer festa o ano todo, mas um trabalho social que sempre está em discussão nas reuniões entre os integrantes. Fazer um trabalho social mais sério, não só aquele da doação de final de ano no natal. Não é dizer que não é importante, é sim, mas queremos fazer um trabalho mais sério com crianças

adolescentes através do reggae, por que não? É uma forma delas saírem da marginalidade.

O São Francisco hoje tá com uma problemática sobre os espaços para a realização de festas, festas de reggae, não só do Amigos do Roots. Só tem o Espaço Aberto que é um espaço privado. Tem o Clube do Bento que pertence a uma associação de moradores que são realizadas várias festas através de aluguel e que era o local que os outros grupos utilizavam para fazer as festas e hoje tá com uma problemática de poder ou não poder fazer festa de reggae no local. O que eu to sabendo é que o problema é festa de reggae, qualquer outra coisa (aniversário, casamento, reuniões...) pode acontecer. O preconceito é com festa de reggae e são um ou dois vizinhos que reclamam, não são todas as pessoas. Eu queria era perguntar para esses vizinhos, não sei quem são as pessoas, uma vez é perguntar para eles (os vizinhos que não querem festa de reggae) iria perguntar para ele assim: se nós não fizermos a festa de reggae esse ano, se agente não conseguir arrecadar as toneladas de alimentos que graças a Deus conseguimos todos os anos, ele vai poder colocar no lugar e ajudar essas pessoas que agente ajuda com o maior prazer, só porque é festa de reggae? Se ele conseguir fazer esse milagre, nós não faríamos essa festa. E com tudo que ele arrecadasse ia poder ajudar. Eu fico muito triste em saber que agente corre esse risco pelo fato do Clube do Bento não receber mais festa de reggae e agente não vai mais poder ajudar essas pessoas que todo ano esperam por nossa doação, aguardam nossa contribuição. Só isso que eu queria perguntar, o que é mais importante para ele, ajudar o próximo ou acabar com o reggae na área do São Francisco?

A problemática que Carol coloca no seu depoimento reflete a dificuldade de percepção sobre as duas formas de reggae existentes na cidade e como uma visão mais global sem distinguir suas especificidades vai dificultando atividades e ações do movimento reggae *roots* para o social.

Durante a realização da pesquisa, houve uma constatação de uma ‘divisão’ dentro do movimento regueiro: *reggae roots x reggae eletrônico*. Essa divisão na verdade é bem complexa não se restringindo apenas ao aspecto do tipo de música, mas a tudo que ela vem envolvida. Essa divisão abrange aspectos simbólicos fortíssimos: a juventude (que gosta do ritmo mais rápido, produzido localmente e para muitos, de péssima qualidade) é alienada, não entende que é o reggae e são altamente manipuláveis e violentos. O *reggae roots* é para pessoas mais ‘cabeças’, que sabem da história do reggae, o valorizam e - principalmente – não há violência

nas suas festas. Essas questões são emblemáticas e há um pouco de razão em cada uma dessas afirmações, porém, não se pode generalizar e tão pouco menosprezar determinados aspectos em cada uma das vertentes do movimento do reggae.

Na vertente eletrônica, realmente se pode constatar atitudes de violência que ocorre nas festas. Alguns colocam uma parte da culpa na própria atitude dos DJs que fomentam uma disputa que não é saudável e acabam incitando a ‘massa’ com palavras que agitam ainda mais a competição entre as radiolas:

“A estrela não bate, espanca na qualidade”

“Carlinhos Tijolada, o fenomenal”

“Estrela do Som, a demolidora” – Frases ditas por DJs em festa da Estrela do Som.

“Marcus Vinicius, o violento na seqüência” – Chamada do DJ da radiola Itamaraty, que disputa com a Estrela do Som o título de maior e melhor radiola de reggae do Maranhão.

Observa-se neste pequeno espaço que palavras como ‘demolidora, violento, espanca’ fazem parte do vocabulário destas radiolas que justamente atraem o público mais jovem e este público mais jovem gosta de novidade, gosta do ritmo mais acelerado que tem a batida deste reggae produzido aqui no Maranhão, mesmo que seja de qualidade duvidosa. Na visita a uma festa de reggae eletrônico, é impressionante como a ‘galera’ veste realmente a camisa da sua radiola e dão altos gritos quando tocam determinada música de sucesso.

Fazendo uma comparação com outro ritmo musical analisado por sua capacidade de mobilizar, reunir grandes quantidades de pessoas e por estar na mídia, o funk carioca, analisado por Hermano Viana, o reggae na sua vertente eletrônica tem uma capacidade de aglomeração bem maior que a do reggae roots, bem como atinge uma faixa etária menor, de adolescentes até pessoas com 25 a 30 anos, tal qual nos bailes funk na periferia do Rio de Janeiro. Quando da sua análise sobre o funk ele explica sobre a capacidade que determinadas festas tem de exacerbar as emoções da massa:

Fenômenos de massa apresentam uma tênue fronteira entre ordem e caos, festa e tumulto. Mais: a fonte da diversão da festa parece consistir nesta perigosa proximidade. Não haveria tanta entrega,

agito, catarse, caso não houvesse tensão subjacente, o iminente perigo do possível descontrole”. (VIANNA, 1997: 50)

O perigo que ronda este tipo de festa acaba por gerar no imaginário da sociedade que tanto os bailes funk cariocas como as festas de reggae eletrônico deveriam ser restritas, ou melhor, proibidas. A vigilância é constante por parte dos organizadores que colocam vários grupos de segurança nas suas festas, e armados cada um com pedaços de pau enormes, como já tive oportunidade de verificar em uma festa que adentrei para observar. Porém, essa vigilância que ocorre tal qual nos bailes funk cariocas:

Não esconde sua fragilidade. Os organizadores de baile têm plena consciência da precariedade da ordem nesse tipo de manifestação coletiva, por isso estão sempre atentos a qualquer sinal de algo que possa vir a perturbar a ‘tranquilidade’ do baile. Mas todos reconhecem sua impotência. É impossível manter a calma no baile sem destruir o que ele tem de melhor: a euforia, a diversão explosiva, o delírio das massas. (VIANNA, 1997: 51)

A criminalização do reggae que é histórica conforme pudemos verificar nos depoimentos descritos em capítulo anterior, ele na verdade não acabou, apesar de que nos jornais como se pode verificar no item abaixo já é reconhecido como cultura. Essa dicotomia acredito continuará sendo uma constante no reggae, conforme depoimentos dos próprios regueiros do gueto.

Por outro lado, a capacidade que o reggae tem de unir, reunir e mobilizar uma quantidade impressionante de gente em suas festas, pode também colaborar na construção de uma outra atitude de comportamento, depende porém da capacidade, ou melhor, sensibilidade que esses grandes radioleiros e seus DJs podem ter. Coloco isso porque em uma determinada festa que fui coletar algumas informações, fiz questão de conversar preferencialmente com algumas pessoas que aparentemente vão à festa de reggae principalmente por causa da radiola. São o que chamamos de ‘seguidores’ ou mesmo ‘fãs’. Das pessoas entrevistadas, jovens e de periferia, eles estavam lá por que:

- “Me deixa muito emocionado”
- “Gosto de curtir”

- “A mensagem do reggae é de paz, amor e união. Vou para me divertir e não para brigar”.

Essas colocações nos fazem refletir que realmente o reggae ele é capaz de transmitir sua mensagem – mesmo que seja em uma língua que não compreenda – e feitas por jovens que aparentemente não curtem o reggae *roots*. Talvez esteja faltando uma ‘união’ – respeitando-se as diferenças – das diferentes vertentes do reggae, como colocado em depoimento acima por um entrevistado.

Essa dicotomia que há no reggae mais especificamente no bairro do São Francisco que está sendo analisado proporciona para as pessoas do movimento alguns questionamentos que colaboram no crescimento do reggae não apenas no seu aspecto turístico: de dança sensual, das grandes festas de radiolas, de bandas, etc, mas também e principalmente no seu aspecto organizacional que já nasce de inúmeras reuniões e discussões que acontecem periodicamente dentro do movimento organizado do reggae, vide a criação da Agrucorem e o estabelecimento de uma Comissão Integrada do Reggae. Tal situação será melhor desenvolvida no item 4.4.

#### **4.1 O reggae e o conflito social – da discriminação para o reconhecimento social: a re-construção da categoria ‘regueiro’**

*“Uno conoce que existe cuando se encuentra a sí mismo en otros”.*

Goethe

O movimento *roots* pode ser entendido dentro do contexto atual como uma ‘outra forma de fazer reggae, ou melhor, uma outra forma de se fazer ‘festa de reggae’. Há uma distinção. Quando vai se falar da diferença entre as festas de reggae ‘robozinho ou eletrônico’ e festa de reggae *roots*, os comentários são os seguintes: Na festa de reggae *roots*, as pessoas são mais maduras, tem um histórico no movimento, não há brigas nas festas. Por outro lado, nas festas de reggae eletrônico existe a violência, disputas altamente acirradas entre os discotecários e donos de

radiola. Pode-se dizer que este movimento *roots* é o lado A do reggae atualmente e que pode influenciar uma outra postura, uma outra concepção de vida, de atitude. O regueiro que historicamente sofreu o preconceito pode estar demonstrando que é diferente do que ficou convencionado ser o seu protótipo: ser pobre, preto, maconheiro. Essa tríade era e ainda faz parte de muito do imaginário da sociedade local.

A inserção da classe média como consumidora do reggae é reconhecida pelos regueiros como uma oportunidade de estar sendo demonstrado que o reggae não é música exclusiva de um determinado segmento da sociedade como colocado por alguns dos entrevistados do movimento. Por outro lado mesmo que eles reconheçam o lado positivo que é a classe média estar adotando agora também o consumo do reggae, continuam sentido certo estranhamento, ou melhor, preconceito, já que expressões como “filhos de papai, playboy” ainda são freqüentes quando se referem aos jovens que estão lotando determinados bares específicos para tal música. Uma ‘acusação’ que é freqüente e que não deixa de ser verdade é que “a classe média não entende de reggae como nós”, ou seja, vão muito pela moda, pelo que está no “auge”. Segundo Tolosana (1997: 60), todo grupo para criar uma identidade cultural tem que levantar fronteiras, classificar as pessoas, estabelecer limites. Estas são algumas das fronteiras que encontramos no movimento reggae roots. E, conseqüentemente tal separação, acaba levando para a discriminação que é o que acontece justamente com o movimento reggae periférico – tanto faz o roots como o eletrônico. A intolerância com o diferente deve ser sempre controlada.

Quando da realização de entrevistas em um bar chamado Chama Maré, localizado na praia da Ponta d’Areia, quase exclusivamente freqüentado pela classe média, o valor de entrada é de R\$ 15,00. Esse local é bastante freqüentado por este segmento e dentre as perguntas que fiz, destaque sobre se a pessoa se identificava como regueiro e quais locais que freqüentava. A maioria colocou que se identificava porque escutava a música e gostava da mensagem, da filosofia, que não tinha violência, tinha respeito. Geralmente é o que se escuta sobre a mensagem do reggae. Sobre os locais que freqüentavam, a maioria colocou justamente os bares que são para este segmento de classe média: bar do Nelson, Reviver, Trapiche e Chama

Maré. Os locais de periferia não foram citados, exceto um entrevistado que faz parte de grupo de colecionadores e está em todos os locais. Algumas pessoas chegaram a comentar que não tinham coragem de ir em uma festa de radiola de periferia por ter medo, receio da violência, além de também questionarem sobre a qualidade do reggae.

Essa demarcação de territórios que atua de forma não só imaginária, mas concreta parte justamente da identificação com algumas vertentes do reggae. Certamente a maioria dos frequentadores do Bar Chama Maré não sabem das festas de reggae dos grupos de colecionadores já que estas acontecem geralmente nos bares da periferia. Também não participam das grandes festas de radiolas de reggae eletrônico justamente pelo imaginário da violência que ronda ainda hoje o estigma do reggae de periferia. A identidade neste caso: “Pueden ser fuente de intolerancia y conflicto, pueden generar expresiones de discriminación, etnocentrismo, racismo y heterofobia” (Guerrero, 2002: 116)

Uma outra situação que é descarada e que perpassa pela questão do preconceito pela periferia é que geralmente nas festas de reggae da periferia a segurança oficial (da polícia militar) é muito ostensiva além de que as próprias licenças para a realização das festas passa por uma burocracia e uma desconfiança gritantes. Tudo isso porque no imaginário da sociedade, festas de reggae (da periferia lógico), o regueiro é marginal, é maconheiro, é preto. Por outro lado, as festas de reggae para a classe média, nos seus bares da moda (bar do Nelson, Chama Maré, Trapiche), não há uma vigilância tão grande, e – que ironia – o consumo da maconha é extremamente comum e sem nenhum tipo de constrangimento. Qualquer um sabe onde comprar e pode fumar sem ser molestado – além também do uso da cocaína. Enquanto isso, nas festas de reggae da periferia não verifiquei o consumo ostensivo da maconha em comparação como acontece nos locais de classe média, apesar de que sabemos que nos banheiros há um certo consumo de cocaína.

Vejamos abaixo mais alguns depoimentos:

Bioco, presidente do grupo Amigos do Roots

Tem o preconceito com o regueiro hoje?  
Tem sim, porque não vão conseguir banir. O preconceito tem com agente mesmo. Diminui mas não acaba.  
Porque existe o preconceito contra o regueiro?  
Pela atitude das pessoas que se diz regueiro e faz muita besteira que não é para ser feita. Vai pra um salão de reggae e quando sai, sai fazendo besteira. As pessoas acabam pagando por isso. Sai do clube e vai brigar fora, mas acabam dizendo que foi o regueiro, foi o reggae o culpado, para prejudicar. Acaba prejudicando os clubes, o movimento. Pessoal fala muito que o reggae traz a paz e a justiça, mas, como dizia Peter Tosh: “enquanto alguns homens clamavam por paz, eu clamo por justiça”, a paz é fruto da justiça. Mas, o reggae foi tão forte que hoje, inclusive a cidade é conhecida como Jamaica Brasileira.

Cabeça Roots, do grupo Star Roots:

A galera deveria freqüentar o roots para ver como esse movimento é mais sadio, você não vê confusão, briga por qualquer coisa, é um papo diferente.

Preconceito dentro do movimento – Tem sempre aquele que quer ser melhor que o outro e o reggae não é isso. Quanto mais humilde você for no reggae é melhor. Ele tem a vantagem e a desvantagem. Às vezes você chega ‘é o cara’ e depois vem a Babilônia e te fecha. O reggae é assim, já vi casos que as pessoas já nem ouvimos falar. O movimento do reggae roots é solidário. Quando participava do Grupo Freedom, teve uma festa que fizemos beneficente, no GDM e arrecadamos muita coisa, acho que foi a maior festa beneficente que já foi feita, ‘na ponta da agulha’.

Araújo, policial militar e frequentador de festas de reggae:

Como o movimento o regueiro se utiliza muito da maconha, falam de paz e harmonia, os ‘dj’ falam da paz; acredito ser um movimento sério, unido pois quando há algum dentre eles (pessoas importantes do reggae) necessitando ajuda, eles fazem festas para angariar recursos para ajudar.

Biné, presidente da Agrucorem e do grupo Star Roots:

Tem o preconceito até hoje. Por exemplo, na própria delegacia de Costumes agente vai tirar uma licença para o reggae, tem aquela burocracia. Para o forró não tem, mas quando fala para o reggae, existe esse ‘embaçamento’. Falam que no reggae vai marginal.

Silvio, do grupo Quarentões do Roots

O reggae é muito discriminado por pessoas que não gostam do reggae, não freqüentam e ficam falando besteira na minha opinião.

Agente que gosta e frequenta, sabe que não é nada disso que falam. Primeiro falavam que era coisa de pobres, de preto, mas, agora a coisa mudou porque agente olha muito ‘filho de papai’ rico, no reggae. Antes era lavador de carro, empregada doméstica, hoje não, é playboy... acho bom porque cresce o movimento. Quanto mais frequentarem melhor.

Violência acontece em todas as festas, mas, como o reggae é discriminado, eles falam que acontece só em festa de reggae. Agente vê muito isso é em reggae eletrônico. No reggae eletrônico, na minha opinião, os próprios DJs ofendem um ao outro no microfone, falam dos outros DJs de radiolas. Eles contribuem também para essa violência, essa briga. Uma disputa de preferências de um DJ para o outro, de radiolas.

Ser regueiro é gostar de paz, de ir para a festa se divertir, gostar das músicas, ouvir a melodia, sentir a melodia da música e não ter essa disputa. Outra coisa que não gosto hoje é que o reggae virou mercado. As pessoas tão indo para o reggae não porque gostam, mas para ganhar dinheiro. Para mim isso não é ser regueiro. Quem gosta de reggae para ganhar dinheiro não é regueiro. Regueiro é quem vai para se divertir, para ouvir as músicas.

O preconceito que existe hoje no meio do reggae não deveria existir. Tem que haver respeito pelo trabalho do outro.

DJs - Eles deveriam fazer que nem o DJ de roots, coloca a música e dá o alô para alguém, anuncia alguma festa que vai acontecer. Eles ficam é xingando que fulano é fraco, que dono de radiola falou isso, falou aquilo, que sicrano é fraco, não tem música, eles incentivam a violência. Tem que pegar como exemplo DJ de reggae roots. A mensagem do reggae é de conscientização, não é disso.

Dj Valdinei, apresentador de programa de rádio:

Discriminação/preconceito rola ainda, o pessoal da Classe A não vai curtir o reggae no Túnel do Tempo. As pessoas dessa classe ainda vão alguns no Roots Bar.

Reggae contribuição – ele não fez e faz nada porque o poder público não vê o reggae como cultura. Até agora ele é um estilo musical como outro e é discriminado. Ele só vai fazer parte para a sociedade a partir do momento que as autoridades reconhecer ele como cultura.

A CIR não funciona porque eles não abrem espaço para a comissão. Eles só querem reggae para ganhar voto. O que podemos fazer ainda é a festa social, e pior é que ainda não é reconhecido.

No depoimento descrito acima de Silvio, se vislumbra uma postura mais respeitosa com o diferente, prefigura uma posição não ‘tolerante’, mas, solidária, de entendimento, que como coloca Tolosana (1997: 89) é possível: “ (...) sin dejar de ser uno es posible comprender al otro, que podemos acercarnos, empatizar y comunicar con todo y cualquier extranjero siempre que haya deseo genuino, capacidad de visión abarcante, esfuerzo y, obviamente, generosidad altruista”.

## **Visita ao Bar Raízes da Ilha, localizado na Avenida Litorânea**

Mais um ‘*point*’, um local de curtidão para a juventude da ilha de São Luis. O bar raízes começou a apresentar nos dias de quinta-feira o *reggae roots*, com a presença da DJ Nega Glícia e a Orquestra Invisível. A estrutura de som é uma normal – caixas de som e amplificadores, conectados em dois notebook. São dos dois computadores portáteis que saem as músicas tocadas pela orquestra invisível e pela DJ Nega Glícia. A Nega Glícia, como já está no termo, é negra, já a orquestra invisível é composta por dois jovens adolescentes, brancos e aparentemente de classe média.

Nesta visita percebi que os pré-conceitos realmente estão embutidos em cada um de nós. Durante a visita a este bar, de predominância de jovens de classe média, estava um rapaz que me foi apresentado. Este quando lhe questionei se ele se considerava regueiro, disse que sim por que: “Me considero regueiro porque ouço reggae, vou no reggae, curto, conheço os cantores de reggae, as músicas e tenho uma formação que me permite conhecer qualidade nos reggae que escuto”.

Logo, percebi que também fui com todo um imaginário pejorativo pelos frequentadores de reggae da classe média.

Transcrevo abaixo uma visita a uma festa beneficente realizada em outro bairro da cidade, que demonstra que ao mesmo tempo em que há uma união da turma do *reggae roots* que vai onde estiver acontecendo um evento para poderem se encontrar, escutar, dançar, também há a responsabilidade coletiva, a solidariedade que move este segmento da população e que como aconteceu em um bar que geralmente acontece eventos mais populares não é frequentado por pessoas da classe média que também dizem curtir o reggae roots:

## **Festa Beneficente no Palácio da Seresta, São Cristóvão, dia 14 de novembro de 2010**

Organizada para arrecadar fundos para colaboração no tratamento de Celso que teve um acidente automobilístico. A festa organizada pelo próprio, não teve um bom público, comparecendo no local alguns representantes de grupos de colecionadores. Segundo um dos que compareceram ao local, a festa hoje para dar público, tem que ter mídia, ou seja, tem que haver uma boa divulgação.

Interessante que mesmo percebendo a festa com pouco público, os presentes fazem questão de ficar um pouco, beber, em solidariedade ao companheiro (inclusive consumindo a cerveja). Cada um chega trazendo seu 'equipamento de trabalho' os MD (disquetes) para a maioria e os vinis - só para o caso quando tem a estrutura montada para tal já que o equipamento é diferente, e porque não dizer mais caro já que exige dois pratos.

Os nomes dos DJs (Nlson Roots, Maluco Brown, Biné Roots, Fernando Roots, Luiz Pedra, Aranha Roots, Tonho Roots, Sandra Marley, Luizinho Pedra, Chico Pedra) se referem sempre a algo relacionado ao reggae. Presença de um novo grupo de colecionadores da área do São Francisco, Mistura de Raças.

A participação de cada grupo, colocando suas sequencias, traduz concretamente que essa organização de grupo de colecionadores reforça um sentimento de solidariedade, irmandade, união que a maioria das pessoas do movimento pregam para o reggae.

### **O percurso do reggae na mídia**

Analisando as chamadas nos jornais escritos que tratavam sobre o reggae desde o ano de 2004, observa-se que no início a maioria dos títulos referia-se a algum incidente (morte, brigas) acontecido tal como:

Jornal Pequeno:

4 dez. 2006 - Gangue mata estudante em festa de reggae no Gapara

19 out.2004 - Chacina no reggae – Desordeiro mata três pessoas e deixa outra em estado grave

9 jan. 2006 – Gangues do Piquizeiro e Novo Angelim fazem acerto de contas em festa de reggae.

30 jun. 2007 – Festa de reggae no local - O achado de cadáver foi comunicado à polícia, que acionou peritos do Instituto de Criminalística (Icrim).

21 nov. 2006 – Confusão e quebra-quebra aconteceu em clube de reggae. O “bicho pegou” à madrugada de ontem, no Tibirizinho, e nem mesmo a polícia escapou ...

Jornal Estado do Maranhão:

06/05/2007 - Jovem é assassinada na saída de reggae

15/05/2005 – Jovem mata pai adotivo, após discussão em festa de reggae

13/07/2005 – Festa de reggae acaba em homicídio

A partir do ano de 2007, chamadas sobre o reggae já não constavam de forma tão acintosa e também elas pularam das páginas policiais para constarem no caderno de Cultura, tanto com informações sobre eventos, como shows e outros eventos relacionados ao reggae. Começou a consolidação e também uma aceitação do reggae como parte da cultura local, apesar de ainda aparecerem alguns textos criticando o título de Jamaica Brasileira para a ilha de São Luis.

## 4.2 Símbolos e discursos na revitalização identitária e política no bairro do São Francisco

*“En Antropología no basta investigar las condiciones de existencia, las premisas básicas emotivas o las manifestaciones externas de um suceso o fenómeno (...). en nuestra disciplina buscamos, al menos algunos, las especificaciones profundas, esto es, la razón cultural última, la tensión entre la comprensión y la acción, entre el discurso creativo y el ser (...). intentamos, en una palabra, tocar techo humano”.*

***Carmelo Lisón Tolosana***



*O orgulhoso Cabeça Roots em sua residência no São Francisco, integrante do grupo Star Rots (Fonte: Lucimar Carvalho)*

Biné, presidente da Agrucorem e do grupo Star Roots:

O bairro do São Francisco é o que tem mais grupos, quatro. Esses grupos foram surgindo, alguns saíram de uns grupos e fundaram outros, por exemplo, saindo do São Francisco e formando um no bairro Altos do Calhau. Mas, tudo em paz. Eles fazem os encontros lá (Altos do Calhau) e chamam os daqui (São Francisco). Fazem encontros São Francisco e Altos do Calhau. Movimento de grupo, de festa mais forte é aqui no São Francisco. O Amigos do Roots conseguiu fazer a festa com mais público.

Dj Valdinei, apresentador de programa de rádio

O São Francisco naquela época não existia Ilhinha, não era tão marginalizado como é hoje, então o nome do São Francisco é mais pelo próprio Espaço Aberto. Ele foi não volta mais. Hoje não tem um bairro de referência. Eu não sou muito ligado a essa época que não vivi. Sei o que foi, o que me falam. De 94 pra cá que comecei a freqüentar reggae.

O bairro do São Francisco é justamente o bairro onde está localizado o clube de reggae mais famoso: o Espaço Aberto. O histórico do Espaço Aberto, já colocado nos depoimentos, exerceu um grande impulso para o reggae se instalar definitivamente em São Luís. Nas décadas de 80 e 90 foi o seu auge, em que políticos e artistas famosos quando visitavam a capital, faziam questão de ir conhecer o local. Porém, já na década de 90, com o aumento da violência, ocorreram várias situações que acabaram levando ao seu fechamento, além da morte do seu principal DJ, Antonio José, o Lobo. A pressão da sociedade ao redor foi muito grande porque brigas eram constantes além de acontecerem alguns casos de morte no próprio local. A morte de Antonio José também foi um marco na história do reggae. Foi ele um dos grandes estimuladores do reggae, da forma de fazer discotecagem e agradar ao público. Pode-se afirmar segundo comentários de pessoas que vivenciaram o reggae nesta época que foi Antonio José o responsável pelo sucesso do Espaço Aberto na década de 80 e começo da década de 90. Atualmente não há um DJ que se possa dizer que seja quase unanimidade no mundo do reggae local.

O sucesso da Estrela do Som, radiola da Companhia Espaço Aberto foi a alavanca para que Ferreirinha seu dono, almejasse uma cadeira na Câmara de Vereadores de São Luís, o que acabou conseguindo. Porém, seu desempenho como vereador não foi muito bem visto pelos seus eleitores e apesar dos seus esforços para se reeleger, não aconteceu. Quando da realização das eleições locais se pensava que ele fosse realmente ganhar novamente, porém, os comentários era que realmente ele não agradou aos seus eleitores. Já com Pinto da Itamaraty, que começou também como vereador, foi diferente, conseguiu se reeleger e hoje está como deputado federal pela segunda vez.

Essa inserção na política de pessoas oriundas do segmento do reggae tem suas implicações em todo o movimento regueiro. Os que mais se sobressaíram na política – Pinto da Itamaraty que vingou e Ferreirinha da Estrela do Som, que ficou – são os dois maiores donos de radiola do Maranhão. Foram eleitos justamente com o discurso de que eram representantes da massa regueira. Mas, eleitos foram, nada ou quase nada fizeram para o segmento propriamente dito, principalmente no quesito de tentar quebrar os preconceitos sociais e econômicos daqueles que fizeram o reggae do Maranhão ser o que é hoje e ser o que estas duas figuras e outros mais são hoje – poderosos donos de negócios e políticos. Segundo algumas informações, Pinto da Itamaraty como deputado federal colabora em determinadas festas e eventos do reggae que não são dele e continua a todo vapor com sua companhia Itamaraty e já está anunciando a criação de uma radiola para tocar só ‘roots’. Ferreirinha atualmente não tem mandato eletivo e vive da sua Companhia Espaço Aberto. Assim considerando a prática das duas figuras, pode-se entender então que a identidade regueira foi utilizada em proveito próprio, foi apropriado determinado discurso – já que eles foram eleitos com o discurso de que era para a massa regueira ter seus representantes também no parlamento – para alcançar determinado grau de poder na sociedade.

#### Segundo Cabeça Roots:

Política – se o cara é representante não pode falar mal do reggae. Criaram uma lei que o reggae virou cultura no Maranhão. Quando tem eleição e tem um representante do reggae, eu voto nele. Eu não leio muito, mas acho que o reggae um pouco mais de respeito depois que temos representantes lá.

Essa Comissão Integrada do Reggae (CIR) só nasceu porque criamos a Agrucorem.

Não vi nada que o poder público fez para a melhoria do reggae. E olha que em época de campanha política a maioria deles fazem música em estilo de reggae, mas nenhum sobe no palanque para dizer que tem algum projeto de melhoria para o reggae nos seus discursos.

O que poderiam fazer mais? Ter mais apoio nos *point* de reggae; o poder público poderia financiar, ajudar na burocracia para abrir um negócio, tirar documentos, que é muito difícil.

Voltando para o Espaço Aberto, antes local de realizações de grandes festas contínuas de reggae, hoje sobrevive muito aos trancos e barrancos e o próprio

local não é utilizado periodicamente como antes. A radiola precisou sair do seu local para garantir sua sobrevivência. As festas que dão maior público no espaço aberto são: Festa da Recordação (geralmente no 2º domingo de agosto) e o Reggae do Lobo (no 2º Domingo de setembro). Apesar disso tudo, o clube continua no imaginário de todos como o clube que fez muito para o reggae ser o que é hoje no Maranhão.

Para termos uma noção do que representa clube o Espaço Aberto para o reggae, caímos ‘em campo’ naquela que é uma das maiores festas de reggae roots no Estado: a Festa da Recordação. Neste ano de 2011, a festa ocorreu no dia 13 de agosto, um sábado à noite, em que a lotação do clube foi máxima, inclusive os portões tiveram que ser fechados já que não comportava mais gente, o que gerou muito descontentamento por parte de quem não conseguiu entrar no clube. Porém, antes da festa propriamente dita, no sábado à tarde foi realizada as eliminatórias para o concurso do melhor reggae da festa, concurso que já existe desde o início da festa, ou seja, a 26 anos. O concurso historicamente é sempre muito concorrido, e aberto a quem quiser participar e colocar suas sequências. Segundo o organizador, Ferreirinha, o concurso até três anos atrás era feito com fitas e passou a ser com discos de vinil. Os concorrentes deste ano foram 8, nenhuma mulher, sendo que no ano de 2010 foi uma mulher que venceu juntamente com outro o concurso. Uma pessoa foi desclassificada porque seu disco estava ‘pulando’, ou seja, não estava bom para ser escutado.

Os jurados são praticamente os mesmos desde quando iniciou o concurso, a base são os integrantes do grupo Amigos do Roots, do bairro do São Francisco: Bioco, sua esposa Francinete e Reboca (Ribamar). Essa ‘base’ dos jurados não é muito bem vista por alguns críticos do concurso com quem conversei durante a realização do concurso que comentam que deveria haver um ‘rodízio’ de jurados, o que acaba por afastar muita gente de concorrer. Na edição deste ano cada participante tocou duas músicas e dois foram classificados para a final que ocorreu no domingo, dia 14, à noite durante a realização do ‘restante’ da festa. Os concorrentes são na sua maioria participantes de grupos de colecionadores. Este ano segundo alguns, ‘foi fraco’ porque no ano passado foram 17 concorrentes.

A festa realmente merece o título de melhor festa de reggae roots que é realizada no Maranhão, um recorde de público e de bilheteria. Este ano além dos DJs da casa (Carlinhos Tijolada e Paulo Henrique), duas equipes de vinil estiveram presentes para agitar o evento. Segundo alguns depoimentos a festa permite rever os amigos, fazer novos. A casa Espaço Aberto é realmente a casa da música. Aproveitando a possibilidade de conversar com aquele que é muito falado, Ferreirinha, aquela figura que todos reconhecem possibilitou o reggae do Maranhão ser referência, troquei umas palavras com ele e depois uma entrevista mais aprofundada:

Segundo Ferreirinha, a festa da Recordação na verdade foi criada para comemorar seu aniversário que é dia 12 de agosto, o ano de início foi em 1985. Segundo ele quem não conhece o Espaço Aberto não conhece o reggae, a casa é o ‘templo do reggae’, uma escola. Para ele o público tem que ser ‘agitado’ nas festas, tem que dançar e tem que agitar. Sobre a onda de reggae eletrônico que tirou muito do brilho e da mística que tinha as festas de reggae roots a partir da década de 90, foi o desaparecimento das bandas de reggae na Jamaica, o que segundo ele foi o ‘jeito ir para o reggae eletrônico’, o reggae produzido aqui.

Voltando ao concurso de reggae, voltei ao clube Espaço Aberto no dia seguinte, domingo a noite, para acompanhar a grande final do concurso. Foram dois os finalistas: Herbete – Beto Roots do grupo Jah Man Collection, e o outro concorrente Márcio Roots, um rapaz deficiente, com alguma dificuldade para andar e falar e sem vinculação com nenhum grupo de colecionadores. Fiz uma pequena entrevista com os dois:

#### Herbete – Beto Roots

Este foi o meu primeiro ano que participei. Estou participando porque o grupo começou a investir mais em discos. É uma emoção muito grande ficar para a final de um concurso tão grande que é o concurso da Festa da Recordação do Espaço Aberto. Estou no grupo a quatro anos, mas já colecionava reggae. Frequento o Espaço Aberto a uns vinte anos. É uma festa muito importante, é um marco que ajuda no resgate do reggae roots.

## Márcio Roots

Moro no São Francisco e participo deste concurso desde 94, e já ganhei uma vez. Não faço parte de grupo de colecionador. Estar na festa de reggae significa muita coisa boa para mim, é estar em paz com Deus, de bem com a vida, eu gosto de reggae. O reggae significa paz espiritual. Eu tenho problema, mas quando escuto reggae, eu esqueço os problemas, esqueço até o que eu sou. A festa em si significa um encontro de pessoas, de raças, de amigos. O Espaço Aberto é o templo da música reggae. Hoje contribui até de mais e contribuiu muito até hoje. Eu coleciono reggae desde 89 e como moro aqui sempre vim no Espaço Aberto. Mas, eu não me acho um regueiro. Regueiro é aquele que gosta de reggae e 'rala' para ir no reggae, é o verdadeiro trabalhador. Regueiro é aquele que sempre e só escuta reggae.

O final do concurso: O Márcio Roots foi merecidamente o ganhador do concurso e de R\$ 1.000,00 (um mil reais).

Analisando a quantidade de grupos de colecionadores de reggae que existe em São Luis, conforme já colocado acima em um depoimento, o bairro do São Francisco é o único que tem 4 grupos: Amigos do Roots, Star Roots, Quarentões do Roots e o mais novo, Mistura de Raças. Podemos, porém destacar que o grupo que mais atinge público em suas festas é o Amigos do Roots, que fazem geralmente 3 festas durante o ano e que são muito aguardadas: uma no dia das mães, a outra no aniversário do grupo dia 7 de setembro e a festa de final de ano dia 15 de novembro. Eles têm uma organização muito séria e gostam de fazer tudo bem programado e articulado. Acompanhei alguns encontros deles para organizar suas festas que descrevo abaixo com alguns destaque que desenvolverei mais adiante:

### **Reunião do Grupo de Colecionadores de Reggae – Amigos Do Roots, do Bairro do São Francisco**

Presentes 15 integrantes, sendo 6 mulheres. O objetivo da reunião era discutir a festa beneficente que iriam fazer dia 28 de novembro.

Discussão primeiramente sobre a festa do grupo. Dificuldade de 'fechar' o clube. Organizar/fechar as principais datas do grupo com determinado clube. Contrato/recibo para evitar de não conseguir aluguel de clube.

Preço da cerveja será R\$ 3,5 reais, menor que o valor das outras festas de reggae.

Gravação da mídia para rodar as chamadas para a festa.

Os patrocinadores locais seriam os de sempre.

A camisa será branca.

Colocaram sobre uma briga no último festival, 'pega mal para o grupo', porque gostam de comentar mal sobre o grupo. Se tiver vestido com a roupa do grupo, evitar brigar. "É uma marca na costa maior que agente". "Com a camisa do grupo não". Bêbado tem que saber se controlar. Evitar qualquer tipo de briga, independente se tá com a camisa ou não.

### **Reunião dia 23/11 no clube da festa**

Definiram que a decoração na sexta à noite do clube, cerveja (preferível a antártica), a Brahma é muito cara.

Haverá uma reunião próxima quarta-feira para definir tudo da festa.

- O grupo se interessa para agregar mais pessoas ao grupo, não deixam só uma pessoa ser responsável.

- A festa como forma de divulgar o grupo

- Identidade do grupo muito fortalecida.

Algumas colocações na reunião que destaco:

- Os DJs do grupo tem que ir nas festas de reggae que são convidados para levar o nome do grupo.

- O grupo tem que bater palma para seus DJs, os do grupo; bate palma para DJ de fora (bate lata)

- Eu me sinto, quando não batem palma, reclamam de seqüência.

Conflitos por não apoiar os DJs do grupo. O grupo tem que se manifestar. Sempre tem reclamação. O grupo tem que dizer quando a seqüência não tá boa; o grupo tem que dançar; o DJ tem que seguir o outro (do grupo) na seqüência boa.

Discussão sobre as seqüências dos grupos (quebrar ou não); quantidade de reggae para cada DJ nas festas; acordar antes nas reuniões sobre a quantidade de músicas.

A frase que destaco acima, de um dos integrantes do grupo: “É uma marca na costa maior que agente”. “Com a camisa do grupo não”, revela que a identidade do grupo é extremamente demarcada e exaltada, é na verdade um símbolo para eles que não deve ser corrompido, aviltado. O sentido antropológico desta exaltação e constatação é notório e deve ser destacado neste trabalho. Faz parte da construção da identidade social de um grupo – partindo-se do enfoque construtivista e relacional – o estabelecimento da marca do grupo, que age sobre o imaginário e o ser das pessoas do grupo.

A identidade como ‘regueiro’ é estabelecida assim de forma dialética, em contato com os outros grupos – podemos neste caso contrapor ao reggae da vertente ‘robozinho ou eletrônico’, pois segundo Guerrero (2002: 101):

La identidad forma parte de una teoría de las representaciones sociales que dan sentido al proceso de construcción simbólica del mundo social. (...). Todo proceso de construcción de la identidad se inicia con la necesidad de autoreflexión sobre sí mismo, la mismidad, que hace referencia a la imagen o representación de un “si mismo”, que nos permite decir yo soy” esto o “nosotros somos”.

Por ser dialética, relacional, a identidade ao mesmo tempo em que constrói o sentimento de pertença, constrói outro de diferença, o que não sou, ou não somos, o que muitas vezes pode em algumas vezes ser exacerbado, gerando conflitos e tensões. As tensões digamos fronteiriças, não devem servir porém como verdadeiros campos de batalha, são fronteiras imaginárias que existem porque há as diferenças, há as delimitações de espaço social, no entanto não são estáticas:

Estas fronteras simbólicas no pueden ser vistas como inmutables, no porque estaríamos construyendo una visión esencialista de las mismas; al contrario, son construidas como demarcaciones sociales e imaginarias que pueden transformarse acorde a los niveles relacionales que establecen los grupos entre sí, puesto que no existen identidades culturales fijas, sino que éstas, están sujetas a una dialéctica socio histórica continua, que modifica a su vez las fronteras simbólicas que delimitan nuestras pertenencias y diferencias. (Guerrero 2002: 103)

No colocar de um componente de outro grupo de colecionadores, o Silvio, do grupo Quarentões do Roots, também do São Francisco, ele não vê porque haver essa divisão, esse contraste:

Na verdade o que tá acontecendo é uma divisão que não era pra ter. Entre o roots e o reggae eletrônico que surgiu agora. Os que gostam de roots não gostam do eletrônico, eu particularmente não gosto de todos, só de alguns.

Agora, renasceu o roots com os grupos de colecionadores e apareceu essa divisão. Tem também agora o New Roots, quem toca vinil não gosta do new roots, quem toca o new roots não gosta muito do vinil porque diz que é a mesma música sempre. Não deveria ter essa divisão, porque aí aumentaria mais o movimento, mas, infelizmente...

É uma colocação que não opõe ‘o outro’ de forma violenta, mas que reconhece as diferenças e as respeita. A diferença aí não é caso para o rechaço, mas para reconhecimento e delimitações de gosto, é como nos coloca Guerrero (2002: 116), “en este sentido la identidad permite a quienes hacen uso de ella fortalecer la cohesión social; sirven como aglutinadores de un grupo para dotarlo de una visión colectiva compartida”.

Neste sentido, a identidade do regueiro ‘roots’ foi e é utilizada como estratégia para se contrapor ao discurso pejorativo e discriminador, principalmente no que tange não só restrito à categoria regueiro, mas também à categoria periferia, São Francisco, Ilhinha, tido hoje como um dos bairros mais perigosos da cidade de São Luís.

### **4.3 As potencialidades do reggae – implicações na e para a sociedade local**

O reggae tem uma potencialidade impressionante, porém que não é ‘bem’ explorado. Para termos uma idéia de sua abrangência social e econômica, transcrevo na seqüência como se deu algumas atividades relacionadas ao movimento reggae: reuniões de grupo, da Associação, festa beneficente realizada pelos grupos. Também transcrevo algumas informações de programas de reggae transmitidos por rádio.

### **Reunião da Agrucorem dia 06/11/2010, realizada na sede do grupo Gdam**

O presidente fez a leitura das regras para adesão à Agrucorem, leitura das normas para alteração entre grupos e para a criação dos mesmos. Após a aceitação de todos, passou-se para os avisos de festas e atividades.

O grupo de colecionadores do Altos do Calhau informou sobre a realização de um bingo beneficente em prol de um integrante de um grupo que estava necessitando de dinheiro para realizar um exame. Alguns colegas compraram as cartelas, mesmo não podendo ir para o evento.

### **Reunião Agrucorem em 05 de fevereiro de 2011, na Sede do Gdam**

Primeiramente o presidente, Biné, reclamou da pouca quantidade de pessoas na atividade do bairro do Anjo da Guarda para angariar doações para as vítimas da enchente no Rio de Janeiro. Tornou a falar sobre a necessidade de ter que haver mais participação dos grupos nas atividades da AGRUCOREM.

Um dos grupos faz o convite para a sua festa e faz questionamentos: por que a maioria dos grupos não vão na festa de dois grupos específicos: o ícones e o time. Ninguém comenta nada e o presidente informa que os grupos inadimplentes vão ficar sem atividade pela Agrucorem.

Passam então a palavra para o Capitão Araújo da Polícia Militar que atualmente está na direção de uma unidade de recuperação de menores infratores vinculado ao governo do Estado, chamada de Unidade da Maiobinha. O Capitão Araújo lançou uma proposta à associação efetuar em parceria com a direção da unidade, uma atividade de reggae com os menores internos, para ele “é através da linguagem do reggae que vamos construir cidadania”... “devemos pensar juntos, construir juntos com a associação uma proposta de atividade com o interno”. Surgiram alguns questionamentos sobre o perfil do interno, e quando foi respondido pelo capitão que era de jovens adolescentes, foi colocada pela secretária da Agrucorem que esse perfil de jovem gosta mais do reggae ‘robzinho’ que do reggae

roots. Para tal colocação o capitão respondeu que “não podemos pensar por eles; não podemos estigmatizar os jovens, dizer o que gostam o que não gostam”.

O grupo do Amigos do Roots, colocou que cada grupo faz um trabalho social no seu bairro, então pode levar para a Funac (a unidade que abriga os menores) o que cada grupo faz e levar para eles isso.

Após essas colocações, abriu-se espaço para que o presidente do grupo Gdam, o coordenador do bloco de reggae, fosse falar sobre como estava a questão dos abadas (a camisa), horários e programação de quem iria tocar. Nas suas palavras:

O reggae tá indo para uma área nobre da cidade. Tem que levar os grupos, a presença tem que fortalecer esse segmento (a associação). Temos que sair do gueto e ocupar espaços. Quem modificou isso foram vocês e não é por isso que vai se deixar de ir nestes lugares. Para chegar o reggae depois da ponte do São Francisco, foi um avanço, uma conquista do reggae. Tem que atentar que são dois tipos de públicos: o de periferia e o de classe média e tem gostos diferentes, tem que tocar um pouco diferente, tem que colocar sequências para agradar.

Também colocou: “Pinto que tá apoiando, mas ele tem seus interesses. Os cara (os cantores que estão vindo) são gueto na Jamaica também.”

Surgiu a idéia de fazer uma ala só para os grupos de colecionadores.

Agradeceram a presença do Capitão Araújo na reunião e o presidente da Agrucorem ficou de retornar o contato depois que ele fizesse uma reunião com a direção da Agrucorem.

### **Programas de Rádio:**

a) Rádio Difusora FM 94.3 – Apresentador Marcus Vinicius. Programa: Radiola Reggae. Patrocinador: Itamaraty

No dia 06 de outubro/2010, alguns dias após a realização das eleições, durante o programa houve algumas manifestações de figuras do movimento regueiro

sobre o resultado das eleições. Houve a candidatura de diversas pessoas que provem do segmento regueiro ou tem alguma forma de ligação com ele. A manifestação que mais chamou atenção foi de Luis Fernando, que falou a respeito da perda que tiveram os regueiros com o fato de não terem sido eleitos para deputado estadual duas pessoas próximas ao reggae por problemas deles mesmos. Creio que o recado foi para Ferreirinha da Estrela do Som.

No mesmo programa de rádio que é exclusivo da Radiola Itamaraty, no programa exibido no dia 04 de abril de 2011, após a realização de uma festa em que tocaram duas radiolas, a Itamaraty e uma outra radiola da cidade, geralmente nestas festas é realmente uma disputa pela radiola que toca mais ‘pedras’, que tocam com melhor qualidade, que tem o DJ que faz mais a galera vibrar, no final das contas houve desentendimentos entre os donos das duas radiolas, sendo que o dono da radiola Itamaraty é também deputado federal, e foi assim que se expressou assim no programa de rádio:

- O ... (dono da outra radiola) misturou as coisas, o fato de ser deputado é resultado do reggae. Foi o povo, o regueiro que me conduziu ao Congresso.
- O reggae é isso mesmo. O torcedor é fanático. É torcedor da sua radiola.
- A pedra é para dançar, não é só para ouvir. Para turma gritar, dançar, vibrar. Não é festa de comadre.”

b) Rádio Cidade FM – 99.1, produzida pela Cia Espaço Aberto, com a radiola Estrela do Som.

Vai ao ar das 20 às 22horas apresentado por Anderson Rodrigues, o programa é Star Reggae. Frases como: “Estrela do som, a gatinha demolidora”. “Um show de pedra para você”. O programa basicamente toca reggae eletrônico, produzido em São Luis e cantado por cantores locais e/ou por cantores que imigraram como Sly Fox da Jamaica. Colocam muitos anúncios de festas nos variados locais de São Luis e interior.

c) Rádio Mirante FM 96.1. Programa Reggae Point, apresentado pelo DJ Valdiney.

É autônomo, sem ligação com nenhuma grande radiola, toca também reggae de bandas brasileiras. Toca mais o *reggae roots* e dá algumas informações

sobre festas do mesmo estilo de reggae. Em entrevista a investigadora ele define qual a linha do seu programa:

A linha do programa é o new roots, o roots antigo, o tradicional, tentei mudar algumas vezes, colocar ska, mas não deu, não é preconceito. Por exemplo, com o reggae eletrônico, mas ele é disperso, não é feito com qualidade. Ele é métrico, a qualidade do reggae eletrônico feito lá fora é bem diferente, é superior. Desde 80 que fazem esse reggae eletrônico lá fora de qualidade, aqui é de fundo de quintal, um inglês insuportável. Eu não classifico a música feita aqui de reggae. Se existe uma árvore genealógica para o reggae: ska, ... reggae, o que é feito aqui não é reggae, é tecno-reggae, não é roots, é um reggae escroto.

O movimento reggae hoje conta com a Comissão Integrada do Reggae que tem como objetivo juntar vários segmentos do reggae (donos de bares, de radiolas, grupos, comerciantes, órgãos públicos) com o intuito de potencializar a 'veia turística' do reggae. Transcrevo abaixo depoimento de Rosangela, artesã que é dona de uma pequena venda de objetos artesanais e que também confecciona objetos com a temática do reggae como camisetas, bolsas, chaveiros:

Faço parte da Comissão Integrada do Reggae, eu e a Riso (que também vende camisetas de reggae na feirinha da Praia Prande), e que também fazem parte a Agrucorem, uma agência de viagem, associação de bares e restaurantes, representantes da rede hoteleira, é um grupo grande, representante de radiolas, de DJs... é a 'cadeia produtiva do reggae'.

O lado empresarial tem interesse? Sim, gera renda para eles. O turista que vem também ver o reggae, se hospeda, vai no restaurante, etc. Tem um 'tour' turístico pelo roteiro do reggae, os bares, o mini museu de Natty, o salão de beleza, a ONG do garotinho beleza. Os turistas vão à tarde no bar para colocar disco e se sentir 'DJ'. Alguns bares estão melhores, ampliaram com o dinheiro que conseguiram de empréstimo através de facilitação da prefeitura.

No final do roteiro eles trazem o turista para a feirinha. No comércio de roupas/objetos a CIR não propicia uma articulação, isso fica para nós mesmos buscarmos espaços para vender.

Há os pontos de cultura na Liberdade, que trabalham com o reggae, como o Neto de Nanã e Garotinho Beleza. Os donos de bar ainda não deram oportunidade para agente expandir.

Em algumas festas, agente leva o material que pode não sair muita coisa, mas fazemos encomendas e isso gera renda.

O reggae tem força, falta oportunidade. No dia que foi o dia do reggae na comemoração do aniversário de São Luis, foi a CIR que

organizou e foi bom. Também deram uma barraca para vendermos e vendemos muito.

Se tiver mais apoio, mais incentivo, tende a crescer mais.

Particpei de uma reunião da Comissão Integrada do Reggae (CIR) e deu para perceber algumas divergências entre os integrantes, além de uma certa preponderância do órgão municipal (Secretaria de Turismo) na tomada de decisões e na articulação:

Dia 22/03/2011, a partir das 15:15 horas na Secretaria de Turismo do município.

Presença de integrantes da comissão representando: artesãos da feirinha, bandas de reggae, dj's, secretaria de turismo, GDAM, dono de bar.

Primeiramente a discussão decorreu em cima de onde ficaria alojado um 'museu' do reggae, que estará sendo patrocinado pelo Sebrae. A proposta de ser no bar Chama Maré não foi visto por alguns como um bom local, pela distância. Qual seria o local? Gueto x Chama Maré?

Nega Glícia coloca que estes locais, vão passar, são temporadas, tem seu tempo específico. Onde ficaria então este acervo se fechar o bar depois do investimento?

A secretaria colocou que não há espaço disponível pela prefeitura. O espaço que foi disponibilizado foi o Chama Maré e é um espaço do 'reggae', não é um espaço personalizado.

O GDAM disponibilizou se espaço, porém tem que colocar segurança à noite.

A secretaria informa que haverá uma pessoa preparada/formada para dar informações sobre o acervo.

O GDAM diz que tem tudo a haver o seu espaço pela localidade/história/cultura.

Definiu-se que na próxima reunião se divulgará onde ficará o acervo.

O segundo tópico (dado pela secretaria) é sobre o 5º seminário do Reggae. Pensar sobre o seminário.

O GDAM defende o nome seminário porque criar outro nome é complicado, há a dificuldade nos seminários anteriores; polêmicas; a proposta nossa é não só rever o passado, mas focar no presente e no futuro.

A secretaria diz que deve-se pensar o reggae como produto turístico. Deve-se falar s/ o futuro, não debater zangas. Qualquer segmento da cultura tem e pode contribuir. Propomos que o reggae seja um dos carros chefes do turismo. O reggae é do gueto, mas o pensamento tem que estar 'lá em cima'.

"Essa separação tá na cabeça das pessoas", mas o reggae turístico não pode pensar assim, não pode ter essa disputa gueto x elite. O turista vai conhecer toda a realidade. Todo mundo tem que ajudar. Essa diferença é inútil para o reggae, não traz nenhum benefício. Todo mundo tem uma experiência boa para contar.

O pessoal do reggae roots discrimina o reggae eletrônico.

Nega Glícia - agente não pode vender os olhos porque a diferença existe. Existe essas duas realidades, porém se pode trabalhar com essas duas estruturas. Agente identifica a realidade dessas duas estruturas.

A Secretaria de Turismo informa que o guia estará bem informado: “você turista vão olhar como o reggae é, onde ele é vivido...”, então os guias vão falando tudo. Nós sabemos que o reggae é vendável. As pessoas sabem que receber bem as pessoas vai ajudar. Adão do GDAM – nós somos poucos que acreditam nesse projeto (CIR) comparando com os que estão lá fora. Muitos não acreditam. Mas nós acreditamos que podemos fazer e chegar tal qual a Bahia fez. O reggae é um produto comercial. As pessoas pensam muito no imediato.

Secretaria de Turismo – quando a coisa começar a andar e dar certo eles vão se aproximar. Tudo isso aconteceu com os ritmos que vieram do gueto.

Adão do GDAM – nós fizemos o carnaval do bloco e não tivemos muito apoio do gueto. Eles não apostaram. Outro desafio, sair do gueto para a praia. Colocamos Sly Fox..., não era nosso gosto, mas era o gosto do regueiro.

Secretaria de Turismo – devemos quebrar paradigmas, trazer gente nova para o reggae. O reggae não quer ser discriminado, mas, discrimina. O tema do seminário (dias 10 e 11/05) quer lincar com os 400 anos da cidade. Sugestões de temas agente que falar de futuro. Receberemos até a próxima reunião as sugestões.

O ponto três da reunião é sobre a marca da CIR. A pessoa que fizer a marca será em forma de doação para a CIR. A marca da CIR tem que andar por conta própria. A marca não vai poder ser mexida por ninguém. Vai assim se desvincular da prefeitura/grupo político e não vai poder ser mudado. Será escolhido por concorrência/votação.

Guerreiro (integrante da CIR) – não deve ser apenas um prêmio pela arte que criou, é desvalorizar o artista.

Adão do GDAM – explica que não se tem dinheiro, recurso para isso. Tem que ser na base da solidariedade.

Guerreiro – nunca teve dinheiro para nada. Agente tem que entender que não ‘tamo’ falando com bairro, gueto, mas ‘tamo’ falando com governo, que nunca teve dinheiro para a comissão.

- Percebo uma crise de identidade: é governo ou organização independente?

Ponto 4 – a Secretaria de Turismo informa que tem um projeto chamado turismo na escola que tem a inclusão do reggae. Estamos atrás de pessoas para dançar para mostrar para as crianças.

Foi terminada a reunião com o fim da pauta da Secretaria de turismo.

De acordo com as informações acima, o movimento reggae está crescendo e está se descobrindo um ‘nicho’ que ainda estava restrito à periferia e que o poder público começa a atentar para as possibilidades que pode usufruir. Porém, para termos uma idéia que não há uma política cultural dentro dos nossos governos (na esfera estadual e na esfera municipal) que percebam nossas potencialidades.

O reggae sempre foi visto, ou mal visto, porém com o crescimento de bares para o consumo do reggae para a classe média, aparece também o local para onde encaminhar o turista que chega aqui com o imaginário que chega na 'Jamaica Brasileira'. A nossa política cultural está restrita a vislumbrar o reggae apenas como produto turístico e não cultural, já que não aparece a secretaria de cultura envolvida no processo. Isso está implícito na fala de um dos integrantes da secretaria na reunião assistida conforme descrito acima, podendo-se correr o risco de colocar o reggae como mais um aspecto 'folclórico' e 'estático' que cultural.

Por outro lado, nas 'profundezas' das atividades do reggae, podemos elencar uma cadeia produtiva que realmente faz perceber o reggae com um potencial que poderia ajudar os seus próprios frequentadores ou 'consumidores' a melhorar suas condições econômicas. Em cada festa de reggae envolve:

- Produção de mídia para divulgação
- Divulgação (carros de som, programas de rádio)
- Aluguel da radiola (com suas imensas caixas de som)
- Material descartável (copos, papel, material de limpeza)
- Segurança para a festa
- Gastos com as licenças das secretarias
- Bebidas (cerveja, refrigerante, água)

Ou seja, é uma estrutura que se percebe não custa menos que R\$ 3.000,00 (três mil reais) para a realização de uma festa, e que já percebe já existe todo um pessoal que frequentemente é acionado para a realização destes eventos. Por exemplo, no bairro do São Francisco as festas de reggae frequentemente são animadas pelas radiolas do próprio bairro, a compra da cerveja é feita em um depósito que sempre fornece para festas, a segurança também já é feita com uma empresa específica, assim como a produção e veiculação da mídia é feita por pessoas do próprio bairro. Se as pessoas têm a noção do que pode ser melhorado para o reggae, a tendência é que se tenha um retorno econômico em uma atividade cultural que inicialmente foi feita para criticar o sistema capitalista hegemônico.

#### **4.4 Dançar e sentir: construindo outras percepções e sentidos a partir do reggae**

Quando do início deste trabalho havia algumas informações soltas que instigaram a um aprofundamento do complexo mundo do reggae em São Luís. Mais especificamente o São Francisco é sem sombra de dúvida, regueiro. Porém o reggae é mais, muito mais e se pode comprovar isto no decorrer do trabalho. Outra percepção sobre o reggae foi criada e comprovada. O regueiro, aquele que está principalmente na organização, no movimento do reggae, é um sujeito crítico, observador, também solidário e participativo. Uma das ações que não pode ser registrada neste trabalho foi a Escolinha do Reggae, no bairro da Liberdade, periferia também de São Luis e reconhecidamente um bairro de tradição regueira. Lá funciona a Associação Dança Educacional e Cultural Garotinhos Beleza, uma instituição criada para realizar trabalhos sociais, educativos com crianças e adolescentes a partir do reggae, realmente uma iniciativa que poderia estar sendo até mesmo incentivada e mantida pelos grandes donos de radiola e clubes de reggae. Mas, cada situação que vamos conhecendo no decorrer do trabalho corrobora com o título deste item: construindo outras percepções e sentidos a partir do reggae.

Talvez o poder público apenas com a Secretaria de Turismo envolvida neste processo de discussão sobre política pública seja pouco, ou melhor, é pouco diante de tudo que foi colocado nos itens anteriores sobre o reggae. É caso para que a Secretaria de Turismo, Secretaria de Trabalho e Emprego, Secretaria da Saúde, Educação... estivessem envolvidos e articulados. Não há como negar a quantidade de pessoas que o reggae consegue atingir e então o que dizer o que poderia ser feito a nível de sociedade se fossem desenvolvidas políticas públicas a partir deste segmento?

Bom, mas, enquanto o poder público é invisível para este segmento, somente aparecendo quando quer barrar determinada festa ou então a presença dos policiais para averiguar as licenças e a ordem nas festas de reggae da periferia, o próprio movimento, se movimenta. A estigmatização e criminalização do reggae, tal qual com os bailes funks cariocas, faz surgir reações questionadoras, indignadas, como pudemos observar em depoimento tomado sobre a presença das drogas em

determinados bares para a classe média: “Nas festas de classe média também usam e ninguém fala nada, porque eles tem dinheiro e o regueiro não tem dinheiro”. Biné Rots.

Tal qual mesmo questionamento feito sobre o uso de drogas no Rock in Rio: “as pessoas são mais condescendentes com as práticas criminosas quando o evento é voltado mais para as classes médias e altas” (Vianna 1997: 74), ou seja, as transgressões como o uso de drogas é bem mais tolerado nos bares para a classe média da capital. Essa percepção, questionamento e indignação são justamente gerados a partir das discussões ocorridas dentro do movimento regueiro. O interessante é que isso se caracteriza como uma forma de participação, conscientização e engajamento fora dos ditos ‘movimentos sociais’ tradicionais, ou seja, a partir de um movimento cultural, descentralizado e sem pretensão inicialmente político-partidária.

Quando se começa a discutir o reggae a partir do ponto de vista do movimento regueiro discriminado, estigmatizado e por que não demonizado por parte da sociedade, incluindo aí e principalmente dos órgãos públicos, aparecem situações, novas formas de apresentação e colocação para a sociedade: um bloco do reggae em pleno carnaval de São Luis, por exemplo, foi uma novidade que estabeleceu já uma ‘quebra’ de protocolo no quesito festividades. Questionamentos por parte de alguns setores da sociedade aconteceram, porém, o bloco do reggae foi para a rua, e melhor, ele acabou indo parar justamente neste ano de 2011 juntamente com outros blocos ‘maiores’ no circuito Litorânea. Para o movimento regueiro isso foi um grande ganho, uma visibilidade antes não vista, já que para alguns ‘o reggae atravessou a ponte, saiu do gueto e foi parar na área nobre da cidade’, um feito que foi extremamente aplaudido principalmente pelo movimento roots reggae.

Essas relações um tanto conflitantes para Anibal Quijano parte justamente das relações desiguais de poder que foram historicamente criadas a partir do sistema colonial implantado por estas bandas e que atualmente se concretizam nas relações culturais também desiguais. O movimento regueiro aparece assim como um movimento cultural que questiona as relações desiguais a nível cultural e também

social. Tenta subverter uma relação historicamente subalterna e de dominação a partir do seu próprio meio, da sua própria subjetividade, a chamada ‘subversão cultural’ com sua forma própria de sentir, de ser, de sonhar. A identidade regueira surge assim como uma forma de se impor e contrapor a uma relação cultural subservil e que tornou-lhes invisível por séculos. A forma como o ludovicense (principalmente o negro e pobre) se apropriou do reggae como uma cultura sua, é significativa e traduz um sentimento de querer ser, estar, aparecer, para a sociedade de forma igual e ao mesmo tempo diferente. Tal qual como afirma entre outros autores, Bhabha vê que o hibridismo - que caracteriza a nossa cultura regueira - acabou por ser um novo espaço de enunciação que permite redesenhar essa geometria do poder que há muitos vigora, permitiu a criação de um espaço que contesta essa hierarquia de poder – cultural (Bhabha, 1998).

Quando o regueiro do gueto vê como bom que o reggae chegue às classes mais favorecidas como forma de que assim ele não seja mais ‘demonizado’, soa um pouco utópico, porque as próprias relações entre sociedade/poder público com o reggae de classe média é bem mais conivente e aceito do que com o reggae da classe periférica. Porém, pouco a pouco o movimento regueiro do gueto aparece e se mostra como diferente e com proposta. A utilização de mídia própria e também a inserção na mídia comercial colabora para que o reggae seja percebido com ‘outras miradas’. A realização de eventos beneficentes onde outros segmentos sequer fazem algum tipo de manifestação é uma estratégia utilizada para demonstrar que o ‘reggae é solidário’ e capaz de propiciar o surgimento de novas relações, mais solidárias e porque não, mais democráticas. A realização de eventos beneficentes, seja para ajudar determinada pessoa de dentro do movimento que está necessitando de ajuda, seja para arrecadação de mantimentos em prol de determinada comunidade/instituição são constantes e fazem parte do calendário de festas de cada grupo e também da Agrucorem (Associação dos Grupos de Colecionadores de Reggae do Maranhão). Esse discurso do reggae solidário que o reggae roots anuncia como uma das características do movimento vem justamente ratificar a idéia de Foucault que coloca que os discursos não existem no vazio, eles não são estéreis, mas sim que aparecem em conflito com outros discursos (reggae = marginal) e práticas sociais, sempre e sempre, em relações de poder.

A forma como é organizado o reggae roots é bem exemplar para uma nova forma de participação e democracia. Os grupos de colecionadores que surgiram a partir de grupos de amigos que se juntaram para escutar seus reggaes, tomou uma outra forma organizacional, com presidente, secretário e tesoureiro. Cada grupo tem sua própria forma de organização, com normas e regras. A Agrucorem por seu lado também está legalizada, com estatuto e a diretoria que é eleita periodicamente. Nas reuniões assuntos corriqueiros são tratados, como já foi colocado em itens anteriores as pautas de algumas reuniões em que participei. Conflitos, porém são constantes já que mesmo dentro de determinados segmentos as idéias não são iguais, surgindo, no entanto, uma riqueza de construção de formas de organização entre pessoas que não estão acostumadas a esta forma tais quais militantes dos movimentos sociais. Esse talvez seja um trunfo do movimento que conta com originalidade e independência para continuar realizando seu trabalho.

Essa inserção do movimento reggae na agenda cultural governamental possibilita assim que novas formas de relações culturais sejam criadas - mesmo que restrita ao âmbito do turismo – em que segmentos marginalizados (cultural e socialmente falando) contribuam para um processo de mudança social em que emirjam as identidades consideradas menores ou inferiores pela sociedade local.

Por outro lado, enquanto não se almeja na sociedade o reconhecimento para o movimento, integrantes dos grupos de colecionadores de reggae do bairro do São Francisco, como o Amigos do Roots, Star Roots e Quarentões do Roots, vêm no reggae uma forma de viver e ver a vida, de compartilhar momentos e traçar objetivos. O bairro do São Francisco surge como um local de referência para estes grupos, de ligação do passado com o presente através do clube Espaço Aberto e das festas solidárias que acontecem aonde conseguirem espaço para as realizarem.

## CONCLUSÕES – Considerações Finais

Durante todo o desenvolvimento do trabalho a cada evento que participava, a cada conversa tida com os colegas do movimento se descortinava uma outra visão do reggae, a do reggae com proposta, com convicção, com missão, com coração. Esse lado do reggae despercebido na sociedade maranhense está aí, palpitando para vir à tona, para ser festejado, expandido, compreendido. Na fala de cada pessoa que deu seu depoimento sobre o reggae está latente o sentimento de pertencer a algo grande, de estar conectado através da música reggae a uma dimensão maior que só pode ser expressado através da dança aos pares ou ‘solto’, das roupas, da forma como colocam uma ‘sequencia’ nas festas, como manuseiam seus discos preferidos, do ciúme com seu material, com a necessidade humana de fazer algum destaque mais pessoal, enfim, com sentimentos extremamente profundos.

Podemos distinguir então uma ‘comunidade regueira’ que se apresenta através de todos estes aspectos simbólicos únicos, próprios, criados a partir de fusões linguísticas, culturais, religiosas e filosóficas oriundas da região do Caribe-Jamaica, que se expressam e concretizam através do movimento reggae. Diferenciando-se este segmento por suas especificidades no quesito gênero (cabe mais aos homens a condução dos caminhos do movimento), geração (há conflitos entre o reggae roots e o reggae chamado eletrônico, sendo este voltado mais para a juventude e aquele à geração que hoje conta com 40, 50 anos), e étnico (o reggae de periferia é bem mais forte, mais frequentado e sofre maior preconceito). O discurso da comunidade regueira existente no bairro do São Francisco é bem articulado, próprio, autêntico, sem intermediações ou interferências externas. Nasce justamente da vivência numa periferia pobre e violenta, estigmatizada mas nem por isso triste, sofredora. Muito pelo contrário, os finais de semana são de festa, de festas em qualquer canto da cidade onde estiver acontecendo uma festa de reggae roots ou de grupos de colecionadores.

Observar e em alguns casos estar dentro dos conflitos existentes no universo do reggae possibilitaram uma compreensão, ou melhor, um cuidado mais

apurado durante o processo de investigação social. Sentimentos como ciúme, traição, inveja, raiva acabaram por tirar um pouco do entusiasmo por cada descoberta, cada depoimento tomado, cada amizade feita dentro do movimento. Aprendizado do fazer antropológico. A descoberta de histórias do bairro do São Francisco e de seus antigos moradores foi um achado, além de figuras como o Cabeça Roots, que colocou para fora toda a emoção, amor, que ele sente pelo reggae e proporcionou um grande material sobre as várias facetas do reggae. A articulação que o reggae conseguiu fazer a partir de figuras como Henrique Chaves, Lucas Freire, Biné, dentre outras importantes pessoas, conseguiram construir uma estrutura participativa e democrática que foi a fundação da Agrucorem que congrega vários grupos de colecionadores de reggae roots. Essa estruturação ainda desconhecida da sociedade reflete uma necessidade que o reggae tinha de se organizar e assim dar uma maior potencialidade ao reggae roots. Uma representatividade necessária frente aos órgãos públicos.

Encontramos como elementos potenciais do reggae a sua característica filosófica original (ainda que sem a prática do rastafarismo por estas terras) que se desdobra nos eventos solidários e na sua forma de se articular dentro e para fora do movimento. Esse elemento por si só poderia ser uma possibilidade de construção de formas de relações mais solidárias e fraternas na sociedade se os próprios donos de radiolas e os órgãos públicos se atentassem para este lado mais humano e não só econômico. Poderia dizer que o discurso do ‘reggae solidário’ que o grupo Amigos do Roots do São Francisco, a própria Agrucorem e outras pessoas do movimento almejam para o reggae seria uma quimera se não estivesse realmente presente nas suas práticas, apesar de que a idéia não seja apropriada por aqueles que estão numa ‘escala’ maior ou ‘superior’. Por outro lado, o econômico é justamente o elemento que mais move o reggae e o coloca com um potencial para ser ‘explorado’, ou melhor, ‘mal explorado’ já que o lado econômico aliado ao político é apropriado apenas para benefício de alguns. Essa apropriação do movimento por pessoas com pretensões individuais acaba sendo um empecilho para que o movimento se fortaleça e seja tratado com dignidade e o respeito que merece pela sociedade.

Na verdade, a visão do reggae muito restrita a um segmento e de situações de violência que ocorrem em qualquer festa popular, obstrui a visão do

reggae solidário que mobiliza corações e pessoas, que tem um certo engajamento e rumo político, tem um potencial econômico e social. A realização das variadas festas de reggae solidário feitas tanto pela Agrucorem como por seus grupos filiados nos permitiu destacar neste trabalho essa faceta do reggae que na minha opinião deveria ser melhor explorada e potencializada através de parcerias tanto com os órgãos públicos como com a sociedade em geral. Isso porém somente seria possível se barreiras fossem quebradas e o caminho ainda é muito pedregoso.

Nos deparamos neste trabalho com situações colocadas por nossos interlocutores que se concretizaram no decorrer destes tempos: o preconceito e a estigmatização ainda está presente na sociedade maranhense inclusive nos órgãos públicos que deveriam primar pelo direito de todos os segmentos da sociedade. A fala de pessoas pertencentes a órgãos públicos já descritas neste trabalho denuncia uma visão meramente comercial, não cultural, não social. Posso concluir que o próprio poder público usurpa simbolicamente o reggae em benefício de uma visão restrita de poder político, já que ele colocando o reggae como produto turístico estaria ‘elevando o reggae’ a uma política cultural, nada mais errôneo já que os caminhos trilhados, particularmente, são equivocados, mal traçados. A classe média por sua vez vai fortalecendo seus ‘points’ para curtir o reggae, com comodidade e segurança enquanto que a ‘massa regueira’ se contenta com banheiros completamente inadequados, isalubres, bares inseguros e uma verdadeira ‘*via crucis*’ para conseguirem um alvará para funcionamento de suas festas.

Articulando as situações descritas acima, o bairro do São Francisco, periférico, de situações tão adversas, mas também de onde surge pessoas com idéias solidárias poderia ser então local de realização de projetos onde se estimulassem oficinas de confecção de caixas de som, bijouterias e roupas com temáticas do reggae, dança, locução para pretendentes a DJ’s, curso de língua inglesa para saber o conteúdo das músicas de reggae, dentre outros. Tudo isso desde uma perspectiva de formação de pessoas com noções de cidadania, ética, dentre outros atributos que fomentem um ser humano mais humano.

A música reggae que é híbrida de outros sons, nasceu também numa conjunção de idéias e cores diferentes, sendo o tom negro o mais preponderante. A diáspora caribenha não só se estendeu para o continente europeu, mas também na forma de som, de música, ela chega por estas terras e aqui é adotada pela população que se 'identifica' com seus pares jamaicanos, com suas periferias e preconceitos. Jah Rastafari no entanto não conseguiu adepto nos corações e mentes dos regueiros de São Luis, a mensagem chega, porém, a maior mensagem vem através da música, da melodia. A mensagem é profética e possível, falta só cativar mais mentes e corações.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict, *Nação e consciência nacional*, Ed. Ática, São Paulo, 1989.
- BHABHA, Homi, *O local da cultura*, Ed. UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- BRANCO, Washington Luis Rio, *Política pública, território e proteção ambiental: o processo de palafitalização da Laguna da Jansen, em São Luis – MA*, In: PORTO, Iris Maria Ribeiro; CASTRO, Claudio Eduardo de (org), *Abordagens geográficas das multiplicidades dos espaços maranhenses*, Editora UEMA, São Luis, 2010.
- CAILLOIS, Roger, *L'homme et le sacré*, Gallimard, Paris, 1989. Tomado de PEREZ, Lea Freitas. *Antropologia das efervescências coletivas: Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas*. IN: PASSOS, Mauro (org). *A Festa na vida: Significado e Imagens*. Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro, 2002. p. 15-58
- CANCLINI, Nestor Garcia, *Globalización e Hibridación Cultural: La globalización: Productora de culturas híbridas?* Disponível em <<http://www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.html>>
- COSTA, Rogério, “Reggae: de tesouro da Jamaica a ritmo popularizado no Maranhão”, Trabalho apresentado no III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA-Bahia, maio de 2007.
- DURCKEIM, Emile, *Les formes élémentaires de La vie religieuse*, Paris, PUF, 1985, 7 éme édition. Tomado de PEREZ, Lea Freitas. *Antropologia das efervescências coletivas: Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas*. IN: PASSOS, Mauro (org). *A Festa na vida: Significado e Imagens*. Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro, 2002. p. 15-58.
- FERRETI, Sergio, “Contribuição cultural do negro na sociedade maranhense”. Trabalho apresentado em Mesa redonda no Curso de Letras da UFMA, São Luís – Maranhão, 09 de outubro de 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) *Brasil afro-brasileiro – 2 ed.*, Autentica, Belo Horizonte, 2001.
- FREIRE, Karla, *A trajetória do reggae em São Luis: da identificação cultural à segmentação*. Disponível em <[www.uepg.br/revistafolkcom/actual/artigos/revfolkcom07b%20](http://www.uepg.br/revistafolkcom/actual/artigos/revfolkcom07b%20)>
- GEERTZ, Clifford, *La interpretación de las culturas* (1973), Editorial Gedisa, Barcelona, 2006<sup>a</sup>.
- GUERRERO, Patricio, *Corazonar una antropología comprometida con la vida: “Nuevas miradas desde Abya-Yala para la descolonización del poder, del saber y del ser”*, 1<sup>a</sup> edición, Fondec, Asunción-Paraguay, 2007.

\_\_\_\_\_. *Antropología y Cultura: una mirada crítica a la identidad, diversidad, alteridad y diferencia*, 1ª edición, Ediciones Abya-Yala, Quito-Ecuador, 2002.

\_\_\_\_\_. *Usurpación simbólica, identidad y poder*, Ed. Abya-Yala/ Universidad Andina Simón Bolívar/ Corporación Editora Nacional, Quito-Ecuador, 2004.

HALL, Stuart, *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, 1ª edição, Editora UFMG, Belo Horizonte-Minas Gerais, 2009.

MONTESINOS, Rafael y MARTÍNEZ, Griselda, *Las rutas elementares de la cultura*, disponível em <<http://www.uam.mx / difusion / revista /dic01ene02 /monte sinos.html>>

MORAIS, Maria do Carmo Lima, “A invenção da expressão “Jamaica Brasileira””, em *Revista Cambiassu*, ano XVIII, n.º 4, São Luís-Maranhão, janeiro a dezembro de 2008.

MORAIS, Maria do Carmo Lima e ARAÚJO, Patrícia Carla Viana de, “O reggae da Jamaica ao Maranhão: presença e evolução”, Trabalho apresentado no IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, UFBA-Bahia, em maio de 2008.

OLIVEIRA, Paulo Rogério Costa de, *Da repressão a movimento de massa: reggae, mídia e estetização política*, Disponível em <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=view&path%5B%5D=604>>

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de, “Identidade étnica, identificação e Manipulação”, *Sociedade Cultura Revista de Ciências Sociais*, ano 6, n.º 2, Goiania, Brasil, 2003.

PACHECO, João Batista, *O ambiente urbano de São Luís - Ma: relações sócio-espaciais dos agentes de construção e modelagem do bairro do São Francisco* / João Batista Pacheco. - São Luís, 2002. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) – Universidade Federal do Maranhão, 2002.

PEREZ, Lea Freitas. *Antropologia das efervescências coletivas: Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas*. IN: PASSOS, Mauro (org). *A Festa na vida: Significado e Imagens*. Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro, 2002. p. 15-58

POUTIGNAT, Philippe, *Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart*. Tradução de Elcio Fernandes, Fundação Editora da UNESP, São Paulo, 1998.

RABELO, Danilo, *Rastafari: identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981*, Tese UNB, Brasília, 2006.

RAMIREZ, Liliana, *Hibridez y discurso en los estudios literarios latinoamericanos contemporaneos*, Disponível em <<http://res.uniandes.edu.co/view.php/248/index.php?id=248>>

RESTREPO, Eduardo, *Teorías contemporáneas de la etnicidad – Stuart Hall y Michel Foucault*, Ed. Universidad del Cauca, Colombia, 2004.

ROSALDO, Renato, *Cultura y Verdad: La reconstrucción del análisis social*, 1ª edición, Ed. Abya-Yala, Quito-Ecuador, 2000.

SANSONE, Lívio, *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações racias e na produção cultural negra do Brasil*, Trad. Vera Ribeiro, Edufba, Pallas, Salvador, 2003.

SILVA, Angela Saraiva, *No embalo das canções: um estudo sobre a música regueira no Maranhão (1980-2006)*, Monografia UEMA Departamento de História e Geografia, São Luis-Maranhão, 2006.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. *Ritmos da identidade: mestiçagens e sincretismos na cultura do Maranhão*. Carlos benedito Rodrigues da Silva. – São Luís: SEIR/FAPEMA/EDUFMA, 2007.

\_\_\_\_\_. Carlos Benedito Rodrigues da. *Da terra das primaveras a ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural*. São Luís: EDUFMA, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu, *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 8 ed – Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 2008.

TOLOSANA, Carmelo Lisón, *Las máscaras de la identidad: claves antropológicas*, 1ª edición, Editorial Ariel, Barcelona-España, 1997.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina, (orgs.) *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*, 1ª edição, Jorge Zahar Ed, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_, Gilberto (org), *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, 3ª Ed. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2006.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. 2 ed., Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1997.

WIKIPÉDIA, enciclopédia livre. São Luís (Maranhão). Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/São\\_Luís\\_\(Maranhão\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/São_Luís_(Maranhão))

### **Sites pesquisados para retirada das letras de músicas:**

<http://www.letras.com.br/burning-spear/old-marcus-garvey>

<http://www.vagalume.com.br/the-gladiators/marcus-garvey-time.html>

<http://www.letras.terra.com.br/bob-marley/24591/traducao.html>

<http://www:letras.terra.com.br/bob-marley/153546/traducao.html>

## **ANEXOS**